

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O. DA VEIGA FERREIRA (1917-1997): SUA VIDA E OBRA CIENTÍFICA

João Luís Cardoso¹

O Doutor O. da Veiga Ferreira nasceu em Lisboa a 28 de Março de 1917, tendo falecido nesta cidade a 14 de Abril de 1997.

Mais velho de seis irmãos, seu Pai morreu tinha ele vinte anos, depois de ter sido afastado da carreira militar, por envolvimento na revolta monárquica de 1919, tendo participado na ocupação da serra de Monsanto, em Lisboa (**Fig. 1**). Cedo obrigado a ganhar a vida, matriculou-se no então Instituto Industrial de Lisboa. Entretanto, distinguiu-se como desportista, tendo praticado hóquei em patins, pugilismo, futebol (Sporting Club de Portugal, Académica de Coimbra, Académica de Santarém e União de Lisboa) e "rugby", de que foi internacional, pelo Belenenses e pela equipa do Instituto Industrial. Antes do ingresso no Instituto Industrial, cumpriu o serviço militar no posto de sargento, por ter-se relaxado na apresentação atempada às autoridades, em Tancos e no Algarve, desempenhando depois funções de oficial radiotelegrafista da Marinha Mercante. A emotiva ligação ao mar, que manteria até ao fim da vida, teria sido muito mais forte caso não tivesse sido impedido de enveredar pela marinha de guerra, por familiares monárquicos que consideravam esse ramo das forças armadas dominado por republicanos.

Obtido o diploma de Engenheiro Técnico de Minas, em 1941, casou, nesse mesmo ano, com Maria Luísa Fernandes Bastos, de quem viria a ter duas Filhas, Seomara, nascida em 1942 e Ana Maria, em 1945.

O seu primeiro emprego, concluído o curso, foi na Comissão Reguladora do Comércio dos Metais (1941), transitando em 1944 para a Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos e, em 1950, para uma das suas subdirecções-gerais, os Serviços Geológicos de Portugal, de onde se aposentou em 1987. Foi nessa grande e bela casa, de tradições centenárias, que veio a desenvolver notável actividade, que, justamente, o transformou numa das figuras de referência incontornável da Arqueologia nacional e peninsular (**Fig. 2**).

Como técnico de Geologia e Minas, foi chamado a colaborar em prolongados estudos e trabalhos de campo, com destaque para os de cartografia geológica, no decurso dos quais teve oportunidade de desenvolver os seus dotes de observação e de satisfazer a sua insaciável curiosidade científica. Neste aspecto, assumem particular importância as sucessivas campanhas de cartografia geológica das ilhas açoreanas, integralmente levantadas ao longo de esforçados trabalhos, em companhia de Georges Zbyszewski e dos colectores António Rodrigues e Leonel Rodrigues. Destas missões guardou saborosas recordações, mais ou menos dramáticas ou caricatas – como aquela em que constou em Lisboa, ter toda a missão geológica desaparecido, engolida pela erupção dos Capelinhos – que contava com prazer (**Fig. 3**).

A intensa actividade de campo proporcionou-lhe a descoberta de importantes estações e monumentos arqueológicos, que, depois, na medida das possibilidades que as chefias lhe concediam, procurou explorar, recorrendo, ao

¹ Prof. Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).



Fig. 1 – Eng. Rogério Augusto Caldeira da Veiga Ferreira, pai de Octávio da Veiga Ferreira (1894-1937).



Fig. 2 – Aspecto geral da sala de Arqueologia dos Serviços Geológicos de Portugal, na altura em que Octávio da Veiga Ferreira começou a frequentar a Instituição, na década de 1940.



Fig. 3 – O. da Veiga Ferreira, à esquerda, e G. Zbyszewski, à direita, tendo como pano de fundo a bela paisagem vulcânica de uma das ilhas dos Açores, em um momento de descontração dos trabalhos de levantamento geológico do arquipélago. Segunda metade da década de 1950/inícios da década de 1960. Ao lado, desembarque do Carvalho Araújo no Funchal, em 1967. Atrás, o colector Rodrigues.

longo dos anos, a diversificada colaboração para tal efeito. Neste contexto, encontrou particular apoio e interesse por parte do seu antigo Director e Amigo pessoal, o Eng. António de Castello Branco, o que lhe permitiu desenvolver, com relativa liberdade, tais actividades. Estas eram também acarinhadas, na medida do possível, pelo seu imediato superior hierárquico, o Doutor Georges Zbyszewski (1909-1999), eminente geólogo e, ele próprio, arqueólogo pioneiro, em Portugal, do estudo sistemático das indústrias paleolíticas existentes nos terraços fluviais e nas praias antigas do litoral português, iniciado com Henri Breuil, em 1941. Com Octávio da Veiga Ferreira viria a estabelecer uma relação de profunda amizade, de mais de cinquenta anos, que só a morte interrompeu (Fig. 4).

As suas qualidades vieram ao de cima e, ainda antes da sua entrada para os Serviços Geológicos, dispunha já de um brilhante currículo como arqueólogo, que depois veio a ser muito potenciado pela sua formação e experiência profissionais, as quais lhe permitiram o tratamento interdisciplinar de questões de índole arqueológica, quando tal prática era quase desconhecida em Portugal. Foi, neste sentido, um precursor, sendo natural continuador da brilhante investigação desenvolvida nas últimas décadas do século XIX pelos geólogos da então Comissão Geológica: Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e Nery Delgado. Assim se explicam os trabalhos sobre as faunas ictiológica, carcinológica e malacológica do concheiro de Moita do Sebastião, Muge apresentado em 1954 ao IV Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Zaragoza; sobre a petrografia de artefactos de pedra polida; sobre a mineralogia de objectos de adorno pré-históricos e, sobretudo, sobre a paleometalurgia, vindo a desenvolver a hipótese do arsénio contido em artefactos da Idade do Cobre ser consequência da sua presença natural nos minérios originais e não da sua adição intencional.

À natural curiosidade e gosto pela investigação, aliava uma notável capacidade de trabalho e resistência física. Calcorreava montes e vales, sofrendo molhas e canseiras sem fim, mas encontrava-se sempre entusiasmado para



Fig. 4 – O. da Veiga Ferreira, dando a direita a Georges Zbyszewski, no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), em Dezembro de 1994.

redigir as suas últimas descobertas, como se fossem as primeiras. No seio dos livros e dos amigos, procurava as ideias que enformavam as descobertas que continuamente ia fazendo, as quais prontamente punha à disposição de todos: não se considerava um literato, muito menos um especulador teórico. Em linguagem simples e directa, expunha claramente as suas concepções, não se furtando às críticas. Claro que errou nalguns casos; mas só não erra quem não se abalança ao trabalho honesto, especialmente em áreas que eram então ainda tão mal conhecidas em Portugal, ou mesmo completamente desconhecidas. Foi um desbravador de caminhos, na sempre reafirmada preocupação de encontrar vias novas de investigação. Assim se compreende a sua obra publicada, de mais de quatrocentos títulos, abarcando, além da Paleontologia, da Geologia Estratigráfica e da Cartografia Geológica, todas as épocas e materiais da Pré-História, da Proto-História, do Período Romano, da mineração, da joalheria antiga, da numismática ibero-romana, romana e visigoda, para já não falar dos seus trabalhos de divulgação arqueológica e de investigação historiográfica, expressos pela publicação anotada de epístolas de eminentes arqueólogos e geólogos.

As suas publicações de carácter paleontológico (peixes do Cretácico, moluscos, vertebrados e caranguejos do Miocénico e do Plistocénico) redigidas apenas por si ou em co-autoria, ascendem a 32 títulos, assim distribuídos: Vertebrados do Jurássico: 3; Vertebrados do Cretácico (Peixes): 1; Vertebrados do Miocénico: 2; Vertebrados do Plistocénico: 4; Pectinídeos do Miocénico: 6; Equinídeos do Miocénico: 2; Crustáceos do Miocénico: 6; Moluscos do Holocénico: 1; Miscelânea: 4. Este acervo bastaria para lhe outorgar um lugar de pleno direito como investigador nesta área, o que, na realidade, nunca aconteceu (ver contributo de Miguel Telles Antunes, neste volume, sobre esta matéria): com efeito, foi impedido de ascender, nos Serviços Geológicos, por mesquinhas limitações burocráticas, à carreira de Técnico Superior da Função Pública, nem mesmo depois de obtido o doutoramento

em Ciências Naturais outorgado pela Universidade de Paris (Doctorat d'Université), em 1965, o qual, obviamente, lhe abriu as portas da docência universitária, tão carecida, nos anos 70, de bons professores, como era o caso, inquestionavelmente, de Octávio da Veiga Ferreira (ver contributo de Carlos Fabião, neste volume).

A heterogeneidade dos temas tratados evidencia, por um lado, o próprio estado do conhecimento científico da época, onde a investigação especializada ainda não se tinha definitivamente imposto; mas, muito mais do que isso, ilustra a incansável actividade de Veiga Ferreira e o interesse do seu intelecto, permanentemente desperto para o estudo consequente de variados temas científicos, cujo conhecimento, mutuamente enriquecedor, fazia dele uma personalidade científica de excepção, no acanhado panorama científico português da época, no domínio das Geociências. Alguns destes trabalhos ressentem-se, é verdade, de dificuldades inultrapassáveis, especialmente no domínio de consulta de bibliografia actualizada, não disponível em Portugal: Veiga Ferreira jamais beneficiou de estadas no Estrangeiro, em instituições especializadas, no âmbito da realização de tais estudos, feitos deste modo em condições adversas, requerendo, esforço e vontade acrescidos. Porém, mesmo com as aludidas limitações, tais estudos encontram-se ao nível do que de melhor então se realizava, como é o caso dos dedicados aos Pectinídeos miocénicos, que ainda hoje são de consulta indispensável por parte de quem se ocupe deste tema (constituiu a sua tese complementar de Doutoramento). Outros, como o relativo às pegadas de Dinossauros do Jurássico do cabo Mondego, afiguram-se de evidente pioneirismo para a época, antecedendo os modernos estudos dedicados a esta temática, entretanto muito popularizada; a colaboração com ilustres paleontólogos, como A. de Lapparent, G. Zbyszewski, Abbé Mouterde e M. Telles Antunes, entre outros, demonstra o prestígio grangeado por Veiga Ferreira em tais domínios, ainda que marginais, da sua actividade científica.

Aos estudos dedicados à Paleontologia somam-se, ainda no âmbito das Geociências, os relativos às erupções vulcânicas dos Capelinhos, bem como a temas da Geologia Estratigráfica, com especial destaque para a colaboração nos levantamentos geológicos à escala de 1/50 000, actuação claramente evidenciada nas cerca de quarenta cartas geológicas em cuja publicação participou, bem como na redacção das respectivas Notícias Explicativas, onde se encarregou, além do capítulo relativo à Arqueologia, da parte relativa ao Cenozóico, geralmente em co-autoria com G. Zbyszewski ou outros colegas. Tão intensa actividade no terreno ficou expressivamente registada, pelo epíteto de “Brigada de Choque”, relativo à brigada em que estava integrado, chefiada por G. Zbyszewski, com especial destaque para os irmãos António e Leonel Rodrigues e P. Carreira de Deus, tendo em consideração a sua inusitada produtividade. Com efeito, calcorreou e cartografou boa parte do território português, especialmente o Centro e o Sul do País, toda a orla litoral, de Peniche ao Algarve, o vale do Tejo, bem como quase todo o vale do Sado, o Alto e o Baixo Alentejo e o Algarve, além de todas as ilhas atlânticas, com excepção da pequena ilha de Porto Santo, de tal forma que quase todas as regiões lhe eram familiares, do ponto de vista arqueológico e geológico, mercê dos muitos anos de trabalhos de campo.

Avesso a quaisquer benesses e honrarias, não desprezava o prestígio que lhe adveio de trabalho científico esforçado, sério e persistente, que ninguém se atreveu jamais a questionar: o seu único e mais valioso capital foi, com efeito, o seu trabalho, acumulado ao longo de décadas e os Amigos e admiradores que granjeou. As discriminações políticas, durante o regime salazarista e os prejuízos que, no plano pessoal, as suas posições desassombradas, de uma impulsividade telúrica, valeram-lhe, em contrapartida a possibilidade de manter intacta a sua independência de julgamento, tanto dos homens como das instituições. Liberto de interesses que amesquinhavam outros, viveu totalmente entregue à Ciência que o fascinava, sacrificando a saúde, a Família e até o bem-estar material: tendo subscreto, em 1945, as listas do Movimento de Unidade Democrática – MUD, nunca disso fez alarde, mesmo quando, na altura própria, de tal se poderia ter valido. E, no entanto, sofreu na pele a discriminação provocada por essa atitude, com o congelamento das promoções, durante dezasseis anos, situação só ultrapassada pela intervenção directa do então Director-Geral de Minas e Serviços Geológicos, o Eng. Luiz de Castro e Solla. Foi um Homem de carácter simples e generoso, características apenas reservadas aos espíritos superiores.



Fig. 5 – O. da Veiga Ferreira na primeira escavação que efectuou, no conjunto sepulcral do Buço Preto (1946), reescavado ulteriormente.

O seu primeiro contacto com a Arqueologia teve-o em Carenque, onde o Prof. Manuel Heleno efectuava escavações na importante e recém-descoberta necrópole pré-histórica ali existente, em 1932. Porém, foi em 1945 quando, em Monchique, entregue à prospecção e captação de águas subterrâneas, conheceu o Dr. José Formosinho, director do Museu de Lagos, que ali vinha procedendo a escavações, que o seu interesse ficou definitivamente desperto para esta área científica. Assim, a sua primeira publicação datada de 1946, é dedicada à exploração das sepulturas megalíticas do Buço Preto, apenas por si assinada (Fig. 5). De imediato, entrou em contacto com aquele que, depois, orientaria (e disciplinaria) os seus passos: Abel Viana, arqueólogo já então plenamente firmado no meio científico ibérico. Os três prosseguem, nos anos seguintes, a exploração dos diversos núcleos da notável necrópole pré-histórica de Monchique: Esgravatadoiro, Eira Cavada e Mirante da Mata, caracterizando a arquitectura e espólios funerários daquela expressão particular do megalitismo regional, desde o Neolítico até ao pleno Calcolítico (Fig. 6, Fig 7). A última monografia de conjunto que lhe



Fig. 6 – Da esquerda para a direita: José Formosinho, O. da Veiga Ferreira e A. Viana, fotografados aquando da realização das explorações arqueológicas em Monchique, em Setembro de 1947.

Fig. 7 – O. da Veiga Ferreira fotografado em Setembro de 1947 nas Caldas de Monchique.

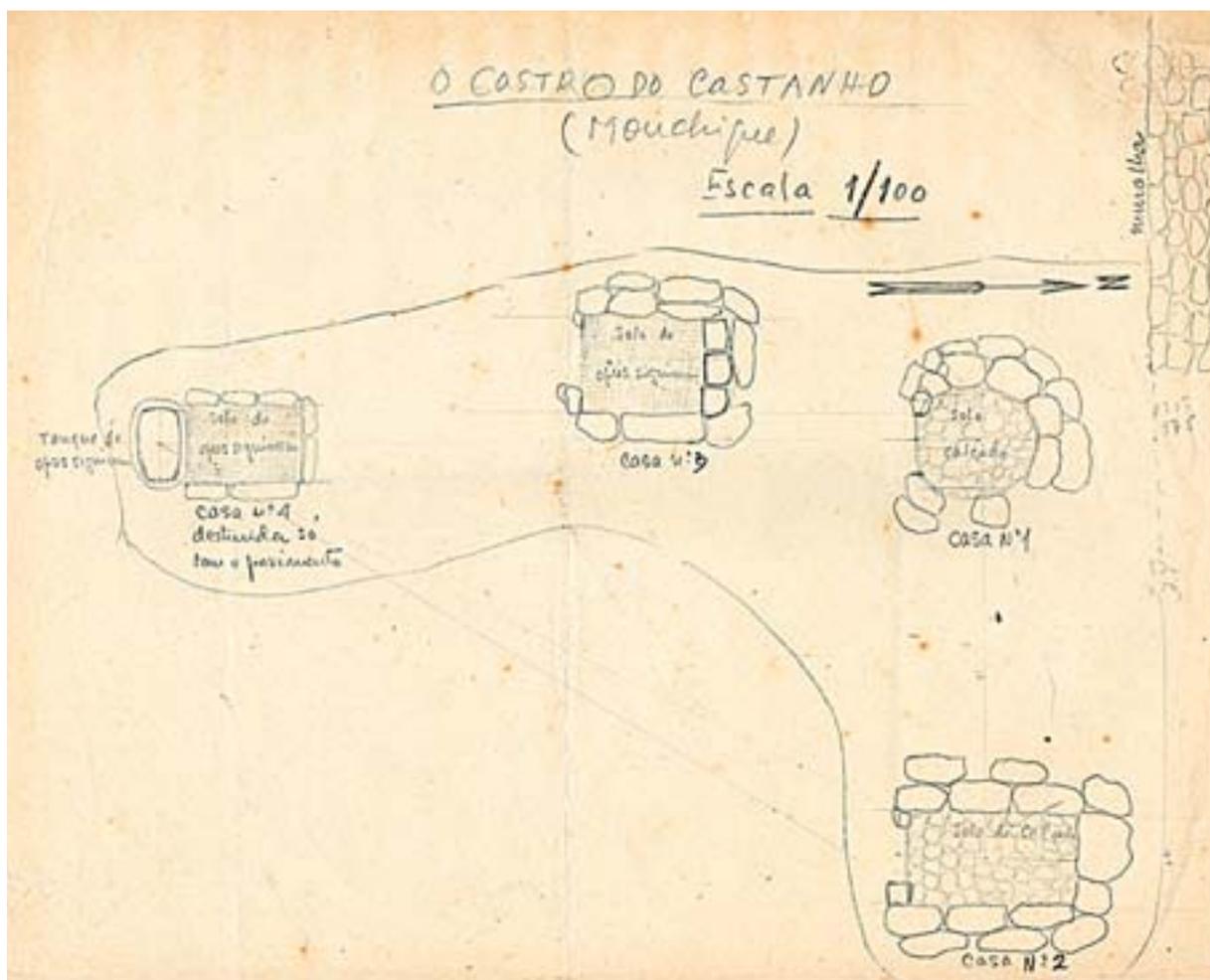


Fig. 5 – Desenho inédito de O. da Veiga Ferreira das construções atribuíveis à época romana, por si identificadas no Castro do Castanho (Monchique).

dedicaram, já na década de 1950, cuidadosamente ilustrada é, ainda hoje, de consulta obrigatória; a importância destas investigações foi, aliás, devidamente sublinhada no presente volume, pelo contributo de Carlos Tavares da Silva. Esta exploração potenciou outras publicações, de assinalável diacronia, que levou a cabo, sozinho ou de colaboração com os seus dois amigos, umas conservadas inéditas (**Fig. 5**), outras conduzindo a trabalhos relevantes, entre os quais se contam os primeiros artigos publicados internacionalmente, como é o caso do intitulado “De lo Prerromano a lo Árabe en el Museo Regional de Lagos”, saído em 1953.

Desde então, o seu interesse pela Pré-História consolidou-se. Passou a colaborar regularmente com Georges Zbyszewski, que conheceu quando frequentou o curso de pré-história ministrado em 1941 por H. Breuil, na Faculdade de Letras de Lisboa, em prospecções arqueológicas nos arredores da capital; por intermédio deste, tornou-se amigo de Camarate França, com quem passou também a trabalhar regularmente: destaca-se o importante estudo sobre o monumento calcólico de Samarra, Sintra (1958) e, mais tarde, as escavações na gruta das Salemas, Loures (1959 e 1960) e na gruta Nova da Columbeira, Bombarral (1962). O conhecimento estabelecido no início da década de 1950 com o Prof. A. A. Mendes Corrêa, então Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, de quem haveria de ser secretário pessoal, possibilitou-lhe a obtenção de bolsas do Instituto de Alta Cultura, através



Fig. 10 – Concheiro da Moita do Sebastião: pormenor da embalagem dos esqueletos, a cargo de O. da Veiga Ferreira, relativo à 1ª. campanha de escavações (1952).



Fig. 11 – Concheiro da Moita do Sebastião: pormenor do levantamento topográfico, a cargo de O. da Veiga Ferreira, realizado na 1ª. campanha de escavações (1952).



Fig. 12 – Concheiro da Moita do Sebastião: limpeza dos cortes, a cargo de O. da Veiga Ferreira, no decurso da 1ª. campanha de escavações (1952).

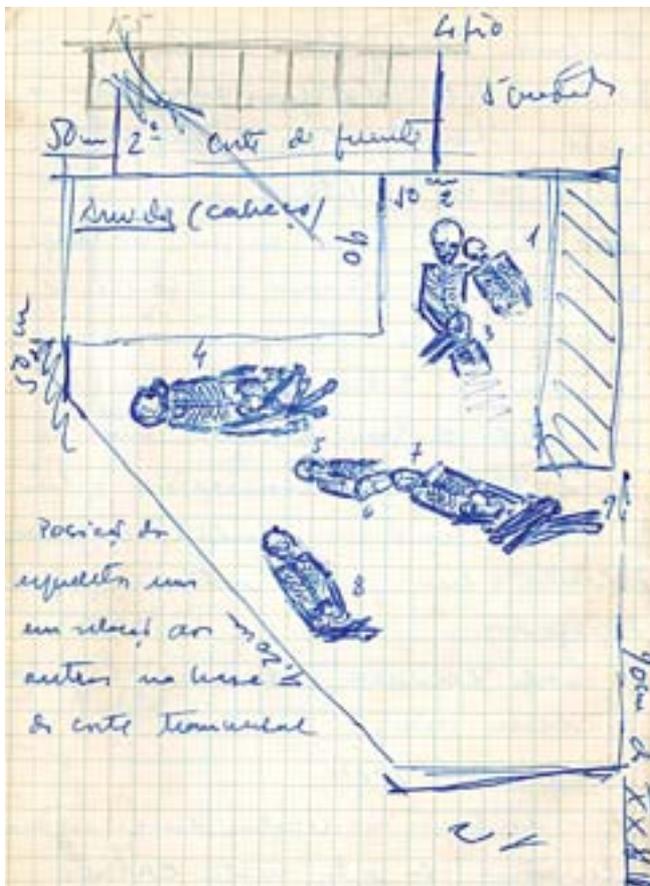


Fig. 13 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, contendo o esboço dos esqueletos encontrados na base do concheiro do Cabeço da Arruda (9/11/1964).

5 semanas de trabalho em campo

Despesas

Venda ao homem 30 dias a 20000	60000
Dia pago ao Francisco Vieira para guardar o concheiro no sábado à tarde + Domingo	12500
Baixetes e caixas para o esqueleto e fôrmas	15000
Carpinteiro	5000
Semalheira para agulhas permanentes	7500
Preço	10000
Matéria-prima de cimento para os níveis do campo	10000
Gratificação ao fedeleiro	2000
Arrendamento de material com arame para desmonte do esqueleto e fôrmas de cimento	12000
Material para o transporte	4000
Além	4000
Arrendamento de dinamite e resto de dinamite	30000
Gratificação ao fôrmo no Palácio	4000
	<u>135000</u>
o que não foi pago de uma vez	160000
A uma dívida	30000

Alfonso Ferreira
em 20/11/64

Fig. 14 – Folha de pagamentos efectuados por O. da Veiga Ferreira no âmbito da realização da campanha de escavações realizada entre 2/11 e 19/11/1964 no concheiro do Cabeço da Arruda.

Ribeiro Henri, marca de Cruz o 4:3
 11/6/1958 - Quarta-feira.
 Com a madame Vera Leisner
 e tudo bulha por a Odivelas. He
 vamos o mapa do Sr. Ribeiro e
 procuram identificar os terrenos e
 fazer das outras indicações nele
 verificamos por quem a excepção da
 pedra de momento n: 3 identifica
 de os pedras 7, mais nada existe
 de monumentos por ele expressos.
 O fiscal das Pedras da região em
 comuniquei ainda o Sr. Ribeiro de
 ter assente de a deturcaçoes de tudo.

Fig. 16 – Trecho de uma página do caderno
 de campo de O. da Veiga Ferreira relativa à
 relocalização dos monumentos megalíticos de
 Trigache e de A-da-Beja (Odivelas), que, com
 Vera Leisner apresentaram ao I Congresso
 Nacional de Arqueologia (Lisboa, Dezembro
 de 1958).

11) 35
Os Monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja
 por
 Vera Leisner e Octávio da Veiga Ferreira.

A existência dos monumentos de Trigache e de A-da-Beja já era conhecida há muito tempo. Foram escavados nos princípios do decénio de mil novecentos e vinte pelo investigador local Carlos Ribeiro,¹ que nunca os publicou, embora se tivessem encontrado, no seu gabinete, notícias, diários das escavações e descrições pormenorizadas de objectos encontrados: manuscritos sem dúvida destinados a uma publicação. Graças á complacência do Dr. Ribeiro Ferreira, sobrinho do defuncto, Octávio da Veiga Ferreira e eu fomos autorizados a apresentar um relatório completo sobre os referidos monumentos e as suas espólios.

Cabe-nos, neste congresso, em primeiro lugar prestar homenagem á memória de Carlos Ribeiro. Com uma verdadeira paixão pelas investigações arqueológicas, ainda augmentada pela amor de sua terra e das suas riquezas escondidas, conseguiu, em escavações cientificamente orientadas, salvar para o patrimonio arqueológico do país material sem elle irreparavelmente perdido. Hoje, todos estes acmuntres desapareceram por completo: os de Trigache eschatado devido a sua situação na região das pedreiras de Lisboa. Ergueram-se um vertigente oriental do planalto denominado Campo de Trigache, que desce até ao fundo do vale da ribeira de Odivelas, ficando uma três quilómetros distante da vila ^{de mesma nome.} Estavam muito perto uns dos outros e eram todos construídos sobre uma faixa de rochas calcárias. A situação geológica do dolmen das Conchadas, que estava a este centos metros á Costa-Nordeste da aldeia de A-da-Beja, era idêntica.

Já nos tempos de Ribeiro já existiam vestes de todas, como mostram ^{estas} plantas (Fig. 1).

Três dos monumentos de Trigache - os números um, dois e quatro assim como o dolmen das Conchadas, pertencem ao tipo de câmara polilobal até circular com corredor relativamente curto: empunha os

¹ Este trabalho está em posse do Sr. Carlos Ribeiro, que se encontra em Lisboa, e foi publicado em Lisboa, em 1924, no livro "Os Monumentos Megalíticos de Portugal".

Fig. 17 – Primeira página do original do trabalho
 apresentado ao I Congresso Nacional de Arqueologia
 (Lisboa, Dezembro de 1958) dedicado ao
 estudo dos monumentos megalíticos de Trigache
 e de A-da-Beja (Odivelas).

publicações, a primeira das quais apresentada ao I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Lisboa em Dezembro de 1958 (Fig. 17), altura em que também apresentou importante trabalho de síntese, dedicado aos monumentos megalíticos da região de Lisboa. A empatia estabelecida com Vera Leisner, esteve na origem de outras colaborações, da maior importância, que prosseguiram na década de 1960, em colaboração com Georges Zbyszewski. Os trabalhos da equipa assim constituída iniciaram-se pela publicação dos notáveis espólios das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela, reunindo-se, pela primeira vez, em bela Memória dos Serviços Geológicos, publicada em 1961, os materiais existentes nos Serviços Geológicos e no então designado Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.

Os trabalhos prosseguiram, com as escavações do dólmen de Casainhos, Loures, explorado no início de 1961 (Fig. 18), igualmente publicado, em outra importante Memória dos Serviços Geológicos, vinda a lume em 1969, conjuntamente com a notável sepultura da Praia das Maças, Sintra, também por eles explorada no final daquele ano (Fig. 19 a 24). Seguiu-se a publicação dos espólios de outros monumentos megalíticos portugueses, destacando-se, em 1963, a publicação das primeiras datas de radiocarbono com aquelas relacionadas, objecto de análise neste volume, da autoria de A. M. Monge Soares.

Em 1950 conheceu Leonel Trindade, Director do Museu Regional de Torres Vedras, o qual tinha já realizado, desde a década de 1930, extensas prospecções arqueológicas na região, de que resultou a identificação de monumentos e a recolha de abundantes espólios, que careciam de estudo e publicação. Essa frutífera colaboração, que se prolongou por mais de vinte anos, deu origem a importantes estudos sobre necrópoles



Fig. 18 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativa à exploração do dólmen de Casainhos (Loures), realizada em 1961 .



Fig. 19 - Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, no interior da câmara ocidental do monumento da Praia das Maças, explorado entre 9/11/ 1961 e 21/12/1961.

Fig. 20 - Trecho de uma página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativo ao início da exploração do monumento da Praia das Maças (9/11/1961).

Escavações na "tumba" da
Praia das Maças

9/11/1961 - quinta-feira

Começamos a escavar do lado norte desta grande "tumba" que foi quase totalmente destruída em época pré romana, há pelo menos 3500 anos, pelo o povo de Felizera, o actual dono da propriedade. Ao fim da tarde ainda encontramos o resto da parede de 1.ª cunha e o começo de outra da 2.ª cunha. Encontramos na base uma tábua com bela face e restos de cerâmica preta e com humanos.

ANEXO

Encontramos um altar e escavações para fazer um pedestal a uma sepultura pré-histórica. Participaram hoje a Srta. Leisner, o Sr. da Veiga Ferreira e um Sr. da Praia e um Sr. da Praia.

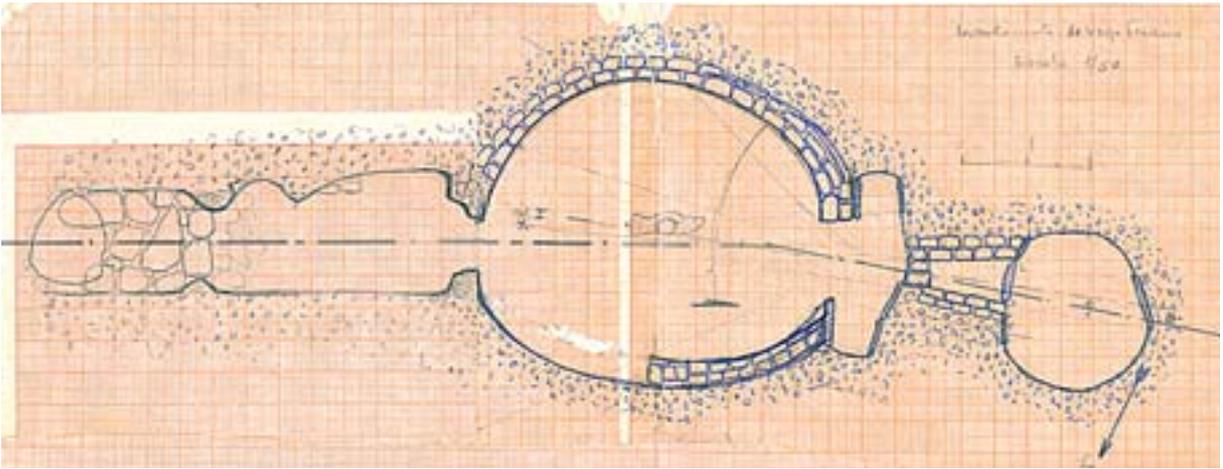


Fig. 23 – Original da planta do monumento da Praia das Maças, no final das escavações realizadas, em Dezembro de 1961. Note-se que, nesta planta, se apresenta o desenho do corredor do monumento, que não consta da planta depois publicada, por razões que desconhecemos. Este sector do monumento voltou a ser posto a descoberto pelo reexplorador desta necrópole, o Dr. J.L.M. Gonçalves, em 1979.



Fig. 24 – Vista parcial da câmara principal do monumento da Praia das Maças, observando-se a galeria de passagem para a câmara ocidental, em segundo plano. Foto obtida no final das escavações de 1961.

pré-históricas (Cabeço da Arruda, Cova da Moura, Serra da Vila) ou à publicação de peças notáveis, destacando-se o estudo do *oinochoe* do Museu local, publicado em 1965.

É na década de 1950 que a sua produção científica atinge a plenitude. Iniciado no estudo dos sepulcros megalíticos em Monchique, com Abel Viana e J. Formosinho, consolidou a sua formação nos monumentos de Montargil, pela mão dos Leisner, em 1953. Entretanto, em 1952, por via de descobertas efectuadas por um seu colega, António Rodrigues Cavaco, na região de Santiago do Cacém/Lousal (**Fig. 25**), dá início à investigação e publicação de um notável conjunto de monumentos do Baixo Alentejo, estendidos ulteriormente à região de Aljustrel/Castro Verde/Ourique/Almodôvar, graças à colaboração com Abel Viana e com Ruy Freire de Andrade, engenheiro das minas de Aljustrel. Assim, ao longo da segunda metade daquela década e inícios da seguinte, produziram-se contributos

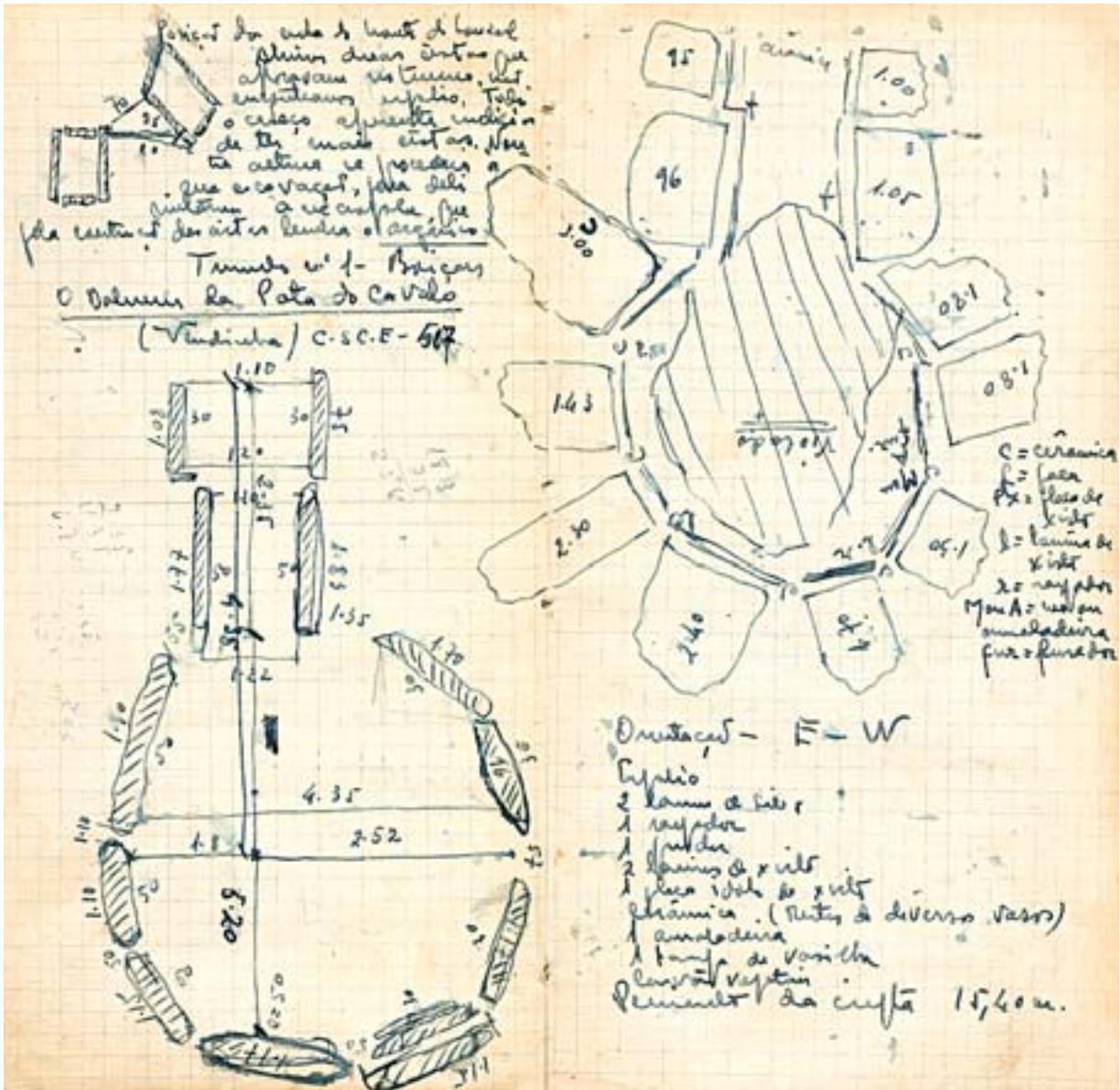


Fig. 25 - Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, de 14/5/1952, com o esboço da planta do dólmen da Pata do Cavalo, Santiago do Cacém (Lousal), explorado por O. da Veiga Ferreira e António Rodrigues Cavaco e por estes publicado.

fundamentais para a Arqueologia portuguesa no domínio do megalitismo, conforme C. Tavares da Silva tão bem evidenciou no contributo publicado neste volume. Em 1957, no dólmen do Cerro das Antas, identificou-se um conjunto funerário de incineração da Idade do Ferro, assente na camada coeva da construção do megálito, cuja escavação forneceu também três braceletes de ouro do Bronze Final, oferecidos ao Museu dos ex-Serviços Geológicos de Portugal (Fig. 26), onde actualmente se encontram. No ano seguinte, exploraram-se diversos monumentos, alguns deles particularmente interessantes (Fig. 27), como o de Montenegro (Panóias, Ourique), entre os quais os primeiros *tholoi* do Baixo Alentejo, como o de Malha Ferro e Monte Velho (Fig. 28 e 29), seguidos por outros, como Monte do Álamo (Fig. 30), Cerro do Gatão (Fig. 31 34), e Monte do Outeiro (Fig. 35), o qual forneceu notável recipiente ritual (Fig. 36). A realização do I Congresso Nacional de Arqueologia, em Dezembro de 1958, foi a oportunidade para se apresentar a primeira síntese sobre as explorações até então realizadas (Fig. 37). Esta série de descobertas, é encerrada com a publicação do *tholos* do Escoural, já no Alto Alentejo, que publicou muitos anos depois com Manuel Farinha dos Santos, em 1970, constituindo, ainda hoje, o limite setentrional, no interior alentejano, de tal tipo de monumentos, denotando o seu carácter marcadamente meridional e associado às primeiras sociedades metalúrgicas do Sudoeste peninsular, cujos primeiros vestígios, no início de década de 1880, Estácio da Veiga teve a primazia de identificar e dar a conhecer. Cabe, a propósito, lembrar que o apelido “da Veiga”, que usava, não fazia parte dos seus apelidos oficiais, tendo-o adoptado, em homenagem ao ilustre arqueólogo algarvio, de que se considerava parente longínquo.

Se, na década de 1950, foi no domínio do megalitismo que a colaboração estabelecida com Abel Viana e Rui Freire de Andrade teve maior notoriedade, pelos número e projecção de trabalhos publicados, importa sublinhar a importância de outras investigações, como a respeitante às explorações romanas das minas de Aljustrel (Fig. 38 a 40). Encontrava-se permanentemente desperto para o registo de vestígios arqueológicos no seu caderno de campo, quaisquer que fossem, como se comprova, entre muitos outros exemplos, pelos do dia 22 de Fevereiro de 1955: lápide romana de Messejana, estelas medievais cristãs, moedas portuguesas, e recipientes cerâmicos diversos, entre os quais uma taça campaniense das Mesas do Castelhinho (Fig. 41), que logo viria a publicar, com os seus amigos, em 1956, no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.

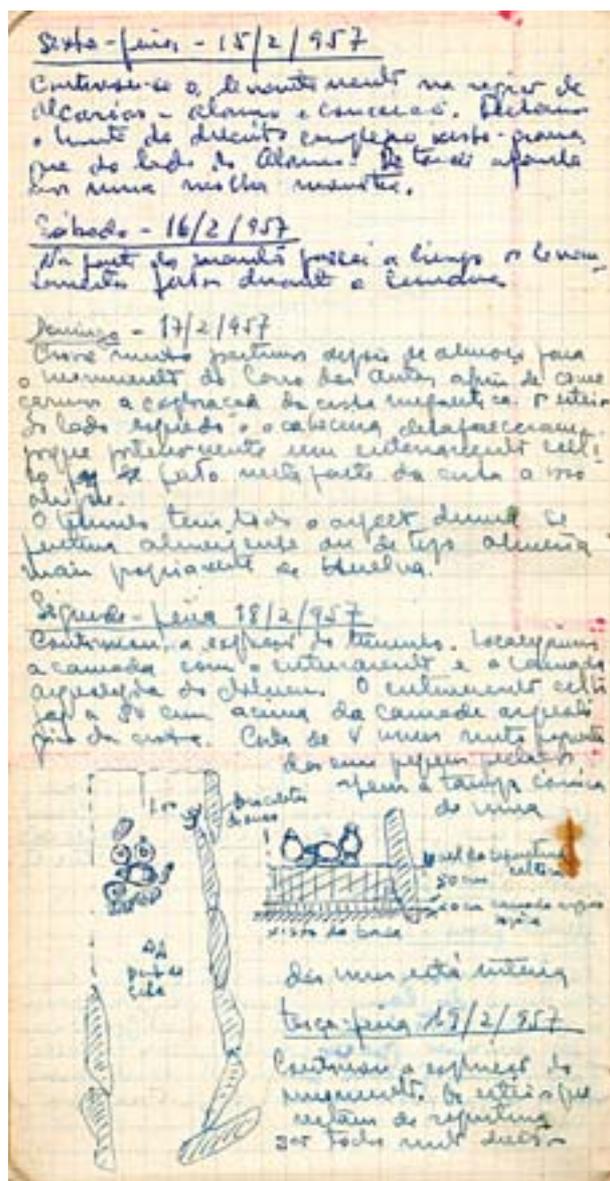


Fig. 26 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, de 17/2/1957, relativo a explorações de monumentos megalíticos do Baixo Alentejo, observando-se o esboço do monumento do Cerro das Antas, com a localização da ocupação secundária da Idade do Ferro, através do espólio a esta associada.

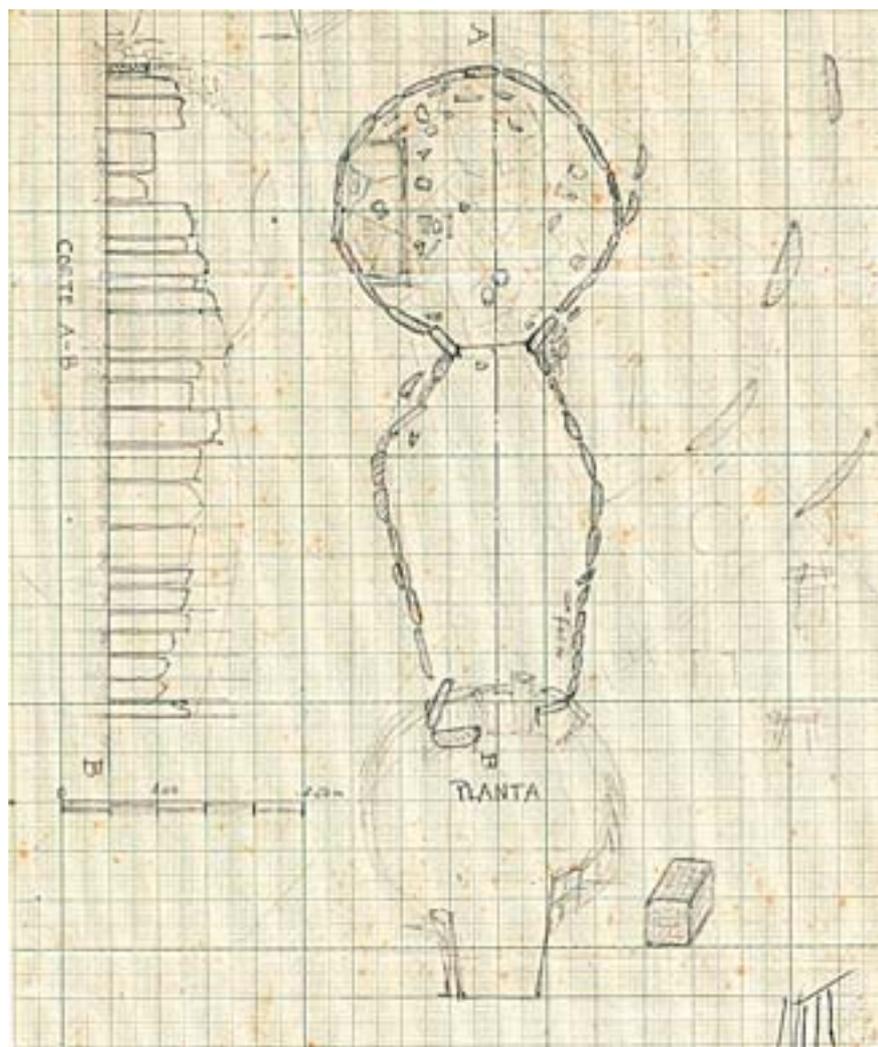


Fig. 29 – Original da planta e corte do *tholos* de Monte Velho, com a localização do espólio ali encontrado, realizada por O. da Veiga Ferreira.

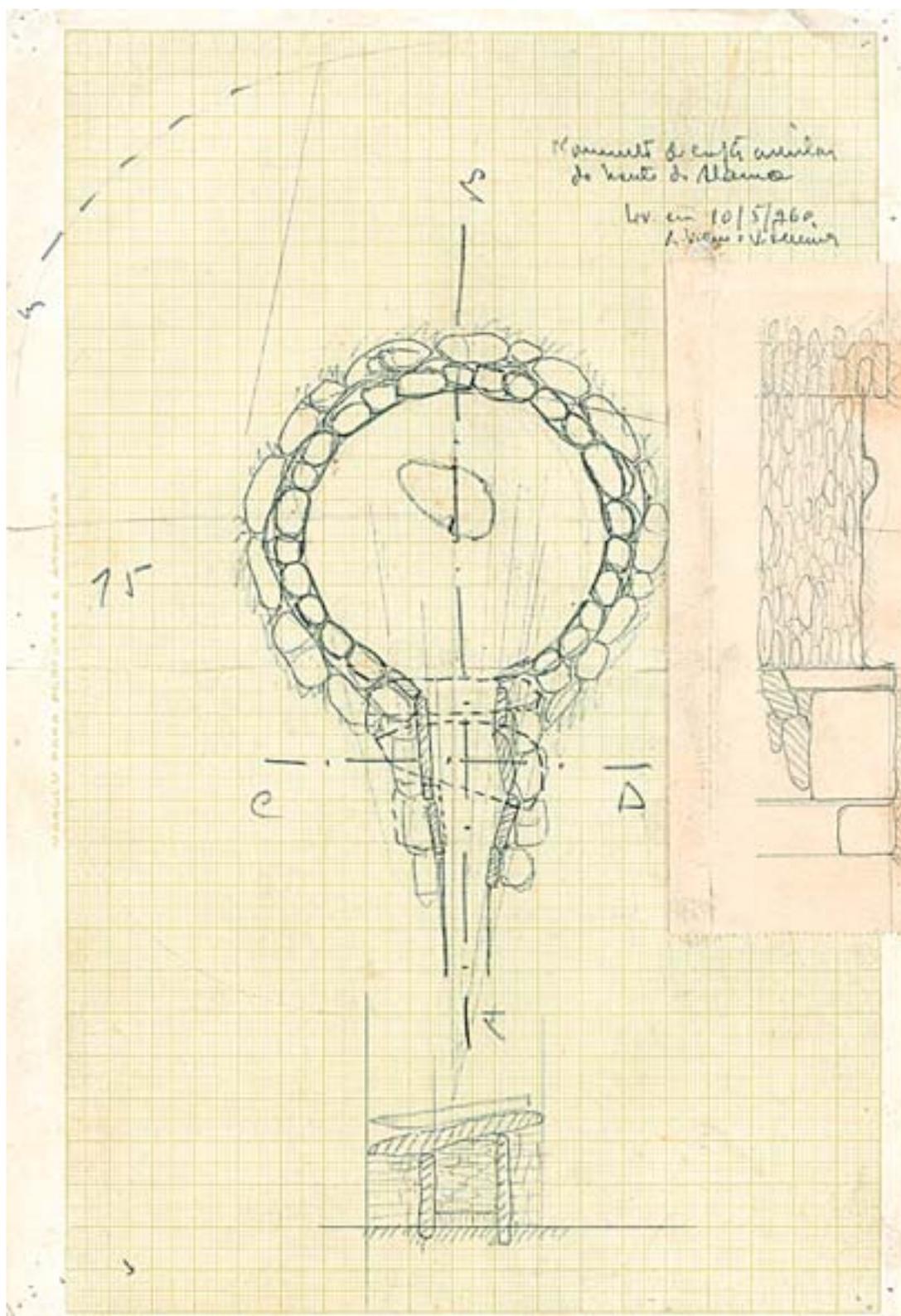


Fig. 30 – Original da planta do *tholos* de Monte do Álamo, datada de 10/5/1960.



Fig. 31 – Octávio da Veiga Ferreira no decurso da exploração da câmara do *tholos* do Cerro do Gatão (Ourique), em Maio de 1960.

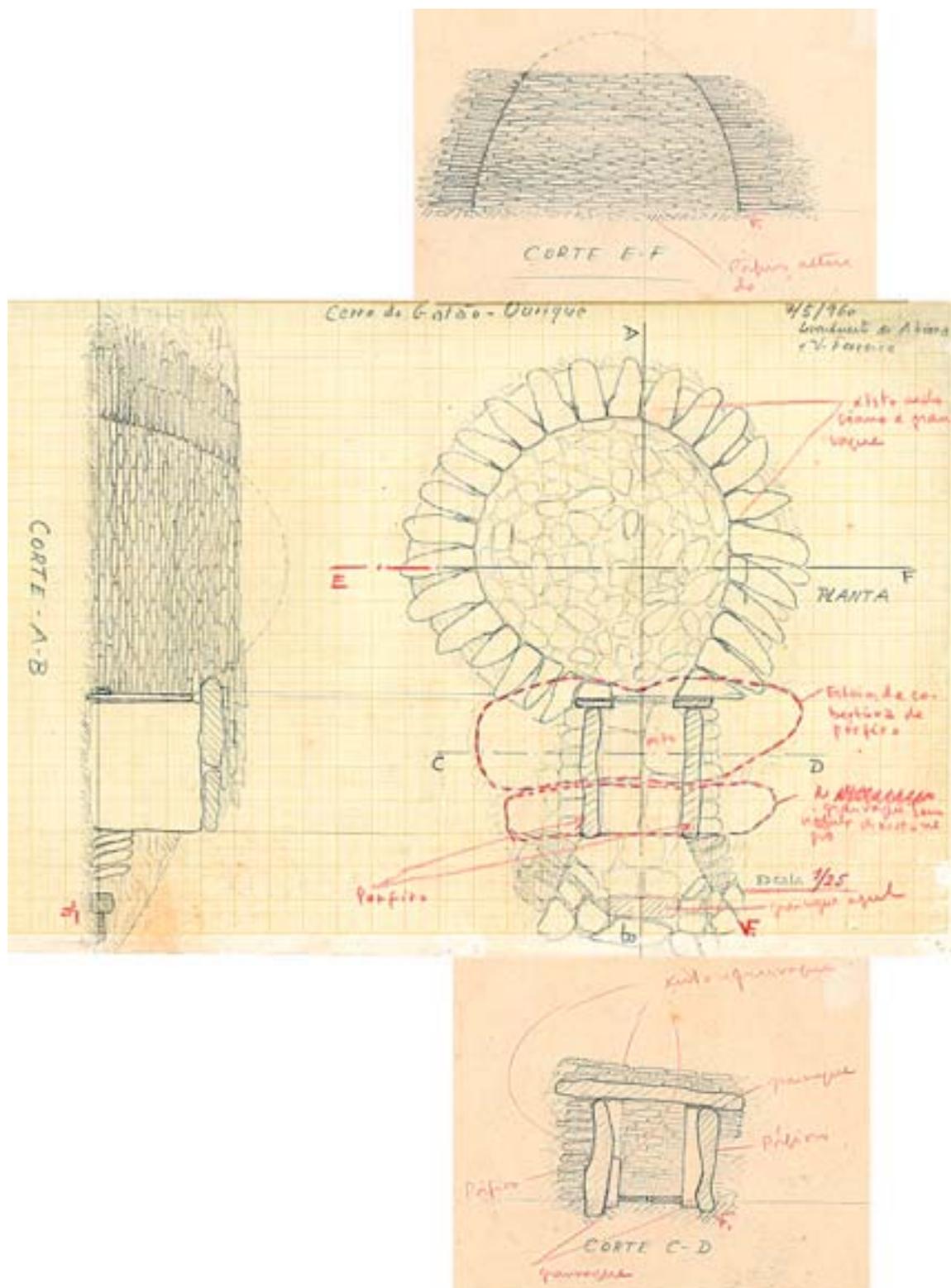


Fig. 32 – Original da planta e cortes do tholos do Cerro do Gatão, datada de 7/5/1960, realizada por O. da Veiga Ferreira e Abel Viana.

10/5/1960 - Terra - terra

A escavação continuou com o corte de coberta a ligeira toda a cista que é circular com 2,50m de diâmetro feita de paredes com laje de chert e apêndices têm em média 1,0m de comprimento por cerca de 0,50 a 0,70 m de largura com 1,02 a 0,10 de espessura. O centro é curvo no sentido circular em que se encontram contidos por 3 pedras de cada lado sendo alguma delas bastante grossas. Parte da parede a partir da cista apresenta ainda o traço de um banco no interior. A nível da parede havia um pequeno retiro atravessado de alguma forma coberto que, com o protector do fio da ^{primeira} base que se projecta e relevado por dentro, com outras pedras de pedra defumada de madeira, sem no entanto ser descendente para o facto de edifícios terrestres. Por este espaço e foi por este o que ficou o espaço a releva-lo por um pedregal passando no espaço e os pedregais verticais para dentro na cista. A escavação atingiu por a entrada da câmara e em ambos os lados havia 3 lajeiras e fragmentos de cerâmica que não constituiram var completo. O Terreno está entrecortado profundamente baseado no centro por a altura de cerca de 1,50 m.

Fig. 33 - Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativa à exploração do tholos do Cerro do Gatão (10/5/1960).



Fig. 34 - Pormenor do corredor do tholos do Cerro do Gatão, conservando a lage de cobertura, observando-se a câmara, em segundo plano.

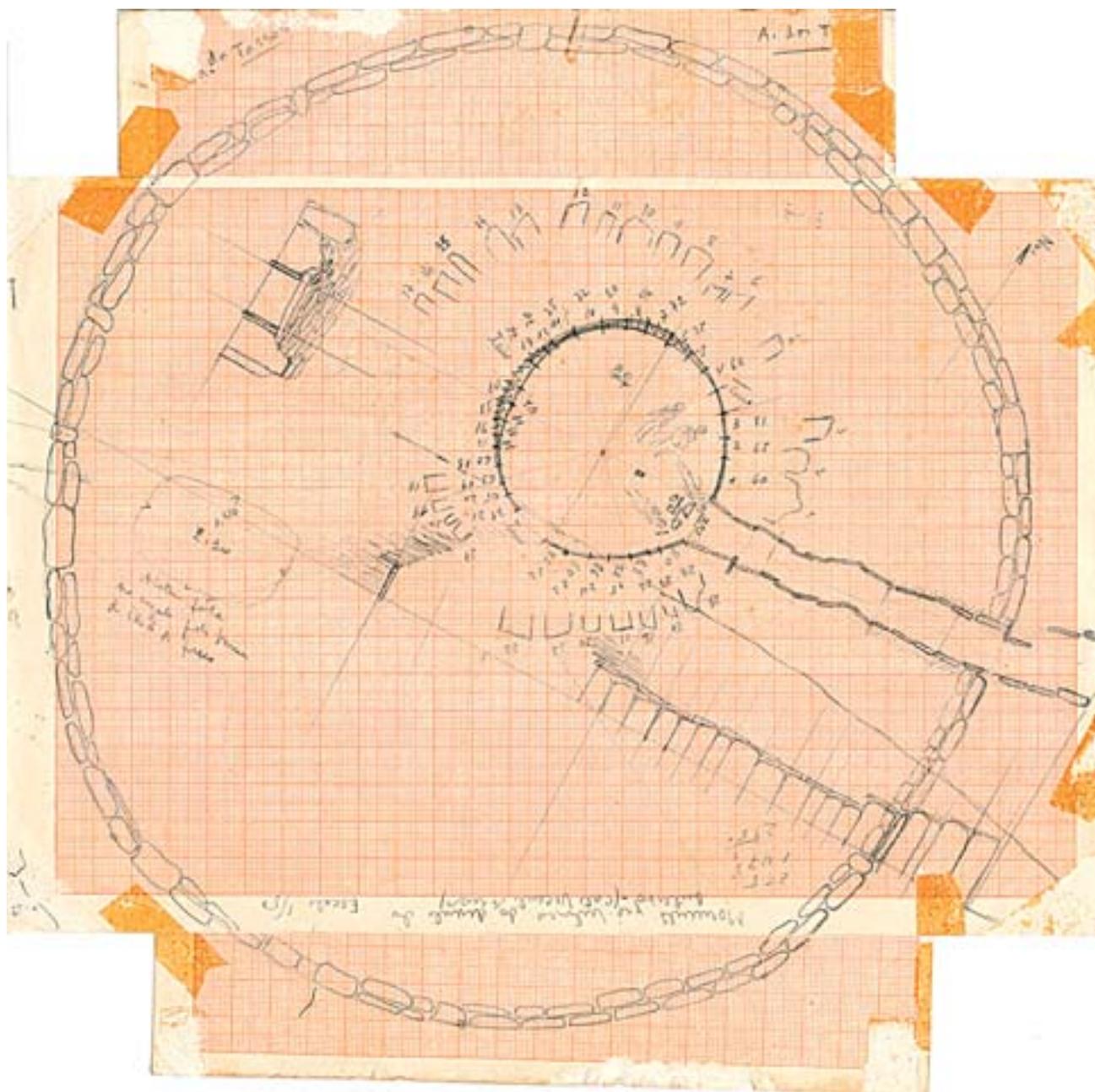


Fig. 35 – Original da planta do *tholos* do Monte do Outeiro (A-dos-Tassos), realizada por O. da Veiga Ferreira.



Fig. 36 – Vaso ritual, com representação simbólica, recolhido no *tholos* do Monte do Outeiro. Museu Geológico (Lisboa).

Fig. 37 – O. da Veiga Ferreira na apresentação de uma das comunicações ao I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, Dezembro de 1958). Da esquerda para a direita, vêem-se o Tenente-Coronel Afonso do Paço, o Dr. J. M. Bairrão Oleiro e o Dr. M. Farinha dos Santos.





Fig. 38 – Da esquerda para a direita: Eduardo Arsénio, Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana, no Museu arqueológico das Minas de Aljustrel, observando-se, nas prateleiras, algumas das peças restauradas pelo primeiro.

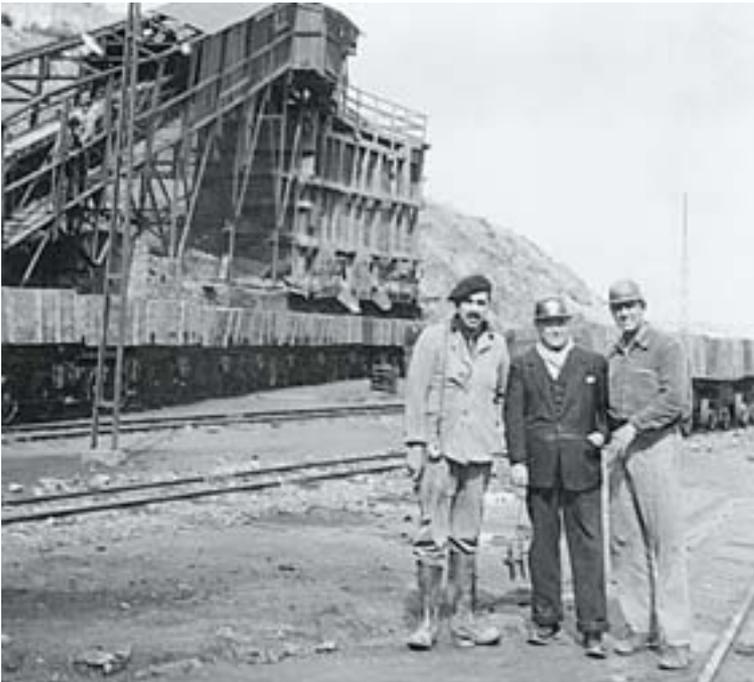


Fig. 39 – Da esquerda para a direita: Ruy Freire de Andrade, Abel Viana e O. da Veiga Ferreira, equipados para descer à mina de Ferreira, no âmbito da realização do trabalho “Minerações romanas de Aljustrel”, que publicaram em 1954.

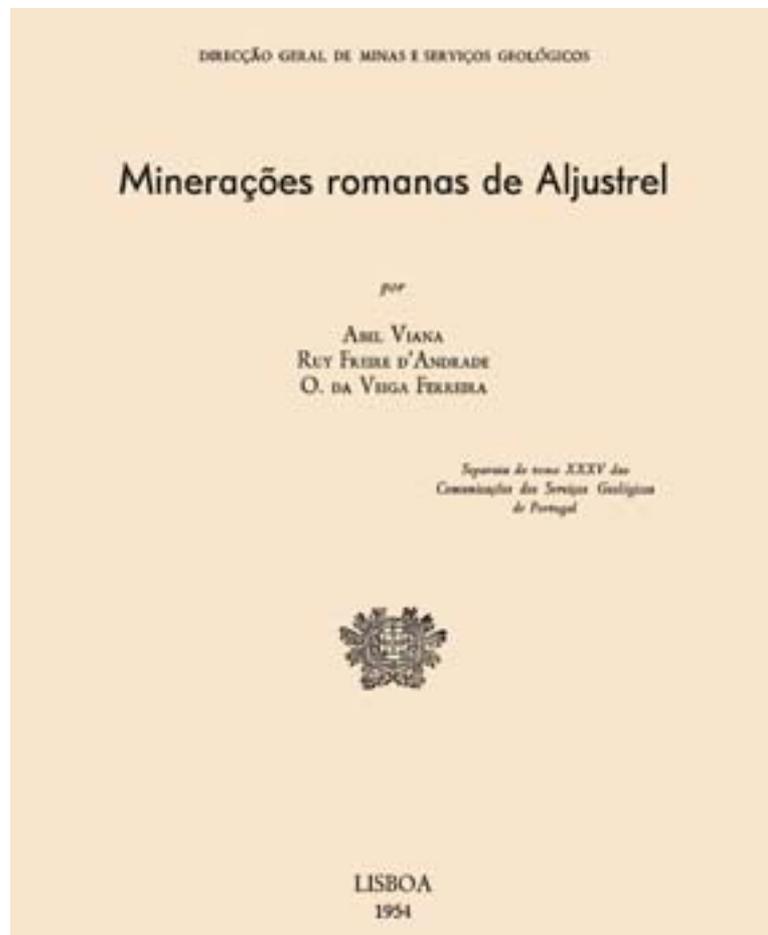


Fig. 40 – Capa da separata do trabalho que Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira dedicaram às minerações romanas de Aljustrel.



Fig. 42 – Partida para uma visita de reconhecimento ao Castro de Nossa Senhora da Cola, em 8/7/1956. Ao centro, de casaco preto, R. Freire de Andrade; ao seu lado direito, O. da Veiga Ferreira. Em pé, segurando o teodolito, o Padre A. Serralheiro, pároco de Messejana. Foto de Abel Viana, publicada em 1961, na monografia que dedicou àquela estação arqueológica.

Nesta década, diversifica-se a colaboração com outros arqueólogos de méritos há muito firmados: com Afonso do Paço — de quem era grande amigo, encarregando-se, mais tarde, do seu elogio académico, por ocasião da realização das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 1969 — publicou em 1957, estudo dedicado aos achados da Herdade da Fontalva, no Alto Alentejo.

Entretanto, iniciou, com Fernando de Almeida, em meados da década de 1950, o primeiro projecto de arqueologia urbana realizado em Portugal, destinado a fazer renascer do esquecimento a antiga cidade romano-visigótica de Egítania, actual Idanha-a-Velha. A continuidade de tais trabalhos, que se prolongaram anualmente por mais de quinze anos, constituirão marco singular na prática arqueológica então vigente, pela diferença evidente de propósitos, constituindo, ainda hoje, raro exemplo de trabalhos arqueológicos de grande envergadura, dos quais resultou, não apenas o conhecimento da antiga urbe, mas, também, de todo o território envolvente. A respectiva carta arqueológica, publicada em 1978 por Veiga Ferreira, muitos anos depois da conclusão dos trabalhos de campo, bem pode ser considerada exemplo pioneiro de tal tipo de estudos em Portugal.

Importa referir que o início deste ambicioso projecto não teria sido possível sem o apoio financeiro concedido a Fernando de Almeida pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, sob a direcção de Mendes Corrêa. A integração na equipa de Veiga Ferreira — que se revelou fundamental, para o bom andamento dos trabalhos de campo, dadas as frequentes ausências das escavações de Fernando de Almeida, conforme se verifica pela leitura dos cadernos de campo do nosso homenageado — era justificada formalmente, junto do Director dos Serviços Geológicos, por Fernando de Almeida, através de trabalhos de cartografia geológica na região, já que jamais foi reconhecida ofi-

cialmente, pela direcção dos Serviços, a verdadeira natureza da colaboração prestada por Veiga Ferreira.

Através destas estadas, entre finais do Verão e inícios do Outono de cada ano, manifestou-se, uma vez mais, em Veiga Ferreira, o espírito eclético e de observador atento de tudo o que pudesse possuir interesse arqueológico. O seu caderno de campo é bem o exemplo desta realidade, registando, a 25 de Setembro de 1955, a par da planta do castro da Covilhã Velha, que visitou, uma ara votiva romana de Monsanto, ou sepulturas medievais de diversos tipos (Fig. 44), ou, ainda (em 1968), o castro do Castelo dos Mouros, em apressado mas expressivo esboço (Fig. 45).

Desperto para o megalitismo da região, praticamente por estudar desde os parques trabalhos pioneiros de Francisco Tavares de Proença Júnior e de Félix Alves Pereira, logo em 1958 apresentou, com Fernando de Almeida, ao

I Congresso Nacional de Arqueologia uma comunicação sobre este tema, prosseguida, depois, por novas explorações (Fig. 46). Entre estas, merece destaque a realizada no dólmen da Granja de S. Pedro, perto de Idanha-a-Velha, na última campanha de escavações em que participou na Idanha, em Setembro de 1969 (Fig. 47 a 49).

Apesar das privações locais a que voluntariamente se submetia – muitas vezes, para ter de comer, recorria à caça, que gostava de praticar – era sempre com prazer que retornava à sua Idanha, acompanhado nalguns anos de sua mulher Maria Luísa e de sua filha Seomara, não só pelo confessado fascínio que sentia pelo lugar, como pelas amizades simples que ali estabeleceu, como declara no seu caderno de campo, no início das campanhas de 1962 e de 1964 (Fig. 50 e 51). Despido, como sempre, de preconceitos, que lhe repugnavam, liberto de formalismos, que detestava, entre as humildes gentes beirãs sentia-se entre amigos, e “em casa”.

No meio de tantas e tão diversificadas informações arqueológicas, que procurava sempre registar, para, depois, explorar e publicar (refiram-se, ainda, os estudos dedicados a indústrias languedocenses e sobre arte rupestre,

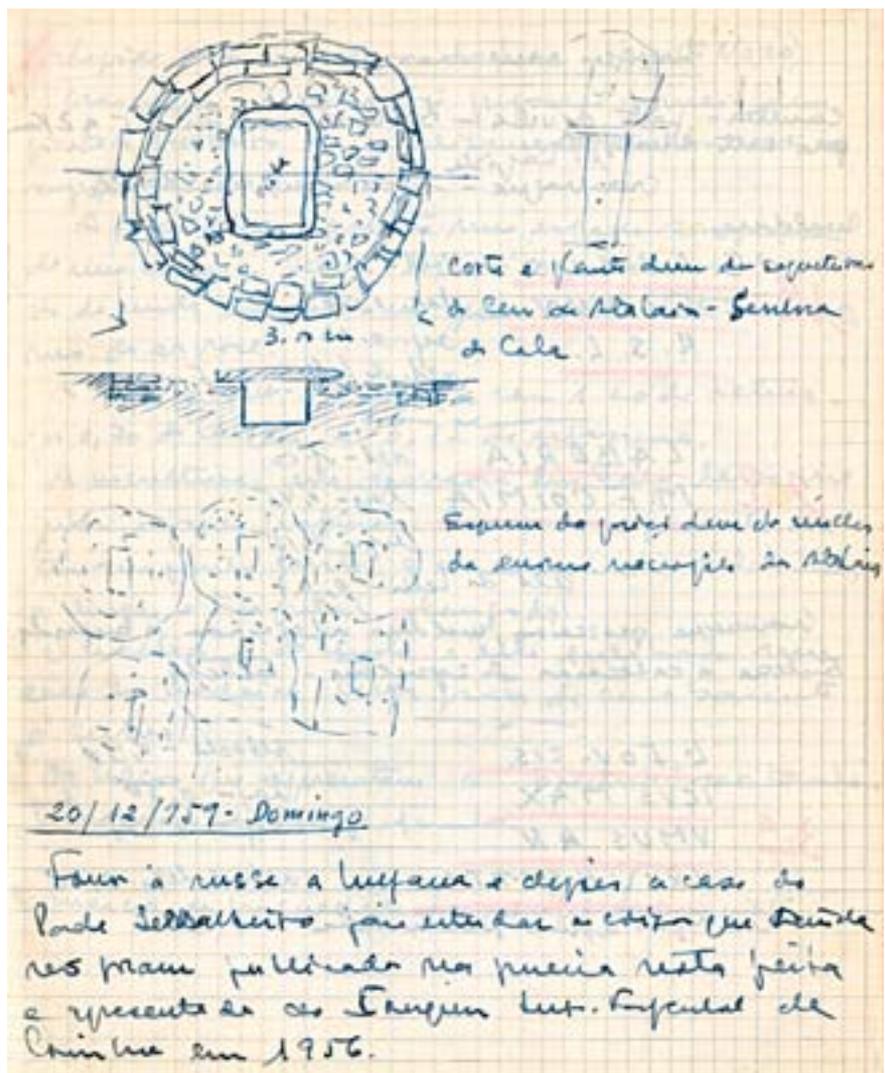


Fig. 43 – Página do caderno de campo de 19 e 20/12/1959, contendo esboço parcial da necrópole do Bronze do Sudoeste de Atalaia, próximo do Castro de Nossa Senhora da Cola, então em curso de exploração por Abel Viana.

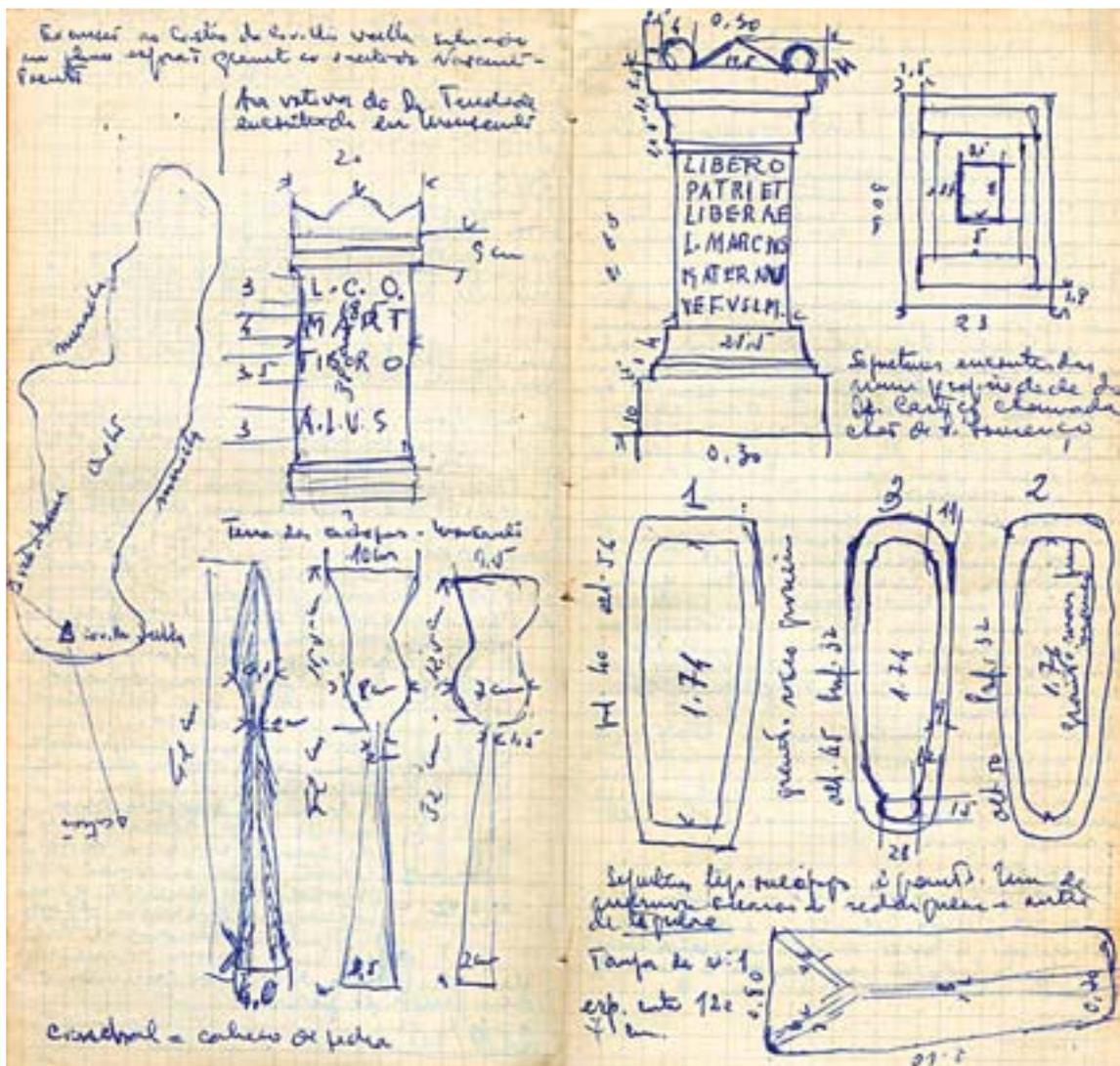


Fig. 44 - Duas páginas do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, de 25/9/1955, onde registou diversos achados arqueológicos, observados no decurso da primeira campanha de escavações em Idanha-a-Velha.

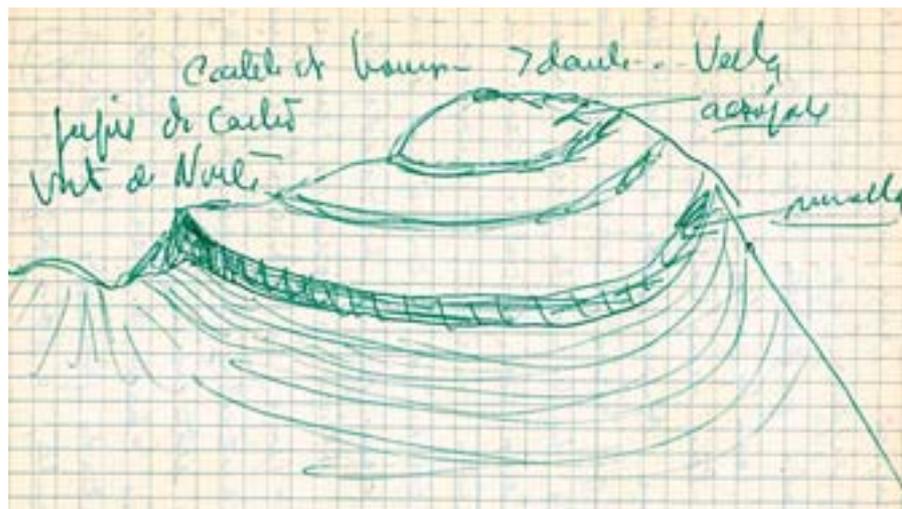


Fig. 45 - Esboço de O. da Veiga Ferreira, realizado numa página do seu caderno de campo, do castro do Castelo dos Mouros, aquando da campanha de escavações em Idanha-a-Velha realizada em 1968.

10 de Outubro de 1960 - Super-frija

De Lisboa a Idanha-a-Velha com o Sr. Francisco Xavier
 Aguiar - 14 horas - encontramos 4 alvaros de D.
 Fernando que estão nos arredores de Idanha
 de Idanha contíguos com um sistema bastante bom.
 Vi o monumento de São Cosme que está fora da
 foz do Rio.
 Vi também o túnel próximo da muralha perto a
 do túnel e aos jardins.

11/10/60 - Super-frija

De manhã partimos para a Granja para explorar o
 monumento megalítico (cubo megalítico) descoberto em
 1957.

Observação - atente o jardim que apresenta um
 planta sem folhas e a florada precedida de
 outras flores de forma quadrangular.

Os alvaros de momento são de tipo megalítico
 A colheita era de sementes e frutos em forma de tiras
 ou bastões.

Os alvaros de D. Fernando
 observados: 1. Freguesia; 2. Longo
 3. Freguesia; 4. Freguesia de
 Freguesia e 5. Freguesia de
 Freguesia.



Fig. 46 - Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, de 10 e 11/10/1960, relativa à exploração de monumento megalítico perto da Barragem marechal Carmona, com o esboço da planta do mesmo.

Fig. 48 - Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, com o esboço da planta do dólmen da Granja de S. Pedro, Idanha-a-Velha, que veio a publicar posteriormente com Fernando de Almeida, em 1971. Este monumento notabiliza-se pela existência de dois menires adjacentes, conforme é indicado no presente esboço.

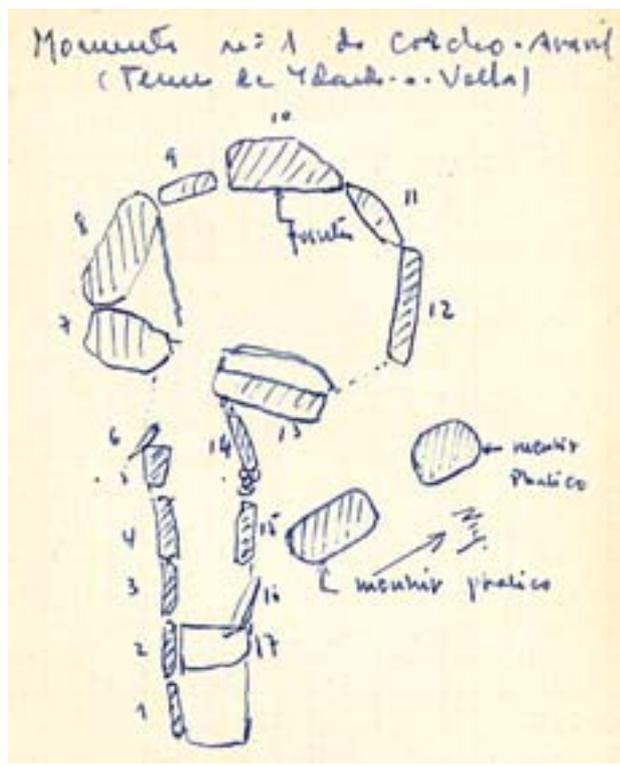


Fig. 47 - Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, de 7/10/1969, relativa à exploração do dólmen da Granja de S. Pedro, Idanha-a-Velha.

O Sarcófago é feito pelo mesmo sistema
 mas de pedra e Rio Branco. Está
 numa base rectangular feita e corada.
 O Rio Freguesia está também bem. A
 viagem em um muito bom. Vou si com
 a minha mulher e filha.

7/10/69 - Terra-frija

1. este tipo de monumento para a Granja
 com o D. Fernando, o Pacheco, o António
 João e o Manuel. Incertezas a
 nível da grande muralha que tem o
 lado esquerdo fechado com um
 tipo de "fornal". Ao fim do tempo
 verificamos que o lado esquerdo
 tem os dois muros adjacentes
 de 1. lado de um do dólmen. 2. e
 3. e 4. e 5. e 6. e 7. e 8. e 9. e 10. e 11. e 12. e 13. e 14. e 15. e 16. e 17. e 18. e 19. e 20. e 21. e 22. e 23. e 24. e 25. e 26. e 27. e 28. e 29. e 30. e 31. e 32. e 33. e 34. e 35. e 36. e 37. e 38. e 39. e 40. e 41. e 42. e 43. e 44. e 45. e 46. e 47. e 48. e 49. e 50. e 51. e 52. e 53. e 54. e 55. e 56. e 57. e 58. e 59. e 60. e 61. e 62. e 63. e 64. e 65. e 66. e 67. e 68. e 69. e 70. e 71. e 72. e 73. e 74. e 75. e 76. e 77. e 78. e 79. e 80. e 81. e 82. e 83. e 84. e 85. e 86. e 87. e 88. e 89. e 90. e 91. e 92. e 93. e 94. e 95. e 96. e 97. e 98. e 99. e 100. e 101. e 102. e 103. e 104. e 105. e 106. e 107. e 108. e 109. e 110. e 111. e 112. e 113. e 114. e 115. e 116. e 117. e 118. e 119. e 120. e 121. e 122. e 123. e 124. e 125. e 126. e 127. e 128. e 129. e 130. e 131. e 132. e 133. e 134. e 135. e 136. e 137. e 138. e 139. e 140. e 141. e 142. e 143. e 144. e 145. e 146. e 147. e 148. e 149. e 150. e 151. e 152. e 153. e 154. e 155. e 156. e 157. e 158. e 159. e 160. e 161. e 162. e 163. e 164. e 165. e 166. e 167. e 168. e 169. e 170. e 171. e 172. e 173. e 174. e 175. e 176. e 177. e 178. e 179. e 180. e 181. e 182. e 183. e 184. e 185. e 186. e 187. e 188. e 189. e 190. e 191. e 192. e 193. e 194. e 195. e 196. e 197. e 198. e 199. e 200. e 201. e 202. e 203. e 204. e 205. e 206. e 207. e 208. e 209. e 210. e 211. e 212. e 213. e 214. e 215. e 216. e 217. e 218. e 219. e 220. e 221. e 222. e 223. e 224. e 225. e 226. e 227. e 228. e 229. e 230. e 231. e 232. e 233. e 234. e 235. e 236. e 237. e 238. e 239. e 240. e 241. e 242. e 243. e 244. e 245. e 246. e 247. e 248. e 249. e 250. e 251. e 252. e 253. e 254. e 255. e 256. e 257. e 258. e 259. e 260. e 261. e 262. e 263. e 264. e 265. e 266. e 267. e 268. e 269. e 270. e 271. e 272. e 273. e 274. e 275. e 276. e 277. e 278. e 279. e 280. e 281. e 282. e 283. e 284. e 285. e 286. e 287. e 288. e 289. e 290. e 291. e 292. e 293. e 294. e 295. e 296. e 297. e 298. e 299. e 300. e 301. e 302. e 303. e 304. e 305. e 306. e 307. e 308. e 309. e 310. e 311. e 312. e 313. e 314. e 315. e 316. e 317. e 318. e 319. e 320. e 321. e 322. e 323. e 324. e 325. e 326. e 327. e 328. e 329. e 330. e 331. e 332. e 333. e 334. e 335. e 336. e 337. e 338. e 339. e 340. e 341. e 342. e 343. e 344. e 345. e 346. e 347. e 348. e 349. e 350. e 351. e 352. e 353. e 354. e 355. e 356. e 357. e 358. e 359. e 360. e 361. e 362. e 363. e 364. e 365. e 366. e 367. e 368. e 369. e 370. e 371. e 372. e 373. e 374. e 375. e 376. e 377. e 378. e 379. e 380. e 381. e 382. e 383. e 384. e 385. e 386. e 387. e 388. e 389. e 390. e 391. e 392. e 393. e 394. e 395. e 396. e 397. e 398. e 399. e 400. e 401. e 402. e 403. e 404. e 405. e 406. e 407. e 408. e 409. e 410. e 411. e 412. e 413. e 414. e 415. e 416. e 417. e 418. e 419. e 420. e 421. e 422. e 423. e 424. e 425. e 426. e 427. e 428. e 429. e 430. e 431. e 432. e 433. e 434. e 435. e 436. e 437. e 438. e 439. e 440. e 441. e 442. e 443. e 444. e 445. e 446. e 447. e 448. e 449. e 450. e 451. e 452. e 453. e 454. e 455. e 456. e 457. e 458. e 459. e 460. e 461. e 462. e 463. e 464. e 465. e 466. e 467. e 468. e 469. e 470. e 471. e 472. e 473. e 474. e 475. e 476. e 477. e 478. e 479. e 480. e 481. e 482. e 483. e 484. e 485. e 486. e 487. e 488. e 489. e 490. e 491. e 492. e 493. e 494. e 495. e 496. e 497. e 498. e 499. e 500. e 501. e 502. e 503. e 504. e 505. e 506. e 507. e 508. e 509. e 510. e 511. e 512. e 513. e 514. e 515. e 516. e 517. e 518. e 519. e 520. e 521. e 522. e 523. e 524. e 525. e 526. e 527. e 528. e 529. e 530. e 531. e 532. e 533. e 534. e 535. e 536. e 537. e 538. e 539. e 540. e 541. e 542. e 543. e 544. e 545. e 546. e 547. e 548. e 549. e 550. e 551. e 552. e 553. e 554. e 555. e 556. e 557. e 558. e 559. e 560. e 561. e 562. e 563. e 564. e 565. e 566. e 567. e 568. e 569. e 570. e 571. e 572. e 573. e 574. e 575. e 576. e 577. e 578. e 579. e 580. e 581. e 582. e 583. e 584. e 585. e 586. e 587. e 588. e 589. e 590. e 591. e 592. e 593. e 594. e 595. e 596. e 597. e 598. e 599. e 600. e 601. e 602. e 603. e 604. e 605. e 606. e 607. e 608. e 609. e 610. e 611. e 612. e 613. e 614. e 615. e 616. e 617. e 618. e 619. e 620. e 621. e 622. e 623. e 624. e 625. e 626. e 627. e 628. e 629. e 630. e 631. e 632. e 633. e 634. e 635. e 636. e 637. e 638. e 639. e 640. e 641. e 642. e 643. e 644. e 645. e 646. e 647. e 648. e 649. e 650. e 651. e 652. e 653. e 654. e 655. e 656. e 657. e 658. e 659. e 660. e 661. e 662. e 663. e 664. e 665. e 666. e 667. e 668. e 669. e 670. e 671. e 672. e 673. e 674. e 675. e 676. e 677. e 678. e 679. e 680. e 681. e 682. e 683. e 684. e 685. e 686. e 687. e 688. e 689. e 690. e 691. e 692. e 693. e 694. e 695. e 696. e 697. e 698. e 699. e 700. e 701. e 702. e 703. e 704. e 705. e 706. e 707. e 708. e 709. e 710. e 711. e 712. e 713. e 714. e 715. e 716. e 717. e 718. e 719. e 720. e 721. e 722. e 723. e 724. e 725. e 726. e 727. e 728. e 729. e 730. e 731. e 732. e 733. e 734. e 735. e 736. e 737. e 738. e 739. e 740. e 741. e 742. e 743. e 744. e 745. e 746. e 747. e 748. e 749. e 750. e 751. e 752. e 753. e 754. e 755. e 756. e 757. e 758. e 759. e 760. e 761. e 762. e 763. e 764. e 765. e 766. e 767. e 768. e 769. e 770. e 771. e 772. e 773. e 774. e 775. e 776. e 777. e 778. e 779. e 780. e 781. e 782. e 783. e 784. e 785. e 786. e 787. e 788. e 789. e 790. e 791. e 792. e 793. e 794. e 795. e 796. e 797. e 798. e 799. e 800. e 801. e 802. e 803. e 804. e 805. e 806. e 807. e 808. e 809. e 810. e 811. e 812. e 813. e 814. e 815. e 816. e 817. e 818. e 819. e 820. e 821. e 822. e 823. e 824. e 825. e 826. e 827. e 828. e 829. e 830. e 831. e 832. e 833. e 834. e 835. e 836. e 837. e 838. e 839. e 840. e 841. e 842. e 843. e 844. e 845. e 846. e 847. e 848. e 849. e 850. e 851. e 852. e 853. e 854. e 855. e 856. e 857. e 858. e 859. e 860. e 861. e 862. e 863. e 864. e 865. e 866. e 867. e 868. e 869. e 870. e 871. e 872. e 873. e 874. e 875. e 876. e 877. e 878. e 879. e 880. e 881. e 882. e 883. e 884. e 885. e 886. e 887. e 888. e 889. e 890. e 891. e 892. e 893. e 894. e 895. e 896. e 897. e 898. e 899. e 900. e 901. e 902. e 903. e 904. e 905. e 906. e 907. e 908. e 909. e 910. e 911. e 912. e 913. e 914. e 915. e 916. e 917. e 918. e 919. e 920. e 921. e 922. e 923. e 924. e 925. e 926. e 927. e 928. e 929. e 930. e 931. e 932. e 933. e 934. e 935. e 936. e 937. e 938. e 939. e 940. e 941. e 942. e 943. e 944. e 945. e 946. e 947. e 948. e 949. e 950. e 951. e 952. e 953. e 954. e 955. e 956. e 957. e 958. e 959. e 960. e 961. e 962. e 963. e 964. e 965. e 966. e 967. e 968. e 969. e 970. e 971. e 972. e 973. e 974. e 975. e 976. e 977. e 978. e 979. e 980. e 981. e 982. e 983. e 984. e 985. e 986. e 987. e 988. e 989. e 990. e 991. e 992. e 993. e 994. e 995. e 996. e 997. e 998. e 999. e 1000.

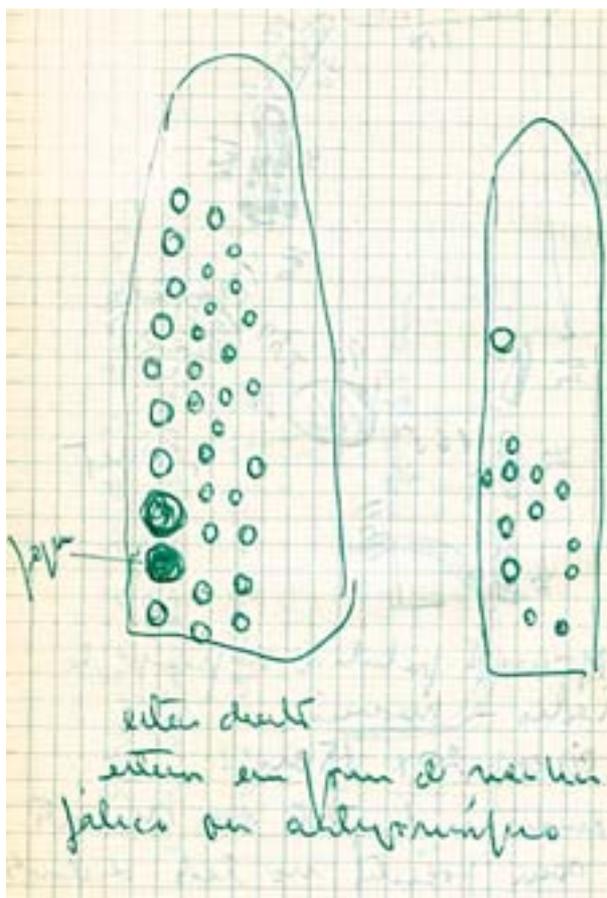


Fig. 50 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, correspondente ao início da campanha em Idanha-a-Velha de 1962, onde declara o seu prazer em voltar a trabalhar naquela região, queixando-se, contudo, das dificuldades logísticas que lhe foram impostas, pela Direcção dos Serviços Geológicos de Portugal.

Fig. 49 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, com o esboço de um dos menires encontrados junto do dólmen da Granja de S. Pedro, ostentando alinhamentos de “fossetes”. A mesma temática foi encontrada no menir fálico do Lavajo (concelho de Alcoutim), publicado pelo signatário em co-autoria com A. Gradim.

4/10/1962 - Quinta-feira
 Partir hoje para a Idanha-a-Velha
 a ver meus vellos Egzânicos, Paulo
 já bastante avuçado. São 7 aus
 pre verho aqui ajudar o f. Daí fôr
 do neta, escavacões. Embora tendo
 deixado uma escavacão sob minha
 ssante na Gruta Nova de Columbeira
 fico sempre satisfeito de vir ali
 a Idanha. Até aos tempos a minha
 filho Genesina que já está a fazer
 todo os cursos de arqueologia. Vata
 escavacão vos serem de de trêms
 o começo. Nestes tempo caso por me
 deitar e assim ter de andar
 a f. O novo chefe me empunhado

Fig. 51 – Primeira página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, correspondente à campanha de 1964 em Idanha-a-Velha, onde reitera a atracção e o fascínio que aquelas paragens lhe despertavam.

Egitânia
1/10/1964 - Domingo - feira

havia uns vez vi. em faze um campo
a Idanha. Cada vez gost mais d'isto
sinto sempre um desejo enorme de
deixa a velh Egitânia. Ha muitas
coisas de estudar que eu atrei. Não
são só as ruínas, nem as esculturas
faz algum dia há muitas coisas de
cultura que eu atrei maravilhoso
qual bel trabalho que eu fiz
o sentido. Depois foi tendo aqui
hoje a noite. O Doutor D. Fernando
chefe de trabalhos e D. João e tranzi
to campo. A tua Egitânia que eu
prepara as minhas pesquisas durante
as visitas, o Adelinis, o Pedro
zo, o Tio Hilário, a D. Almeida
e te, e te.

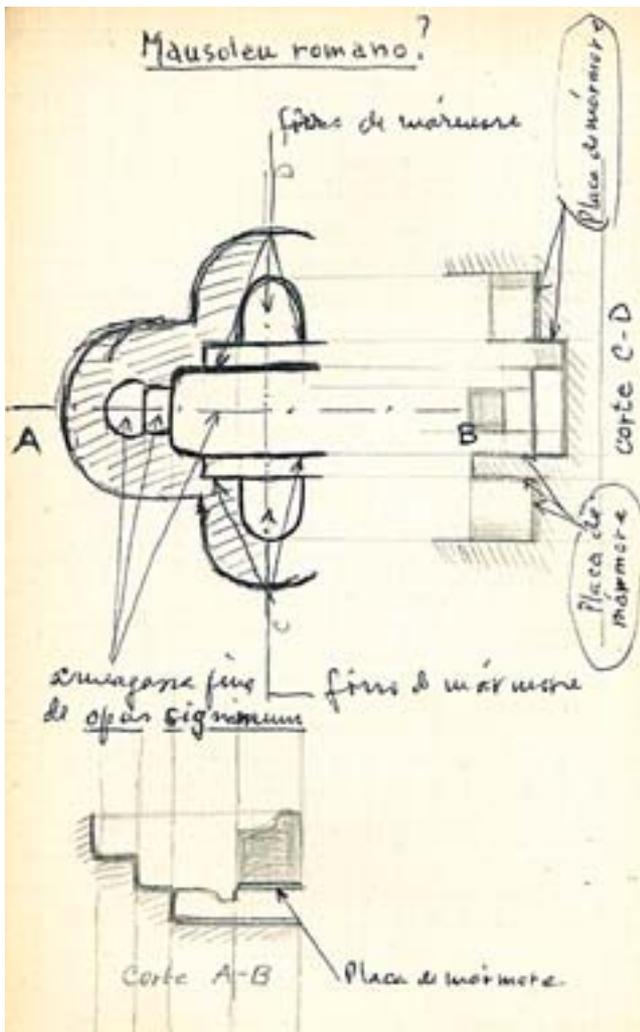


Fig. 52 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, relativa à campanha de 1962 em Idanha-a-Velha, com o esboço do baptistério paleocristão por si identificado e explorado (5/10/1962), depois publicado por D. Fernando de Almeida, em 1965.



Carta anônima

O Enf^o - Doutor Veiga Ferreira apontado em
 flagrante a escrever em "pedra" nomes subversivos
 e obscenos! Quem tal disse!

M. H.

Fig. 53 – A excelente relação de amizade estabelecida entre Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira evidencia-se nesta brincadeira, em que, tendo sido este último fotografado a avivar a giz uma inscrição romana, logo motivou uma “carta anónima” enviada à sua Mulher, atribuída a “M. H.”, iniciais de Manuel Heleno, por quem ambos, por certo, não nutriam especial simpatia.

Fig. 54 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira (11/10/1969), relativa à descoberta de uma lápide mencionando os *Igaeditani*. Este exemplo, entre muitos outros, mostra que, de facto, era ele quem estava quase sempre nas escavações, embora estas fossem dirigidas por Fernando de Almeida.

sempre em co-autoria com Fernando de Almeida, embora a redacção fosse exclusivamente sua, era, no entanto, a escavação e a recuperação da cidade romano-visigótica da Egitânea que lhe ocupava a maior parte do tempo. Seria ele a descobrir e escavar os restos do baptistério paleo-cristão (**Fig. 52**), bem como a registar, em primeira mão, no seu caderno de campo, importantes epígrafes, postas a descoberto pelas escavações (**Fig. 54**). Descobertas, que, lealmente, depositava nas mãos de Fernando de Almeida, com quem jamais discutiu a primazia que sempre lhe cabia na autoria das respectivas publicações das quais só algumas foram feitas em co-autoria. A importância destas encontra-se, aliás, claramente objectivada no estudo que M. Justino Maciel publica neste mesmo volume.

Fig. 55 – Dólmen de Chão Redondo nº. 2, Talhadas do Vouga, explorado por L. de Albuquerque e Castro em inícios de 1957, que ofereceu a O. da Veiga Ferreira a co-autoria da futura publicação.

restos românicos.
 11/10/1969. Sábado
 Acabei o levantamento do plano
 do edifício descoberto o ano pas-
 so e este ano em vista da Cathedral
 Acabei o levantamento feito da
 Porta de San Fernando perante da
 no todo do do futo.
 hi hoje a lápide que aparece em
 escavação de um posto de escavação
 lê-se ainda: IGAEDIT
 LII
 ARISTON
 O Prof. D. Almeida se encarregou
 dela e do seu estudo.
 Nenhum pedo aparece de i norte de
 do do e ano passado aparece uma
 figura humana entalhada de





Fig. 56 – O dólmen pintado de Antelas, antes das explorações efectuadas em 1956. Observam-se, no esteio de cabeceira, as primeiras pinturas ali identificadas, que viriam a celebrar o monumento.



Fig. 57 – O dólmen pintado de Antelas, depois das escavações realizadas em 1956.

Na procura incessante de novas temáticas e áreas de trabalho, por via da amizade estabelecida com Luís de Albuquerque e Castro, tal como ele Engenheiro-Técnico de Minas e funcionário da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, embora colocado no Serviço de Fomento Mineiro, com sede no Porto, ocupou-se, nos inícios da segunda metade da década de 1950, de importantes investigações no megalitismo da bacia do Vouga, a que desde logo associou Abel Viana. O resultado mais notável dessa investigação foi a identificação e publicação da arte megalítica patente em diversos desses monumentos, como o dólmen de Chão Redondo 1 (**Fig. 55**) e, sobretudo, o dólmen 1 de Antelas, no concelho de Oliveira de Frades (**Fig. 56 a 60**), onde, tanto os esteios da câmara como do corredor, exibiam pinturas esquemáticas a vermelho e negro, com destaque para o esteio da cabeceira. Cientes da fragilidade das pinturas postas a descoberto, desde logo foi elaborado um plano de protecção do monumento, apresentado ao I Congresso Nacional de Arqueologia, com Luís de Albuquerque e Castro. Trata-se de trabalho pioneiro para a época e que bem ilustra o cuidado que julgava dever ser dispensado à protecção e valorização (e não apenas à investigação) do nosso rico património arqueológico, então, tal como hoje, é, ainda, infelizmente, prática corrente. Foram, aliás, tais preocupações, que explicam o cargo de arqueólogo-consultor da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1973/1978), no âmbito do qual orientou trabalhos de restauro e de recuperação na estação romana de Milreu, em Estoi (Algarve) e, já depois do 25 de Abril, na citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo).

Por via da notável descoberta de Antelas, evocada no importante estudo de J. C. de Senna-Martinez e J. M. Q. Ventura, a arte pré-histórica passou também a fazer parte dos seus interesses. Aproveitando a experiência acumulada com Albuquerque e Castro, com ele publicou, na viragem da década, as pinturas rupestres esquemáticas dos Louções, na mesma crista quartzítica onde se abre o abrigo de Vale de Junco (Esperança), estudado em 1917 por Henri Breuil (**Fig. 61**). Aliás, o convívio com este eminente pré-historiador, que desde o início do século se



Fig. 60 – Fotografia tirada no interior do dólmen de Antelas, no final dos trabalhos. Da esquerda para a direita, a filha do Dr. Alberto Souto, L. de Albuquerque e Castro, O. da Veiga Ferreira e Alberto Souto, investigador pioneiro da arte pré-histórica em Portugal.

distinguiu pelos seus notáveis estudos de arte rupestre paleolítica e pós-paleolítica peninsular, ter-lhe-ia, anteriormente, já despertado o interesse pela matéria: no regresso de uma visita em sua companhia a Évoramonte, ao local onde se recolhera um notável conjunto de folhas solutrenses, já em sua casa, quis Breuil distinguir O. da Veiga Ferreira com um autógrafo, no seu caderno de campo, onde representou, magistralmente, movimentada cena de caça (Fig. 62), que Veiga Ferreira reproduziu, em 1965, no volume de homenagem editado em memória do sábio francês, pela Faculdade de Letras de Lisboa.

À referida publicação, seguiu-se estudo de síntese sobre o que então se conhecia em Portugal sobre arte rupestre (1962). Mais tarde, sem nunca guardar silêncio das suas ideias, mesmo sabendo-as polémicas e contra as da maioria, teve a frontalidade de se pronunciar, sempre por escrito quando com estas não concordava; foi o caso do complexo de arte rupestre do vale do Tejo, em Fratel (1973), que considerava, sem razão, obra de pastores. Diga-se, em abono da verdade, que não era peremptório a tal respeito, admitindo como autênticas algumas

gravuras que possuíam patina, o que não acontecia com as restantes, que, no seu entender, por se encontrarem directamente sujeitas à erosão hídrica produzida pelas cheias, não poderiam ser antigas, mas antes resultado de cópias, feitas por pastores, utilizando para o efeito as cavilhas (“tirefonds”) das travessas do caminho de ferro da linha da Beira Baixa, que passa junto do local, ao longo da margem direita do Tejo. Discordando da conclusão, há, no entanto, que reconhecer a lógica do raciocínio.

Mais tarde (1977), com outros colaboradores, publicou as insculturas rupestres de Mora (Alto Alentejo) e da Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo (1981).

A escassez de meios e de disponibilidade pessoal em encetar escavações extensas e demoradas, requerendo recursos financeiros avultados e, sobretudo, a constituição de equipas numerosas, explica a escassez de trabalhos sobre povoados pré-históricos no seu currículo. Na verdade, à época, apenas constituía excepção a este panorama desolador, o célebre povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), longamente escavado por E. Jalhay e Afonso do Paço, e apenas por este último, após o falecimento do seu companheiro. Ainda assim, realizou, com Georges Zbyszewski, duas campanhas de escavações, em 1957 e em 1958, no povoado fortificado calcolítico da Penha Verde (Sintra), com o apoio da Câmara Municipal de Sintra, presidida pelo arqueólogo, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, e seu grande amigo, o Prof. Doutor Joaquim Fontes. Mas, do sítio arqueológico, escavou-se apenas uma pequena parte, não obstante o evidente interesse dos resultados obtidos (Fig. 63



Fig. 61 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, de 19/4/1960, relatando visita às novas descobertas de abrigo pintado em Vale de Junco, que viria a publicar pouco depois com o companheiro desta saída, L. de Albuquerque e Castro.

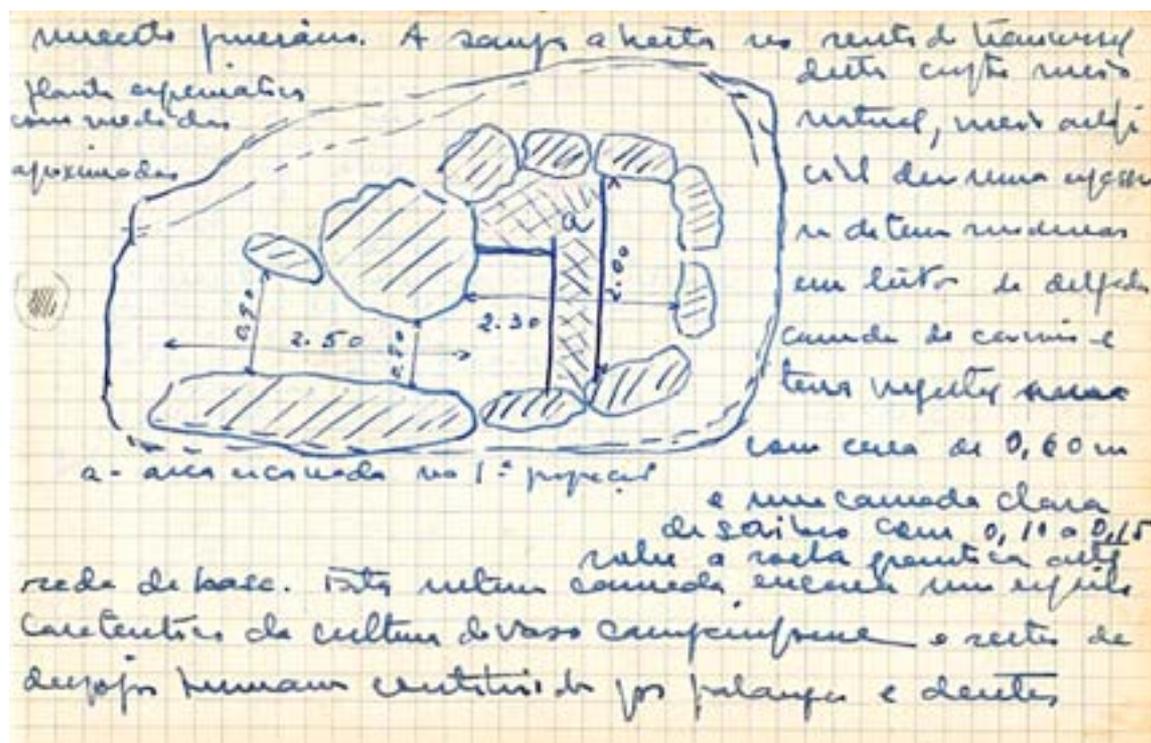


Fig. 63 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, relativa à primeira campanha de escavações efectuada na estação da Penha Verde (Sintra), de 19 de Maio a 1 de Junho de 1957, onde se representa esboço de recinto habitacional de época campaniforme.



Fig. 64 – Visita de Vera Leisner (ao centro) e de seu marido, Georg Leisner, às escavações efectuada na Penha Verde (Sintra) em 1957. Georg Leisner viria a falecer pouco depois (20/9/1957), em Estugarda.

3/10/1958 - Sepulchro-feito
 Fomos começar com a busca a longo da
 gruta da ponte da Lage. Não nos foi possível
 a. Aborda-se de explorar com a dita gruta
 no local em que se encontra a gruta Ribeiro.
 4/10/1958 - Fecho - fecho

Concluiu-se a desmontagem e a desenterrar
 a gruta, arrumando tudo à entrada da
 gruta de um lado. Fizemos dois sacos de pó
 à entrada para serem a terra retirada
 do dentro. No fundo da gruta caíram por
 Carlos Ribeiro e depois de uma passagem
 de 15 metros entrou-se numa câmara larga
 e cheia de terra.

5/10/1958 - Desmonte fecho
 O Pedro Paulo veio com profus e ao fim
 só a gruta. O trabalho continuou mesmo a
 hora seguinte a longo da entrada da gruta

Fig. 65 – Planta e corte da sepultura neolítica identificada junto à entrada da gruta da Ponte da Lage, Oeiras, datada de 8/10/1958, acompanhada de extracto do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativo às explorações que efectuou, com Jean Roche, naquela gruta sepulcral pré-histórica.

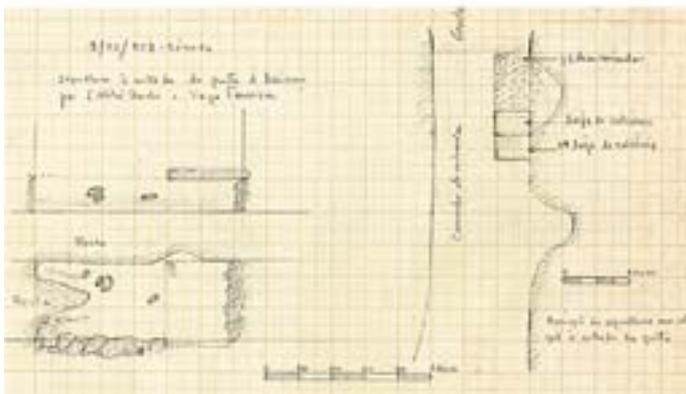


Fig. 66 – Vista da entrada da gruta das Salemas, na época da sua exploração arqueológica, em Novembro de 1959.

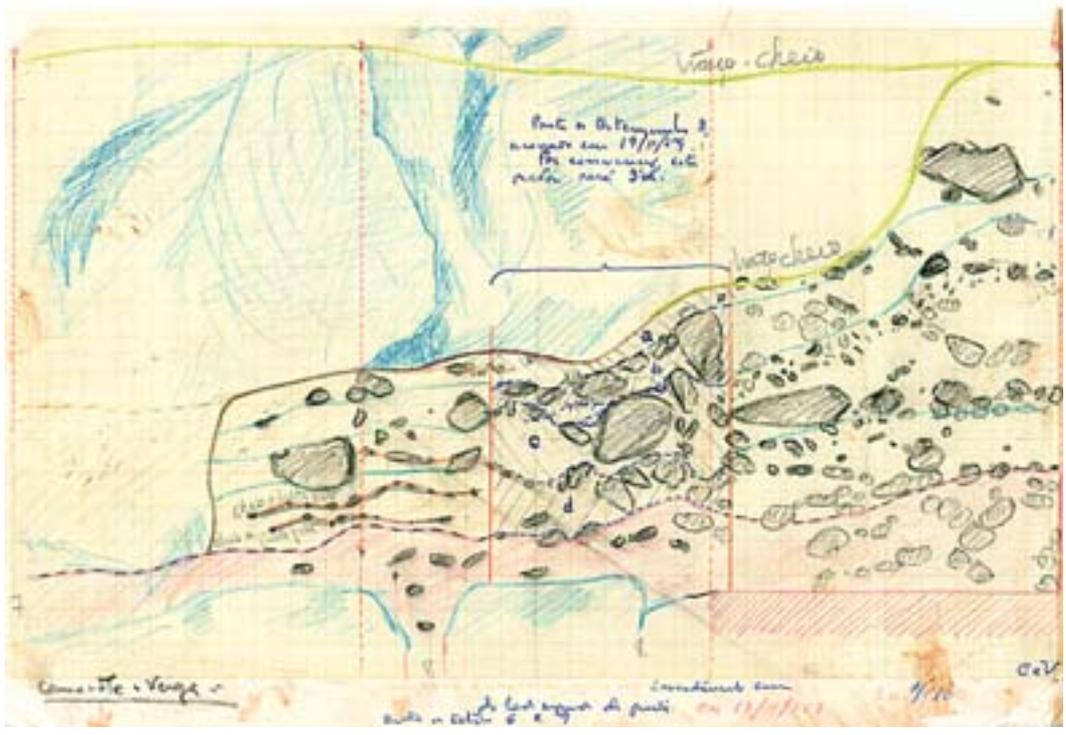
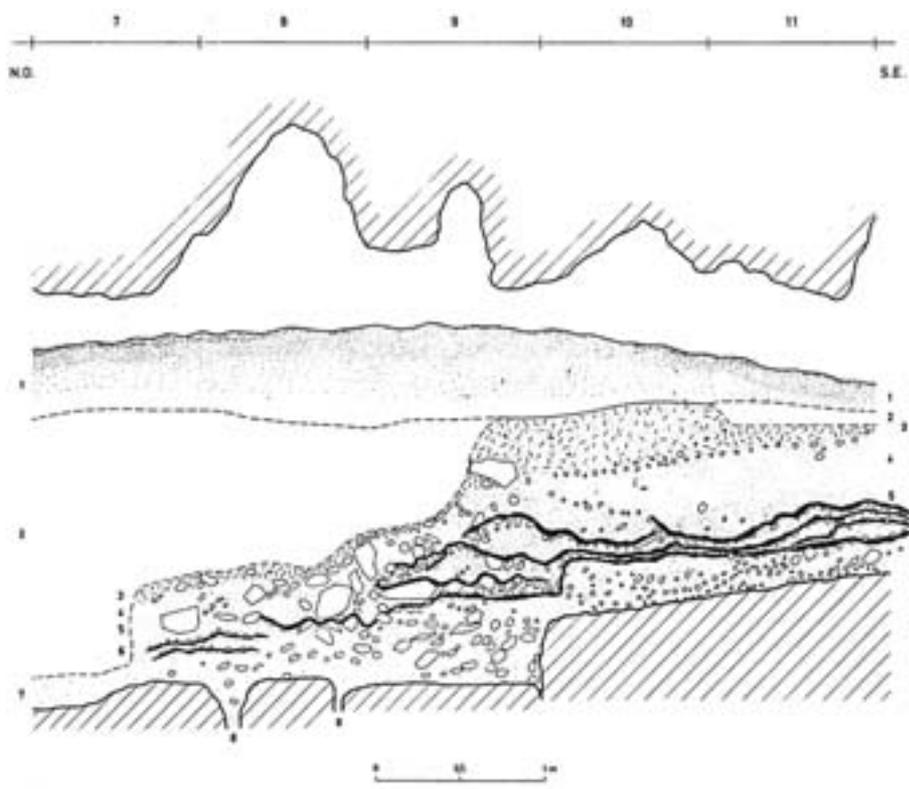


Fig. 67 - Corte estratigráfico registado na gruta das Salemas, conforme foi publicado (em cima) e desenho original de parte do mesmo (em baixo), da autoria de J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira.

Salemas (**Fig. 66**), cuja exploração minuciosa, efectuada com Camarate França, permitiu o reconhecimento de diversos níveis do Paleolítico Superior (**Fig. 67**), contendo indústrias líticas, essencialmente solutrenses, além de raras pontas ósseas (zagaias), uma delas afeiçãoada em osso peniano de urso (**Fig. 68**). Era a primeira vez que tal acontecia em Portugal, dando origem a diversas publicações, prontamente dadas à estampa, em co-autoria com outros companheiros, como Jean Roche e Georges Zbyszewski. O interesse desta descoberta – uma das mais importantes



Fig. 69 – Belíssima folha solutrense das grutas do Poço Velho, em Cascais, de cuidado talhe bifacial, identificada por O. da Veiga Ferreira, entre o espólio recolhido nas escavações ali dirigidas por Carlos Ribeiro, no século XIX. Comprimento: 9,9 cm.

estações do Paleolítico Superior até hoje exploradas em Portugal, constituindo, provavelmente, abrigo logístico de grupos de caçadores que exploravam os relevos calcários dominantes da região – motivou Veiga Ferreira a apresentar, em 1962, a primeira síntese sobre o Solutrense em Portugal, onde publicou materiais que, até então, tinham passado despercebidos, misturados nas colecções com espólios mais modernos. Foi o caso da belíssima ponta solutrense das grutas do Poço Velho (Cascais), então por si identificada, nas colecções conservadas no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (**Fig. 69**).

Três anos depois da exploração das Salemas, um tiro de pedreira pôs a descoberto uma gruta, até então desconhecida: trata-se da Gruta Nova da Columbeira, Bombarral (**Fig. 70**). As escavações que ali dirigiu, logo depois da descoberta, de novo com Camarate França, iniciaram-se a 20 de Agosto de 1962 (**Fig. 71 e 72**), com o apoio de um grupo local de

arqueologia, constituído por Jorge de Almeida Monteiro, Vasco Cortes, Joaquim Maurício e Antero Furtado, e evidenciaram notável sequência ocupacional mustierense (**Fig. 73**), com abundantes indústrias líticas, representadas por vários milhares de artefactos, faunas e um dente decidual de neandertal, o primeiro que se descobriu em território português, publicado em 1965 por Denise Ferembach. As datas de radiocarbono que ulteriormente foram obtidas no laboratório de Saclay, constituíram o primeiro indício de uma inusitada modernidade para os últimos Neandertais ibéricos, só confirmada recentemente, por via de outras datações, entretanto obtidas em diversas grutas do sul



Fig. 68 – Duas zagaias de osso, provenientes dos níveis do Paleolítico Superior da gruta das Salemas, recolhidas no decurso das escavações ali realizadas por J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira. A da esquerda foi executada em osso peniano de urso. Comprimento: 17,8 cm.

peninsular. Da Columbeira, viria a publicar artigo intitulado "O mais importante nível de ocupação do caçador neandertal da Gruta Nova da Columbeira", inserido no volume de homenagem ao seu Mestre e companheiro de sempre, e também seu compadre, pois que era padrinho dos seus dois filhos, o Doutor Georges Zbyszewski.

Os notáveis resultados obtidos nas grutas de Salemas e da Columbeira, chegariam para colocar Veiga Ferreira entre um dos arqueólogos mais importantes no âmbito dos estudos paleolíticos em Portugal.

Mais tarde, na Lapa da Rainha, Vimeiro (1968), com Jean Roche e Manuel Farinha dos Santos (Fig. 74), voltou a identificar uma ocupação do Paleolítico Superior, alternando o homem, como na Gruta Nova da Columbeira, a frequência da gruta com carnívoros, cuja presença se encontrava evidenciada através de um nível particularmente rico em coprólitos de hiena (Fig. 75).



Fig. 70 – A Gruta Nova da Columbeira, ao centro, na encosta esquerda do vale do Roto, na altura das escavações ali efectuadas, em 1962.



Fig. 71 – Vista da entrada da Gruta Nova da Columbeira, obtida no decurso das escavações, onde se montou dispositivo para a crivagem das terras saídas da escavação.



Fig. 72 – Vista do interior da Gruta Nova da Columbeira, no decurso das escavações ali efectuadas em 1962.

Em 1963, torna-se membro do Instituto Arqueológico Alemão, em resultado da importante e, como sempre, desinteressada colaboração prestada a Georg e Vera Leisner, sucedida pela que, entretanto, viera a estabelecer com outro eminente arqueólogo alemão, então ainda no início da carreira, Hermanfrid Schubart. Acentuava-se, então, o seu gosto pelo estudo do Calcolítico e, em particular, pelo campaniforme, que doravante constituirá um dos temas recorrentes da sua actividade, mas que já desde 1954 o interessava, ano em que publicou o primeiro trabalho de síntese sobre o tema. O assinalável volume de informação acumulada permitiu-lhe, com efeito, elaborar um importante e completo estudo sobre tal matéria, que apresentará em 1965, na Universidade de Paris, para a obtenção do grau de “Docteur de l’Université de Paris” intitulada “La Culture do Vase Campaniforme au Portugal” (**Fig. 70**), a qual veio a constituir outra importante Memória dos Serviços Geológicos de Portugal publicada em 1966.

Importa sublinhar que este título académico, hoje em dia extinto, representava uma distinção, da parte da Universidade que o outorgava, homenagenado quem, por trabalhos científicos, se havia destacado, sem prejuízo de submissão de dois trabalhos originais a um Júri, em acto público solene. A segunda tese versou sobre os Pectinídeos miocénicos de Portugal, reunindo muita informação entretanto por si publicada.

No caso de Veiga Ferreira, a possibilidade da inscrição deste tema, na Universidade de Paris, resultou da sua colaboração, sempre impecável, mesmo muito para além daquilo a que estava obrigado, que dispensou a Jean Roche, no âmbito da investigação dos concheiros mesolíticos de Muge, o qual, por esta via, se destacou justamente no meio científico internacional. Com efeito, importa sublinhar que, em resultado dos trabalhos ali conduzidos desde o século XIX, Muge constitui um dos três mais notáveis conjuntos mesolíticos europeus, com os seus mais de trezentos inumados. Esta oportunidade de valorização foi propiciada por outro acontecimento: em 1961, vem

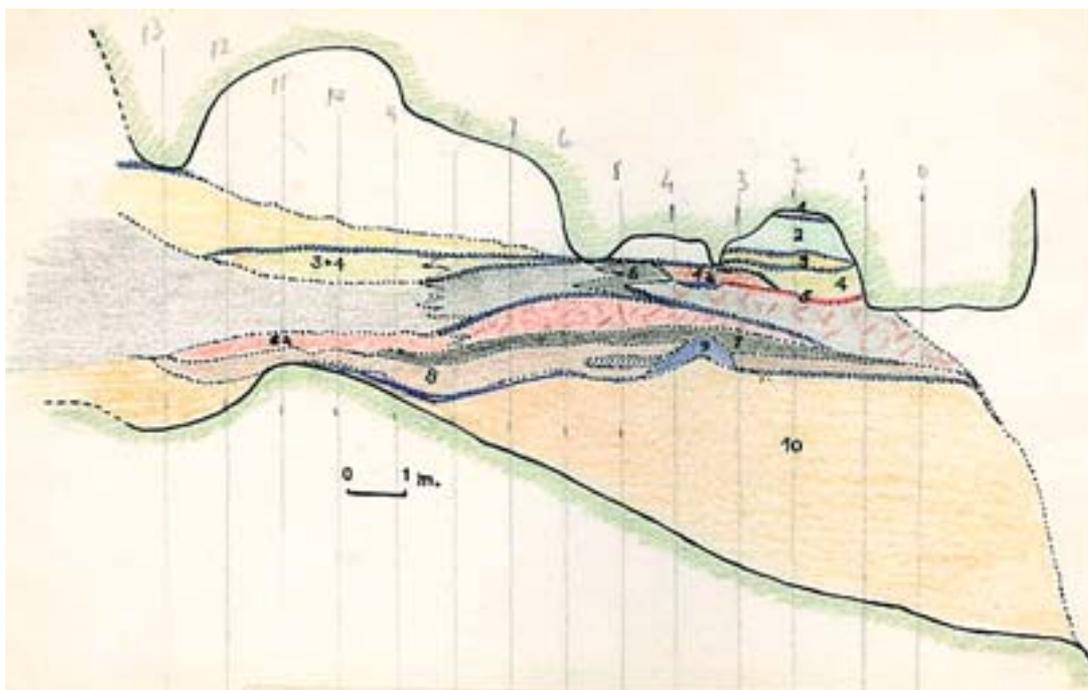


Fig. Corte estratigráfico da Gruta Nova (Bamborral). Escavação de O. da Veiga Ferreira, grupo de pesquisas Mustierense

- 1 - Camada estratigráfica com ossos de animais pequenos e ossos.
- 2 - Bacia calcária com ciler com casca, calcários e ossos de animais.
- 3 - Nivel lento com casca, calcários e ossos de animais.
- 4 - complexo argilo-arenoso com restos de dentes e mandíbulas de felis, Quant 20 e Quant 100 e fauna de vestígulos de época quente.
- 5 - nível lúmenítico indicado de dentes e lúmen.
- 6 - Bacia calcária com mandíbulas e dentes e fauna de vestígulos de época quente e lúmen.
- 7 - Nivel arenoso calcário acentuado com fauna de vestígulos e lúmen de Mustierense.
- 8 - Terra calcária escura com o cupel humano (cupelito e baseiras) depositada.
- 9 - Nivel estratigráfico de base e local do dente de Neandertal.
- 10 - Terra argilo-arenosa amarelada estratigráfica de dentes nos pedos naturais da gruta.

Fig. 73 - Corte estratigráfico dos depósitos do Mustierense identificados na Gruta Nova da Columbeira e respectiva descrição, realizada por O. da Veiga Ferreira.



Fig. 74 – Jean Roche e O. da Veiga Ferreira, à entrada da Lapa da Rainha, Vimeiro, à data das escavações ali efectuadas por ambos, conjuntamente com M. Farinha dos Santos, em 1968.



Fig. 75 – Vista parcial das escavações realizadas na Lapa da Rainha, Vimeiro, em 1968, observando-se, de boné, O. da Veiga Ferreira e, diante dele, desmontando o depósito plistocénico, M. Farinha dos Santos.



Fig. 76 – Materiais mustierenses recolhidos por O. da Veiga Ferreira na gruta do Placard, Charente.



Fig. 77 – Parecer do Professor Jean Piveteau sobre a tese de O. da Veiga Ferreira, na qualidade de seu Orientador.

a Portugal o eminente paleontólogo francês Jean Piveteau, interessado na observação dos depósitos miocénicos do baixo Tejo. Guiado por Georges Zbyszewski e por Veiga Ferreira, rapidamente terá reconhecido nestas as suas ímpares qualidades pessoais, de observação, e de investigação. Obtido o patrocínio de Jean Roche para a concessão de uma bolsa por parte do Governo Francês, Piveteau aceita constituir-se como seu "patron de thèse", em 1964. Neste ano e no próximo, participou em escavações na gruta do Placard, Charente, dirigidas por Jean Roche (**Fig. 76**), analisou materiais arqueológicos de diversos Museus da capital francesa, com interesse comparativo com espólios portugueses (**Fig. 79**), e visitou as mais notáveis grutas francesas com arte parietal paleolítica, como Pech-Merle, Les Combarelles, Font-de-Gaume, deslocando-se numa roulotte e aproveitando as férias não gozadas nos anos antecedentes. Importa, com efeito, sublinhar, que, em nenhum momento, foi concedido, por parte dos Serviços Geológicos, quaisquer facilidades a Veiga Ferreira, no âmbito da sua valorização científica: nada ficou a dever à Instituição, a que prestou, ao contrário, tantos e tão relevantes serviços! A 11 de Maio de 1965, doutorou-se perante júri constituído pelos Professores J. Piveteau, G. Lucas, Genet-Varcin e J. Roche, apresentando cuidado *corpus* sobre as ocorrências de estações e materiais campaniformes então conhecidos em Portugal, que mantém, como se disse, grande interesse documental (**Fig. 77**).

Veiga Ferreira, mercê do esforço pessoal que desenvolveu, viu reconhecido internacionalmente o seu mérito, situação que lhe permitiu o desenvolvimento de contactos pessoais com muitos eminentes pré-historiadores, por si sempre cordialmente acolhidos no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, como se encontra abundantemente comprovado pela sua correspondência, publicada na segunda parte deste volume. A fidelidade das suas amizades e a gratidão para com aqueles que, um dia, o tinham ajudado, encontra-se, aliás, espelhada nas memórias necrológicas que dedicou a Joaquim Fontes (1971), que em 1948 o propôs para a Associação dos Arqueólogos Portugueses, Abel Viana (1964), Afonso do Paço (1968 e 1970) e Maxime Vaultier (1970). O seu antigo Mestre A. A. Mendes Corrêa, a quem deveu apoios financeiros para realizar diversos trabalhos, acolhendo-o como investigador no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular do Instituto de Alta Cultura, não foi também esquecido (**Fig. 78**). A ele dedica a sua tese de doutoramento quando já nada, a não ser a sua consciência, o obrigava a fazê-lo.

A ligação a Oeiras, vila onde viveu entre a década de 1950 e 1962, habitando moradia da Rua José Diogo da Silva, manifestou-se por comunicação apresentada ao XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, reunido em Junho de 1962, em co-autoria com a sua filha Seomara, intitulada "Algumas notas histórico-arqueológicas sobre Oeiras", onde se revêem algumas descobertas arqueológicas e se dão a conhecer outras, entre as quais a cabeça de mármore sacaróide hoje reaproveitada numa fonte decorativa do jardim municipal.

Nos Serviços Geológicos, que considerava a sua segunda casa, a substituição do Eng. António de Castello Branco, no início da década de 1960, que reconhecia em Veiga Ferreira ímpares qualidades de trabalho, foi sen-



Fig. 78 – O Professor A. A. Mendes Corrêa, fotografado no dia 9 de Outubro de 1955, no decurso da exploração arqueológica do depósito solutrense do Monte da Fainha (Évoramonte).

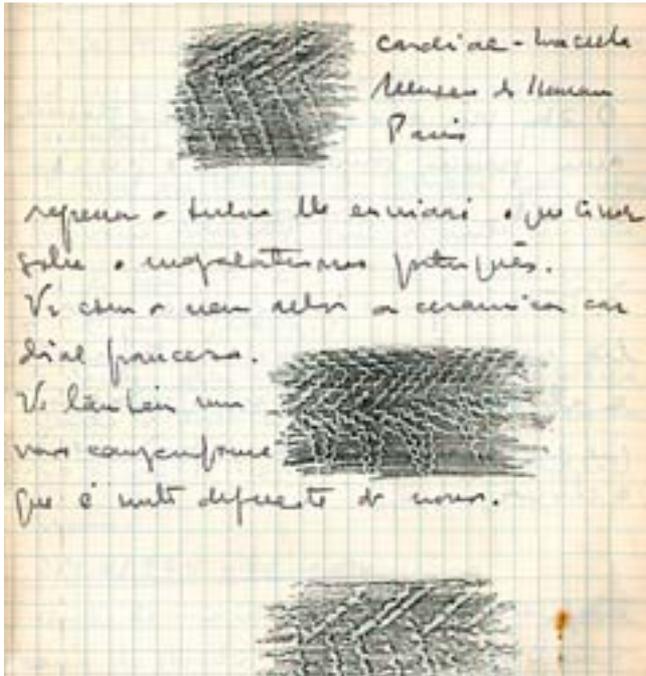


Fig. 79 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, com decalques de vasos com decoração cardinal, observados em Paris, no Musée de l’Homme, de interesse comparativo com exemplares portugueses.



Fig. 80 – Diploma de “Docteur de l’Université de Paris” de O. da Veiga Ferreira.

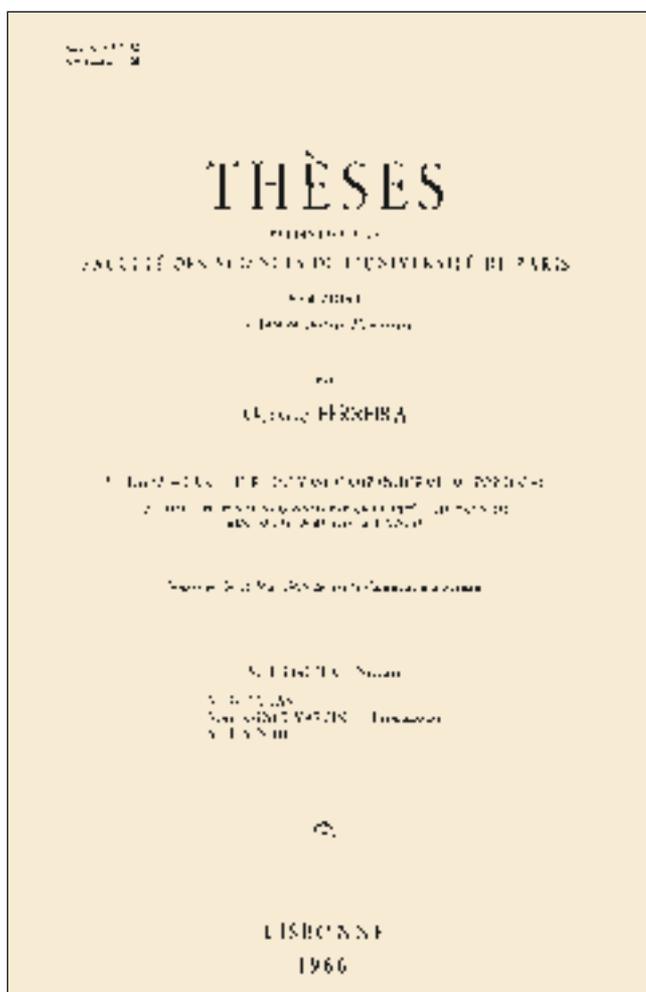


Fig. 81 – Capa da tese de “Doctorat de l’Université de Paris” defendida na Sorbonne, em 11 de Maio de 1965, por O. da Veiga Ferreira, e vários recortes de jornais portugueses, noticiando a obtenção do título de Doutor em Ciências Naturais, em Paris, de O. da Veiga Ferreira.

tida como a perda de um protector ao labor arqueológico que ali vinha desenvolvendo. Prova da amizade que o unia ao seu antigo Director, foi a colaboração científica, que com ele manteve. Assim, aquando do exercício cargo de Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais, na viragem da década de 1960, Veiga Ferreira foi por este convidado a intervir na exploração da villa romana da Areia, onde pôs a descoberto importantes estruturas arqueológicas, de cuja recuperação depois se encarregou, publicando, com o seu antigo chefe, em 1971, os resultados alcançados (**Fig. 82**). Desta realidade, nos dão José d’Encarnação e Guilherme Cardoso, neste volume, interessantes testemunhos.

Assim, no seu local de trabalho, apenas interessaria, doravante, desenvolver trabalhos sobre o Paleolítico, por ser a temática mais directamente ligada à Geologia do Quaternário. Tais directivas, que nunca passaram a escrito, poderiam ter resultado, com efeito, de pressões externas sobre o novo chefe, como M. Telles Antunes refere no seu contributo, inserido neste volume. Com efeito, o substituto do Eng. António de Castello Branco viria a ser o Eng. Fernando Moitinho de Almeida, que, ao contrário daquele, jamais viria a ser designado como Director da Instituição, mas apenas como seu Engenheiro-Chefe. Uma situação de fraqueza, que lhe conferia alguma limitação



Fig. 82 – O. da Veiga Ferreira, fotografado no decurso das escavações das ruínas romanas de Areia, Cascais, em 1971.

de poderes. Nada que impedisse, porém, os desígnios de Veiga Ferreira, que continuou a trabalhar afincadamente. A prática de escavação de grutas, consolidada em França, sob a orientação de Jean Roche, na gruta do Placard, depois da exploração das Salemas e da Gruta Nova da Columbeira, prosseguiu ao longo da segunda metade da década de 1960. Com elementos que haviam participado na escavação da Gruta Nova da Columbeira, pertencentes ao Museu do Bombarral, orientou explorações e, depois, a publicação dos materiais da gruta das Pulgas, e da Lapa do Suão, utilizadas como necrópoles. A exploração de grutas naturais, utilizadas como necrópoles no decurso do Neolítico e do Calcolítico, teve a sua expressão mais importante nas intervenções realizadas em 1966 e 1967 na Lapa do Bugio (Azóia, Sesimbra) (**Fig. 83 a 85**), em companhia do seu amigo Rafael Monteiro, onde recuperaram materiais notáveis, como a célebre placa de xisto com representação do ídolo antropomórfico almeriense na sua parte central (**Fig. 86**). No final da escavação, a gruta mostrava ter sido aproveitada para a instalação de uma extensa necrópole, encontrando-se as deposições funerárias, em decúbito dorsal ou lateral, separadas por pequenas lajes (**Fig. 87**). Data também desta época o registo apressado, no seu caderno de campo, do dispositivo defensivo observado à superfície do terreno no povoado calcolítico de Outeiro Redondo (Sesimbra), identificado pouco antes por Gustavo Marques, que, contudo, não menciona as referidas estruturas na curta nota por si publicada em 1967. Foi, pois, Veiga Ferreira o primeiro a ter dado conta e a registar as mesmas, ainda que através de apressado esboço, recentemente confirmado, nos seus traços gerais, pelas escavações ali conduzidas pelo signatário entre 2005 e 2007.

Com H. Schubart, V. Leisner, A. do Paço e L. Trindade publicou, em 1964, o primeiro estudo monográfico sobre o célebre povoado fortificado calcolítico do Zambujal, viabilizando, deste modo, o sucesso do pedido de autorização solicitado nesse mesmo ano pelo Instituto Arqueológico Alemão para a realização de escavações, conforme elucida

Escavações na Lapa do Bugio (Azóia).

8-6-1966 - Quarta-feira

Comença um trabalho preparatório para se começarem as pesquisas na lapa do Bugio.

Fomos ao Castelo, a casa do Rafael Monteiro deixou para, picaretas, machado e o covo. Ele está a fazer um relatório à tarde depois das 1 hora da tarde.

9/6/1966 - Quinta-feira

Logo de manhã deixamos a casa do Rafael Monteiro. Fui com a mulher Luísa Leira. Partimo de casa para a quinta. O acesso é muito fácil.

Fig. 83 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativa ao início da primeira campanha de escavações na Lapa do Bugio, Sesimbra, em companhia de Rafael Monteiro.

muito dentro mesmo e muito poucas
pientes de ouro, dentes e pedras
de vidro amarelo.

2ª Campanha na Lapa do Bugio (Sesimbra).

Aberto

Terça-feira 5 Setembro 1967

Esta hoje ter com o Rafael tem
três ao Castelo de Sesimbra com
o João e o Chico Monteiro e Luísa
Luísa Leira acompanharam todos
para começarem a 2ª campanha
de escavações na Lapa do Bugio
o Rafael, como sempre, está em
contacto com o Botelho.
almoço um jantar muito
à meia hora e começar uma

Fig. 84 – Página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativa ao início da segunda campanha de escavações na Lapa do Bugio, Sesimbra, em companhia de Rafael Monteiro.



Fig. 85 – O. da Veiga Ferreira, fotografado em tronco nú, com Rafael Monteiro, à sua esquerda, e outros colaboradores, no decurso das escavações da Lapa do Bugio (Sesimbra).

Hermanfrid Schubart, no artigo que publica neste volume. Esta e outras colaborações, já anteriormente prestadas a G. e V. Leisner, justificaram a sua nomeação como Membro Correspondente do Instituto Arqueológico Alemão, a 11 de Maio de 1963 (Fig. 88). Com este eminente arqueólogo alemão e J. de Almeida Monteiro apresentou, em 1969, notícia preliminar sobre o promissor povoado calcolítico fortificado da Columbeira, identificado por Leite de Vasconcelos, o qual só não foi então alvo de escavações mais aprofundadas, como depois viria a acontecer, na década de 1990, por iniciativa de J. L. M. Gonçalves, por, entretanto, se terem tornado prioritárias, para o Instituto Arqueológico Alemão, as investigações no Zambujal, as quais, sob direcção de E. Sangmeister e H. Schubart, se estenderam entre 1964 e 1973.

Com o seu Amigo Vítor Guerra, Director do Museu da Figueira da Foz, publicou o inventário dos monumentos megalíticos daquela região (1968/70), a que se sucedeu o inventário das estações da Idade do Ferro dos arredores da Figueira da Foz, apresentado ao II Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Coimbra em 1970.

No final da década de 1960 estabeleceu, para além dos já mencionados, profícua relação com outros arqueólogos estrangeiros de renome, expressa, como sempre, através de trabalhos publicados em co-autoria. Com Jean Guilaine deu à estampa, em 1970, o primeiro estudo de síntese sobre o Neolítico Antigo do território português, na sequência de uma comunicação sobre os vasos decorados em “falsa folha de acácia”, apresentada no ano anterior, e da descoberta e apresentação preliminar do notável conjunto cerâmico de Cabranosa, Sagres, nesse mesmo ano de 1970. Essa colaboração é evocada, neste volume, por Jean Guilaine. Com Ignacio Barandiarán, que também não quis deixar de apresentar nesta ocasião, uma evocação pessoal, publicou, em 1971, outro estudo inovador, até pelas dúvidas que persistiam então sobre a autenticidade de indústrias ósseas do Paleolítico Médio. Assim, o trabalho acerca dos ossos trabalhados do Paleolítico Inferior e Médio das estações portuguesas merece ser justamente destacado a nível internacional.

No início da década de 1970 retomou a colaboração com arqueólogos alemães, procedendo a trabalhos de campo, com K. Spindler, então colocado em Mainz, em Pai Mogo (Lourinhã), onde escavaram, em Outubro de 1971, notável *tholos* calcolítico, primorosamente publicado, em Português, em 1973. Note-se que o artigo em Alemão, vindo a lume em 1972, apenas se encontra assinado por K. Spindler e G. Gallay, corporizando uma relação desigual, também verificada noutros casos, com os seus colegas portugueses, ainda que mitigada pela associação dos seus nomes nas publicações nacionais.

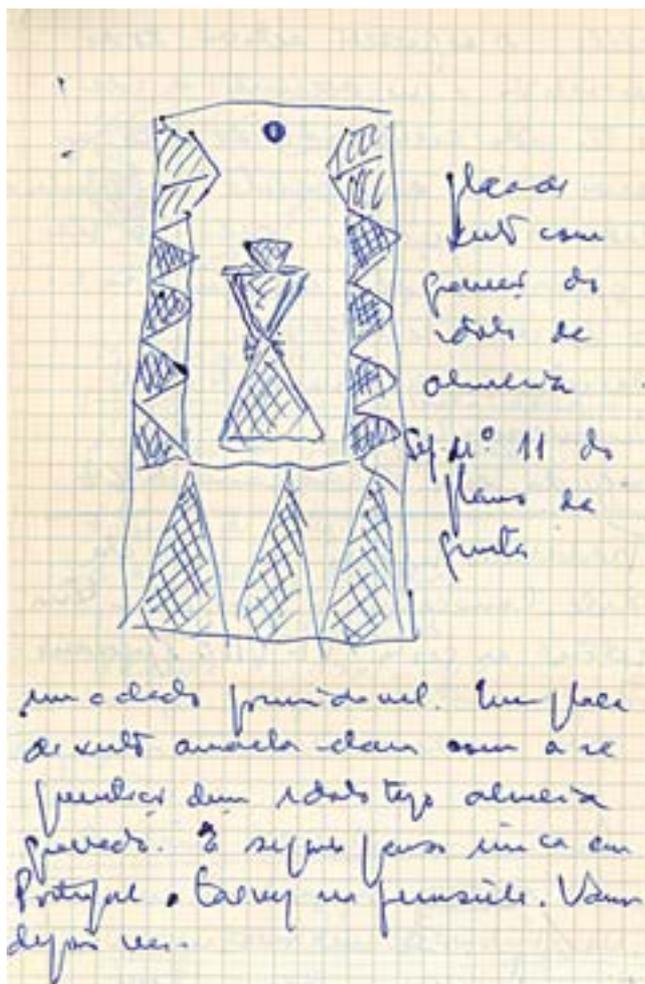


Fig. 86 – Esboço, realizado por O. da Veiga Ferreira, no seu caderno de campo, da notável placa de xisto com a representação antropomórfica do ídolo almeriense, recolhida no decurso da segunda campanha de escavações na Lapa do Bugio, realizada em Setembro de 1967.

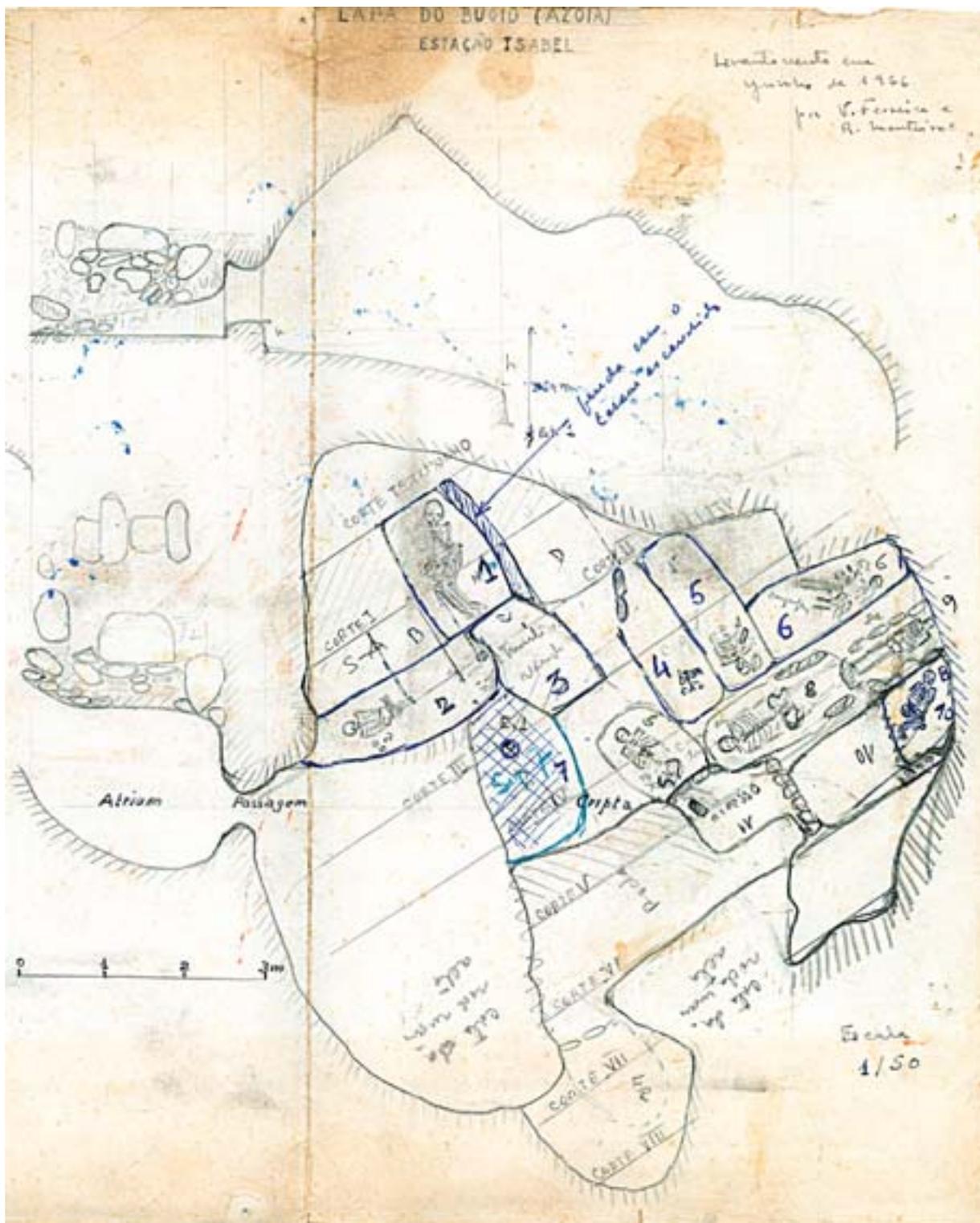


Fig. 87 – Minuta da planta da necrópole pré-histórica explorada na Lapa do Bugio, no final da primeira campanha de escavações, em Junho de 1966, levantada por O. da Veiga Ferreira, com a colaboração de Rafael Monteiro.

INSTITUTUM ARCHAEOLOGICUM
GERMANICUM

INTER VIROS EXIMIOS ET DE LITTERIS
MONUMENTISQUE AETATIS ANTIQUAE
OPTIME MERITOS QUOS CUIUSQUE POPULI
OPTIMOS PRAESTANTISSIMOSQUE
SIBI ADSCIVIT

OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA

SOCIUM AB EPISTOLIS

COOPTAVIT UT ETIAM EIUS OPE AUXILIOQUE
STUDIA COMMUNIA ADIUVENTUR ET
ADAUGEANTUR

DATUM BEROLINI

QUO DIE INSTITUTUM EST CONDITUM

A · D · XI KAL · MAI · ANNI MCMLXIII

IUSSU RECTORUM INSTITUTI



K. J. Meier

Fig. 88 – Diploma de Membro Correspondente do Instituto Arqueológico Alemão.

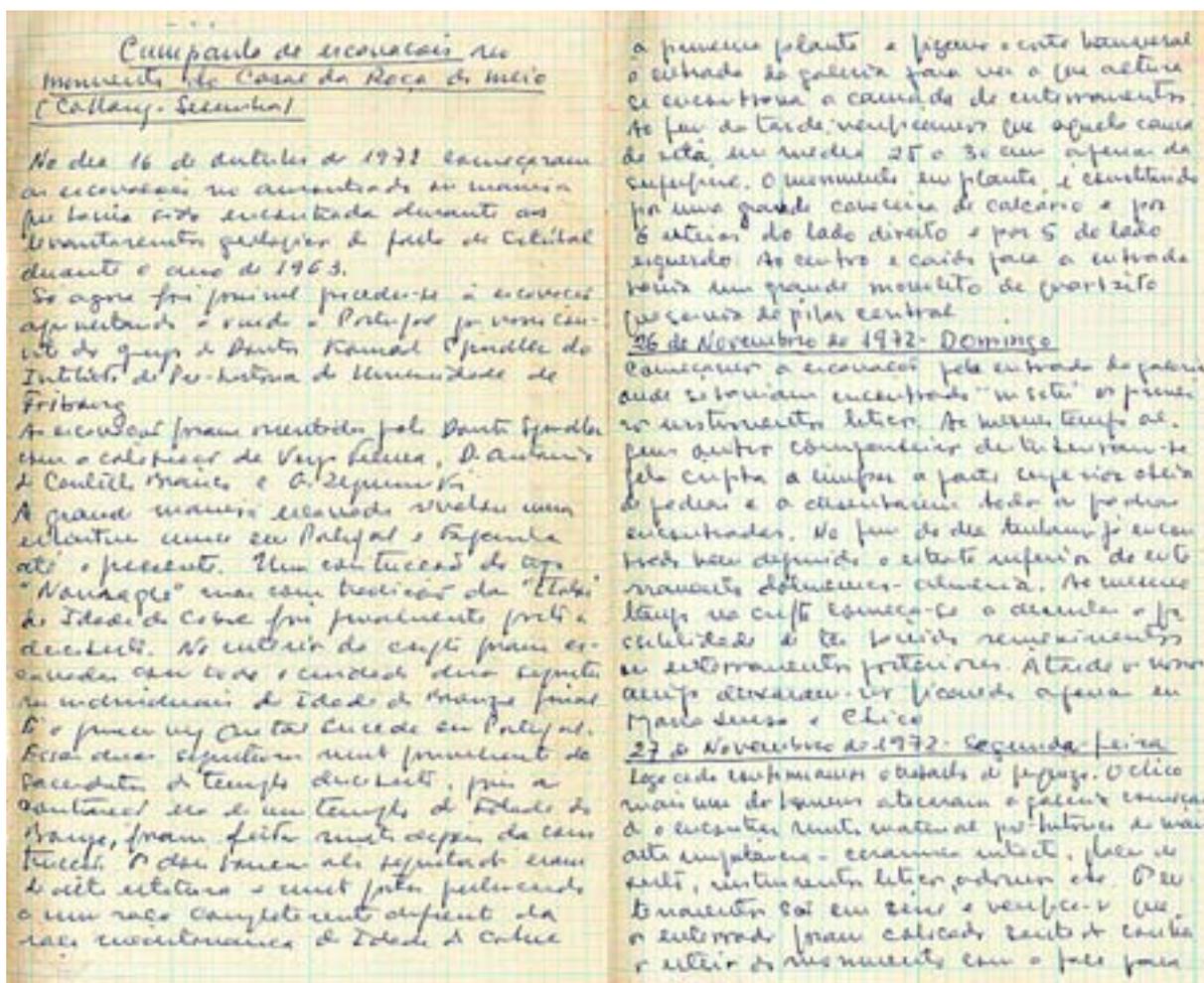


Fig. 89 – As duas primeiras páginas do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, relativa ao início das escavações, em 16/10/1972, do monumento funerário pré-histórico da Roça do Casal do Meio, Sesimbra, realizadas em parceria com Konrad Spindler.

Com o referido arqueólogo alemão, explorou primorosamente, em finais de 1972 (Fig. 89), o célebre monumento funerário da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), onde identificam duas tumulações masculinas do Bronze Final (Fig. 90). Tão estranha se afigura esta construção, sem paralelo no quadro do Bronze Final peninsular, que é legítima a dúvida de ser estrutura dessa época, evocando as últimas *tholoi* micénicas. Em alternativa, é legítima a hipótese de corresponder a reutilização de monumento calcolítico, dos diversos do mesmo tipo existentes na região, do qual, contudo nenhum espólio se conservou, a qual, se nos afigura mais provável. Ainda com Konrad Spindler procedeu à publicação de materiais inéditos, guardados nos Serviços Geológicos desde o século XIX, oriundos da gruta do Carvalhal de Turquel, de que se salienta notável vaso cerâmico representando suídeo, dado a conhecer por Émile Cartailhac em 1886. O último trabalho que partilhou com este arqueólogo, foi a escavação de pequeno dólmen primitivo, situado perto de Cabeção, Mora, publicado em 1981. Data dessa época a foto onde Konrad Spindler aparece ao lado de Georges Zbyszewski e de O. da Veiga Ferreira, junto à anta-capela situada no centro da povoação de Pavia (Fig. 91).

A sua curiosidade, sempre desperta, proporciona-lhe, no decurso dos levantamentos geológicos, descobertas inesperadas e, por vezes, de grande relevância. Foi o caso da identificação, conjuntamente com Georges Zbyszewski,



Fig. 90 – Vista do monumento funerário pré-histórico da Roça do Casal do Meio, Sesimbra, no final das escavações, em Dezembro de 1972.



Fig. 91 – O. da Veiga Ferreira, Konrad Spindler e Georges Zbyszewski fotografados junto da anta-capela de S. Dionísio, Pavia. À esquerda, o Sr. Serrano, motorista da brigada.

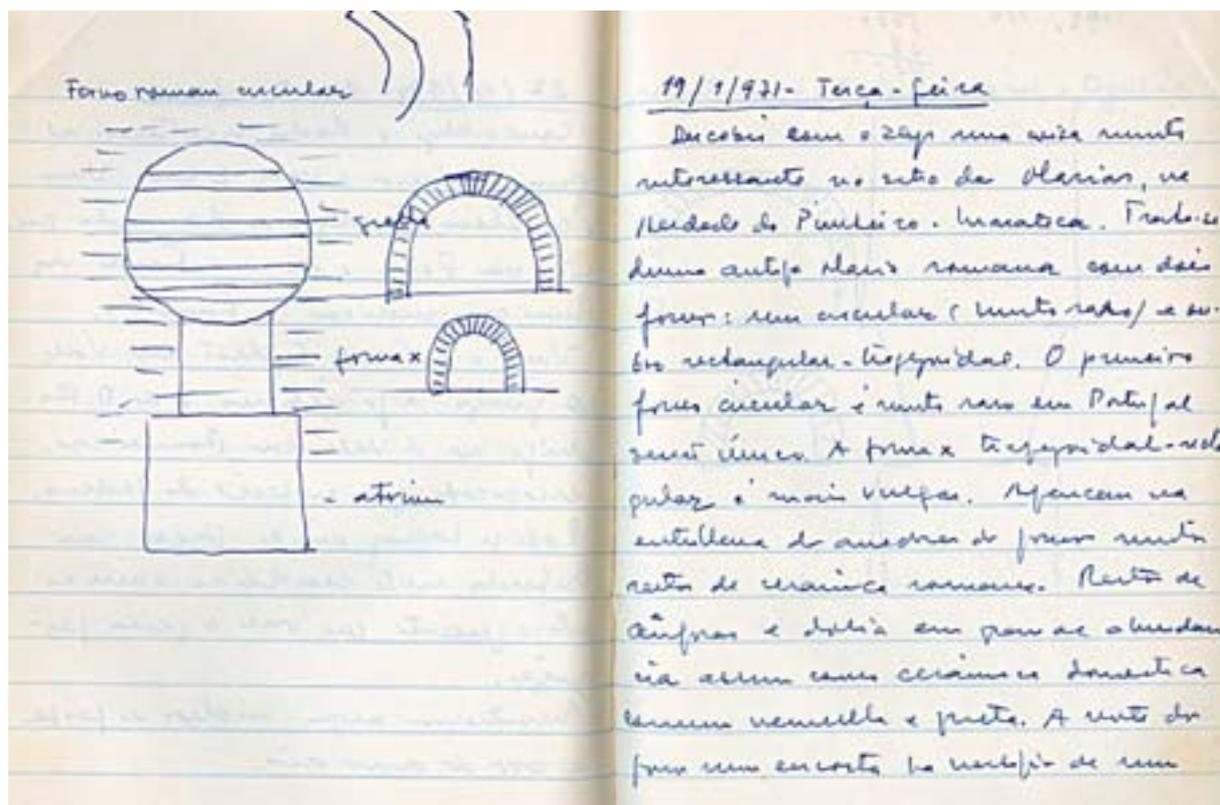


Fig. 92 – Duas páginas do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira, de 19/1/1971, relativas á descoberta dos fornos romanos da herdade do Pinheiro, Grândola, ulteriormente publicados em co-autoria com Fernando de Almeida e Georges Zbyszewski.

dos fornos romanos da Herdade do Pinheiro (Grândola) (**Fig. 92**), que foram objecto de uma nota publicada em 1971, por ambos, com Fernando de Almeida (o qual, segundo declarou um dia G. Zbyszewski ao signatário, nada mais acrescentou à minuta do artigo que lhe foi entregue que o seu próprio nome, por si colocado à frente dos que realmente o redigiram...). Esta estação veio, depois, a ser objecto de prolongadas explorações, pela Missão Arqueológica Franco-Portuguesa, dirigida por Françoise Mayet e C. Tavares da Silva, em 1998, que deram origem a importante monografia, publicada em 1998.

Nos inícios da década de 1970, Veiga Ferreira sofreu alguns dissabores, resultantes da degradação das relações mantidas com Fernando de Almeida, com as inevitáveis consequências daí resultantes. Tal situação foi agravada pela sua maneira impulsiva de ser, a par da sua total e generosa entrega à arqueologia, que nunca ninguém ousou jamais contestar: as suas pesquisas foram sempre feitas por pura paixão, jamais de forma fria ou calculista, pois nem a sua carreira, nem os proventos dela apurados, dependiam dos trabalhos que publicasse neste campo. Os motivos desta separação, nunca esclarecidos em detalhe, mas que creio conhecer nas suas razões mais profundas, por correspondência trocada na época entre ambos, conduziu, em 1973, de forma inglória e sem brilho, ao fim da colaboração leal e exemplar que, por mais de quinze anos, Veiga Ferreira prestou a Fernando de Almeida, tanto na Idanha, em trabalhos de campo e em numerosos artigos que publicaram em co-autoria, como no Museu Nacional de Arqueologia, onde Veiga Ferreira desempenhava gratuitamente, desde 1967, o lugar de conservador-adjunto, imediatamente após início do mandato de Fernando de Almeida à frente da Instituição (**Fig. 93**), ou ainda, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, em que ocupava o cargo de Vice-Presidente, quando a presidência da mesma era assegurada por Fernando de Almeida (**Fig. 94**).



Fig. 93 – Octávio da Veiga Ferreira orientando uma visita ao Museu Nacional de Arqueologia, provavelmente em 1969, no âmbito das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Em segundo plano, observa-se Fernando de Almeida, então Director do Museu.



Fig. 94 – Octávio da Veiga Ferreira, intervindo em sessão da Associação dos Arqueólogos Portugueses, presidida pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, General França Borges, tendo a seu lado o Presidente da Associação, Fernando de Almeida, nos finais da década de 1960.

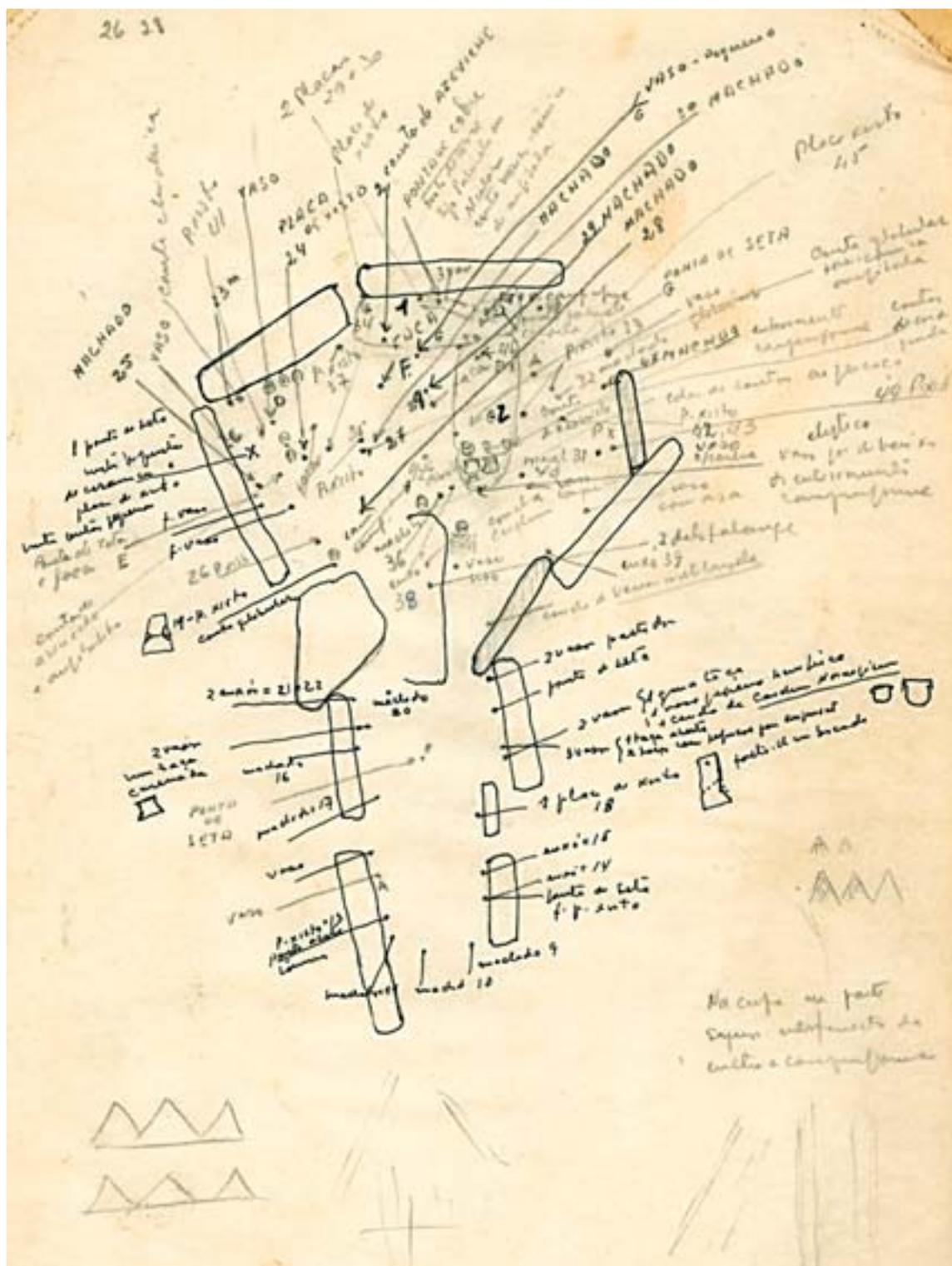


Fig. 95 – Minuta da planta do dólmen de Pedra Branca, Montum, Santiago do Cacém, explorado por O. da Veiga Ferreira e colaboradores, em Novembro de 1972, com a localização do espólio exumado. A qualidade deste registo desmente as acusações de que foi alvo, na sua ausência, por parte de alguns dos participantes no II Colóquio Arqueológico de Setúbal (Novembro de 1975).



Fig. 96 – Pormenor de vaso campaniforme, fotografado *in situ*, aquando da sua descoberta, no dólmen de Pedra Branca, Montum, Santiago do Cacém.

recolha de largos milhares de peças, destacando-se, entre todos, uma oficina de preparação de machados mirenses, descoberta a norte de Vila Nova de Milfontes (1971). Na verdade, trata-se de uma importante ocupação sazonal ao longo do litoral, onde, a par de diversas actividades domésticas, eram confeccionados os inúmeros artefactos, nelas utilizadas, com destaque para o tipo designado por “machado mirenses”, definido por H. Breuil e G. Zbyszewski, na década de 1940, a partir dos primeiros exemplares, recolhidos no litoral adjacente à foz do rio Mira.

Logo a seguir, em Novembro de 1972, executou, quase sozinho, apenas acompanhado do motorista da sua brigada de campo, Manuel Martins, visto a colaboração dos restantes membros da equipa só se verificar ao fim de semana, a escavação do dólmen de Montum (Melides), por si identificado, o qual corria sérios riscos de conservação, em resultado da lavra dos terrenos, realizada mesmo dentro do monumento, e da abertura de um caminho que cortava a mamôa do mesmo. Prova dos cuidados dispensados à escavação e ao registo, é a planta por si elaborada, cujo original agora se apresenta pela primeira vez, tendo o cuidado de localizar todo o espólio recolhido (**Fig. 95**). A acusação de que foi alvo por parte de alguns dos participantes no II Colóquio Arqueológico de Setúbal, em Novembro de 1975, face à dispersão do espólio observado nas terras em torno do mesmo, de ter sido a escavação mal conduzida, altura em que o signatário foi o único dos presentes que se insurgiu contra tal processo de intenções, como adiante relata Guilherme Cardoso no seu depoimento sobre o nosso homenageado, não tinha, pois, fundamento. Com efeito, tanto o interior como o exterior do monumento, depois de escavado,

Entretanto, o apelo da Arqueologia sobrepôs-se no seu espírito ao desgosto sofrido: ultrapassado rapidamente este, que, para muitos, seria definitivo, soube criar condições para a afirmação, em Lisboa, de uma outra equipa, por si liderada, a qual, para além de G. Zbyszewski, era constituída por profissionais liberais como M. Leitão (médico-cirurgião do Instituto Português de Oncologia), C. T. North (engenheiro da multinacional Ford), J. Norton (economista) e, mais tarde, por C. Penalva e pelo autor destas linhas, ainda estudante do ensino secundário. Inicia-se, então, a última etapa da vida científica de Veiga Ferreira, não menos produtiva, animada e recheada de bons momentos de convívio, tal como as anteriores, dos quais se guardam gratas recordações.

Cedo se iniciaram os trabalhos de campo por parte da equipa assim constituída, primeiro de prospecção, de que resultaram numerosos estudos sobre materiais paleolíticos dos vales do Tejo e do Guadiana, bem como a identificação de diversos sítios epipaleolíticos no litoral do Baixo Alentejo, que proporcionaram a



Fig. 97 – O mesmo vaso da figura anterior, depois de restaurado pela equipa de O. da Veiga Ferreira.

continuou, nos anos seguintes, a sofrer a acção destruidora das lavouras mecânicas, em especial o que restava da mamoa (que não foi escavada, como era usual na época), explicando-se, deste modo, a dispersão do material arqueológico observada à superfície na altura da visita aludida. Um facto facilmente explicável, que serviu de pretexto para, mais uma vez, se procurar atingir a figura científica do arqueólogo, numa altura em que este não se podia defender, até por não ter participado no referido Colóquio. Uma das novidades desta escavação, prontamente publicada nesse mesmo ano de 1975, foi a identificação de duas sepulturas campaniformes de inumação individuais, na câmara dolménica, as quais forneceram um notável conjunto artefactual, inserível numa fase já avançada daquelas produções (**Fig. 96 e 97**).

Ainda em 1972, e com a mesma equipa, explorou a pequena câmara megalítica do Monte Serves (Vila Franca de Xira), em boa parte protegida pela mamôa, a qual forneceu apenas restos de um indivíduo, desacompanhado de espólio. Trata-se, de monumento de tipo raro na região, só publicado em 2005, com a participação do signatário (**Fig. 98**). A escavação deste megálito das vizinhanças de Lisboa, dá início a uma série de intervenções, que se prolongaram até quase o final da década.

Assim, a 16 de Março de 1973, dirigiu a mesma equipa na escavação do grande dólmen das Pedras Altas, também chamado de Pedras da Granja (Sintra), o qual deu origem a publicação vinda a lume em 1977 (**Fig. 99**).

Em 1974, efectuou-se a exploração do que restava da gruta natural do Correio-Mor (Loures), seccionada longitudinalmente pela lavra de uma pedreira, onde se vieram a encontrar importantes testemunhos de ocupação, desde o Neolítico Antigo à Idade do Ferro, merecendo destaque um altar calcolítico, constituído por um conjunto diversificado de ídolos de calcário, cuja posição foi reconstituído, em trabalho publicado em 1995.

No final do ano de 1975, explorou-se a gruta natural sepulcral do Lugar do Canto (Alcanena), onde se identificou uma necrópole do Neolítico Médio, cuja planta, posição dos despojos humanos e oferendas funerárias foram

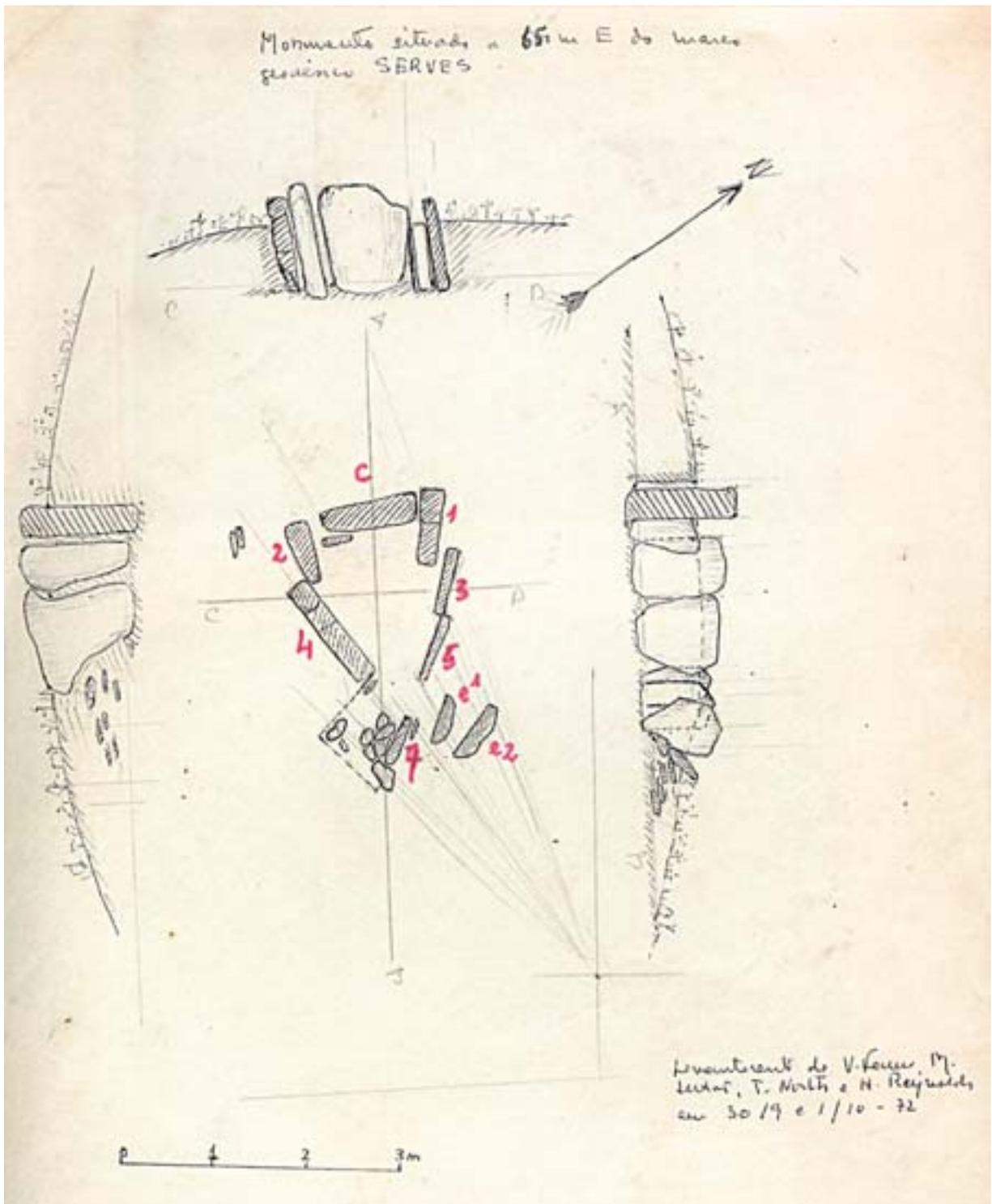


Fig. 98 – Planta da pequena sepultura megalítica do Monte Serves, escavada em 1972 por O. da Veiga Ferreira e colaboradores.

cuidadosamente registadas. A importância desta descoberta – tratava-se da primeira vez que esta etapa cultural era cabalmente caracterizada em Portugal, depois da publicação, em 1951, do dólmen 1 do Poço da Gateira (Reguengos de Monsaraz), por Georg e Vera Leisner – justificou a reapreciação da totalidade do espólio, apresentada neste volume, pelo signatário e António Faustino de Carvalho.

A intensa actividade de campo que caracterizou a última fase da actividade científica de O. da Veiga Ferreira prosseguiu, em companhia da mesma equipa, nos anos subsequentes. Assim, em 1976, a lavra de uma outra pedreira, em Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira), pôs a descoberto uma pequena gruta natural, seccionada pela frente da exploração (Fig. 100). De novo se impôs a rápida realização de uma exploração de emergência, a qual evidenciou situação até então desconhecida: a exclusiva utilização funerária de uma gruta no período campaniforme, cujas sucessivas fases de utilização foram cuidadosamente registadas (Fig. 101), incluindo o espólio peças auríferas, objecto de uma publicação própria, na prestigiada revista *Zephyrus*, em 1981. Nessa mesma altura, foi possível identificar, em outro sector da mesma pedreira, um silo pré-histórico escavado nas margas do substrato geológico, forrado interiormente de pequenas lages e com abundantes sementes incarbonizadas de cevada, *Hordeum vulgare* (Fig. 102), o qual foi também objecto de publicação na revista *Madriider Mitteilungen*.

Tal realidade ilustra a importância científica que Veiga Ferreira continuava a deter no estrangeiro, apesar da campanha dos que, em Portugal, por essa altura, procuraram denegrir a sua obra.

No final do ano de 1976, uma deslocação à região de Sagres, permitiu fixar os limites aproximados da já referida estação do Neolítico Antigo de Cabranosa, escavando-se uma estrutura de combustão, associada a restos de conchas cuja datação pelo radiocarbono, publicada entretanto pelo signatário, em trabalho conjunto com António Faustino de Carvalho e José Norton, permitiu situar a estação nos inícios da segunda metade do VI milénio a.C. Este resultado foi decisivo para a revisão do primeiro modelo de neolitização do território português, apresentado por João Zilhão, que postulava a presença de populações de origem mediterrânea, directamente chegadas, por via marítima, à região do maciço calcário estremenho, onde se localiza a gruta do Caldeirão, por si

Dia 16 de Março de 1973 - Sábado
Iniciamos hoje a escavação de um resto de monumento megalítico da Pedra da Granja ao Norte de Louça e Sintra. O monumento apenas tem dois grandes estios e outros restos pouco de altura na abertura desse buraco ao longo do estio nº 1 e em direção do estio 2. Começamos a escavar esse terra amarela pouco estéril e pouco abundante em terra ao pé da rocha com o intuito de obter humores. Muitas pedras de pedras cinzetas escher completa mente o espaço e estios de tal forma que ficamos como um dólmen que se despois fazer a escavação. Foi encontrado um buraco de um resto de buraco. Fomos como a escavação

Dia 17 de Março de 1973 - Domingo
Durante todo o dia se continuou na escavação. Chegamos ao longo do buraco e mais um buraco de direção do buraco e estios de pedras cinzetas ao fundo e outros de R. H. T.

Fig. 99 – Primeira página do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativa à exploração do grande monumento megalítico de Pedras Altas, ou Pedras da Granja, Sintra, por si dirigida, iniciada a 16/3/1973.



Fig. 100 – Exploração, em 1976, da pequena gruta de Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira, posta a descoberto pela exploração de uma pedreira, sob orientação de O. da Veiga Ferreira.



Fig. 101 – O. da Veiga Ferreira fotografado no decurso da escavação da gruta de Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira, em 1976.



Fig. 102 – O. da Veiga Ferreira indicando o local de um silo pré-histórico, sectionado por frente de pedra, em Verdelha dos Ruivos, e explorado sob sua direcção em 1976.



estudada. A importância científica da estação da Cabranosa, é reforçada pelo notável conjunto de vasos que foi possível reconstituir, alguns deles com decoração cardinal (**Fig. 103**).

A última escavação arqueológica dirigida por Veiga Ferreira efectuou-se em 1978, no *tholos* da Tituarria (Mafra) com uma equipa que, além dos colaboradores habituais, integrou também Pedro Fialho de Sousa e José Medeiros, este último residente naquela localidade (**Fig. 104**), com a colaboração ocasional de Georges Zbyszewski, Carlos Penalva e do autor destas linhas. A qualidade do trabalho de escavação permitiu pôr a descoberto e registar, no interior da câmara do monumento, a distribuição dos

Fig. 103 – Vaso com decoração cardinal da estação de Cabranosa, Vila do Bispo, explorada sob orientação de O. da Veiga Ferreira, em 1976.

Fig. 104 – Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Pedro Fialho de Sousa, José Medeiros, Manuel Leitão, O. da Veiga Ferreira, José Norton e Christopher T. North, autores da escavação da *tholos* de Tituarria, Mafra, em 1978, acompanhados por colaboradores ocasionais dos trabalhos em curso, em segundo plano: Carlos Penalva, o signatário e Georges Zbyszewski.



Fig. 105 – Vista da câmara do *tholos* da Tituarria, Mafra, em curso de escavação em 1978, evidenciando-se a distribuição dos ídolos de calcário pela área escavada.

materiais arqueológicos ali depositados como oferendas, com destaque para importante conjunto de artefactos de calcário (**Fig. 105**).

Os testemunhos das mais antigas presenças humanas no território português despertaram-lhe vivo interesse; ao tema dedica diversos estudos, com destaque para o relativo à estação pré-acheulense de Seixosa, em co-autoria, publicado em 1984. Já perto do fim da vida, a questão continuava presente no seu espírito, aproveitando saídas com o signatário para visitar locais já seus conhecidos e enriquecer a informação disponível sobre esta controversa temática, que, por isso mesmo, lhe aguçava a curiosidade (**Fig. 106**).

Este último período da sua actividade, tão intenso como os anteriores, evidenciado pela existência de alguns estudos que não chegou a publicar (**Fig. 107**), coincidiu com o reconhecimento e aproveitamento pleno das suas capacidades ímpares de comunicador e divulgador, aliando, à experiência de décadas, uma prodigiosa memória. Assim se explica o êxito de obra de síntese, com várias edições, feita de colaboração com Manuel Leitão "Portugal pré-histórico: seu enquadramento no Mediterrâneo", publicada em 1981, ilustrada por numerosa documentação até então inédita. A forma desinteressada com que meteu ombros à sua preparação, de que o signatário foi testemunha, em alguns serões passados na sua casa do Bairro da Encarnação, com Manuel Leitão, evidencia-se na introdução dos próprios Autores: "Se o nosso livro aproveitar a alguém, e muito em especial à juventude, isto nos compensará de todas as horas de reflexão e estudo que, com toda a honestidade, dedicámos a esta nova publicação em língua portuguesa". O esforço frutificou: ele aproveitou, não a um, mas a muitos apaixonados ou simples interessados em alargar os seus conhecimentos pelo nosso passado mais longínquo, bem como a milhares de alunos universitários, que então tomavam o primeiro contacto com aquela realidade, ali encontrando informação organizada, claramente exposta e de forma acessível, sem barroquismos espúrios que tanto repugnavam ao Mestre, indo ao encontro das



Fig. 106 – O. da Veiga Ferreira, fotografado pelo signatário a 12 de Março de 1996 na serra do Bouro, a norte de Foz do Arelho, observando atentamente os depósitos marinhos com indústrias pré-acheulenses.

necessidades concretas de quem ensaiava ainda os primeiros passos, de cujas dificuldades tinha claramente a percepção.

Com efeito, a capacidade de transmissão de conhecimentos no domínio da Arqueologia, para a qual estava naturalmente preparado, foi despertada pela convivência, na Idanha, com sucessivos grupos de estudantes de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa que ali estagiaram, sob sua orientação. Mais tarde, nos inícios da década de 1970, sob a égide do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, criou-se o Centro Piloto de Arqueologia; entusiasmado, imediatamente respondeu pela afirmativa ao convite que lhe foi endereçado por António e Salete Salvado, sabendo que só através da educação e formação de todos – e em particular dos jovens – se poderia travar o processo acelerado de destruição do rico património arqueológico português. Assim, aos sábados à tarde, eram muito os que acorriam às suas palestras sobre Arqueologia e Pré-História, integradas em dois cursos livres: o de "Introdução à Arqueologia", com duração de um ano lectivo, seguido do de "Especialização em Pré-história" com igual duração (Fig. 108). Ali obtiveram os mais interessados – entre os quais o autor destas linhas, nos anos lectivos de 1972/73 e de 1973/74 – uma formação credível e consequente nos domínios

em causa, essencialmente prática, valorizada com numerosas saídas de campo, contando-se entre os participantes muitos alunos universitários, designadamente da Faculdade de Letras de Lisboa, que assim colmatavam as lacunas da sua formação académica. A participação de Veiga Ferreira neste importante projecto educativo, encontrava-se evocada no belo contributo que Salete Simões Salvado publica nest Homenagem.

A docência e discência, assim livremente assumidas, confirmou a vocação inquestionável de Veiga Ferreira como transmissor, em palavras simples mas sugestivas, do fascínio da investigação arqueológica, contada sempre na primeira pessoa, tal era a riqueza da sua bagagem pessoal e o “saber de experiência feito”.

O sucesso justificou a sua contratação, em 1977, como Assistente Convidado para leccionar, na recém-criada Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a convite do Prof. Doutor A. H. de Oliveira Marques, a disciplina de Pré-História, do curso de História, colaboração que manteve até ao ano da jubilação, em 1987, já como Professor Catedrático Convidado, lugar que ocupava desde 1985, igualmente por proposta apresentada por aquele ilustre historiador (Fig. 109).

Com efeito, o que atraía os alunos a acorrerem às aulas do Mestre (ver depoimento, neste volume, de Carlos Fabião e de António Carvalho) era a forma despojada e despretenciosa, mas apoiada num enorme conhecimento das matérias, feito pelas suas próprias mãos, literalmente, em trabalhos de campo, que considerava indispensáveis à formação superior em Arqueologia (Fig. 110 e 111).

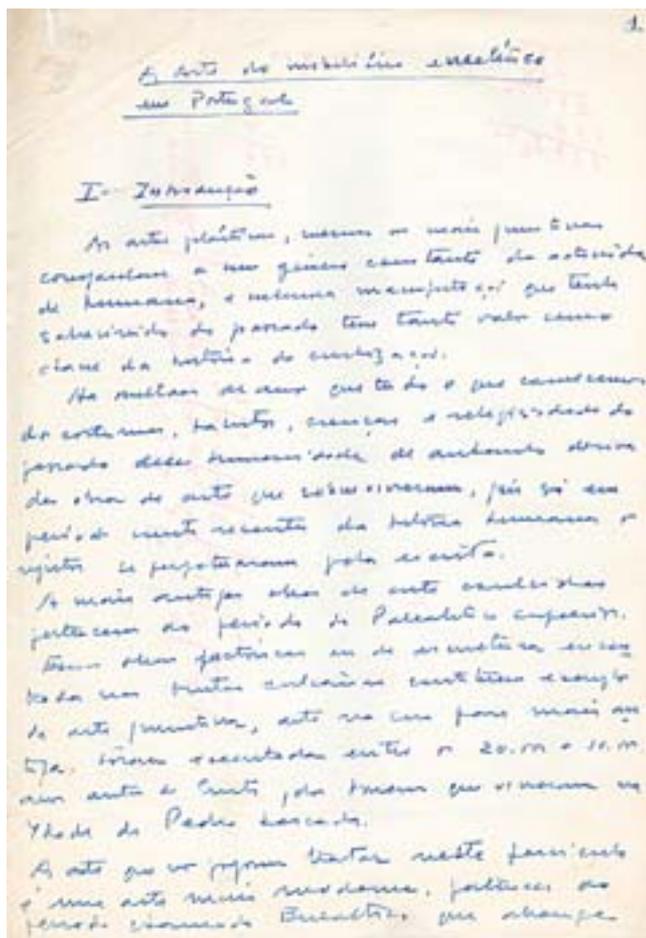


Fig. 107 – Primeira página de trabalho que O. da Veiga Ferreira deixou inacabado.



Fig. 110 – Materiais pessoais de trabalho, no campo e no gabinete, de O. da Veiga Ferreira.



Fig. 111 – O. da Veiga Ferreira, com C. T. North, na exploração de pequena gruta nos calcários do Cretácico dos arredores de Lisboa



Fig. 108 – O. da Veiga Ferreira leccionando, em Novembro de 1972, uma aula do curso de Iniciação à Arqueologia, do Centro Piloto de Arqueologia; o signatário é o primeiro, do lado esquerdo da foto.

PROGRAMA DO CURSO DE PRÉ-HISTÓRIA DA FACULDADE DE
 CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
 DADO PELO DOUTOR O. DA VEIGA FERREIRA

Notões gerais de geologia e paleontologia.
 A terra e suas divisões estratigráficas: Eras e Períodos.
 Os fósseis característicos de cada uma das épocas.
 A geologia específica do Terciário e do Quaternário.
 A paleontologia do Quaternário.
 O problema da origem do Homem.
 O aperfeiçoamento e o desenvolvimento dos primeiros processos de
 hominização.
 As primeiras comunidades humanas: homínidos Pleistocénicos
 Australopithecus e Homo habilis.
 O Homo erectus e o desenvolvimento do Paleolítico inferior. Indús-
 tria, Habitat, alimentação, culto dos mortos, religiões e crenças,
 migrações, caça, pesca, vida social, traços, vestuário, duração de vida.
 A questão da origem do Homo sapiens e o Paleolítico médio. Os men-
 dertais. Habitat, alimentação, culto dos mortos, religiões e crenças,
 migrações, caça, pesca, vida social, vestuário, artesanato, duração de vida.
 O paleolítico superior. Suas divisões e classificações. Técnicas de
 trabalho e de talhe, O surinchenes, o solutreense e o magdalense.
 Raças humanas. O clima, a fauna e a flora, o habitat, o culto dos mor-
 tos, a vida quotidiana, religiões e crenças, a arte, as estações e
 técnicas de conservação.
 O Epipaleolítico e neolítico e suas divisões. As técnicas de tra-
 balho e de talhe, As raças humanas, O clima e fauna e a flora, O ha-
 bitat e o culto dos mortos, A vida quotidiana, religiões e crenças,
 A arte, as estações, Técnicas de conservação.
 O Neolítico – A revolução agrícola e industrial. A descoberta do cer-
 âmico, da agricultura e da domesticação. Divisões do Neolítico. As ru-

Fig. 99 – Primeira página do Programa da disciplina de Pré-História da Licenciatura em História, leccionada por O. da Veiga Ferreira na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa entre 1977/1978 e 1986/1987.

Última lição de Pré-história na Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas da Universidade
Nova de Lisboa

"A Cultura do Vaso Campaniforme"

1- Agradecimentos:

1ª Porque escolhi esta lição: Tese apresentada à Sorbonne
há 23 anos. Final do curso de pré-história.

2- O habitat - Carbonos de Vila Nova de S. Pedro, Zambujal,
Liceia, Oleiros, Colmeirine, Rotura ^{Paulo Verde,}
e etc.

3- Os sepultamentos individuais campaniformes
Apresentação de grandes sepulcros coletivos:
"Tholos", dolmenes, cristas artificiais, grutas na-
turais etc

4- As datações de radiocarbono 14 - 4030 B.P. para
Palmeira, 4020 ^{A.P.}, Pau Verde do Duivo, 3700 B.P.
para o Jurrah de Paulo Verde, 4025 B.P. para o
Zambujal

5- A indústria lítica

6- A indústria metálica - a metalurgia primitiva =
Cobre, ouro e prata

7- As sementes e o alimento vegetal

8- A alimentação animal - animais domésticos e
a caça

9- O adorno e as jóias (datações de osso e de marfim)

10- A cerâmica

11- Os cultos - dos mortos, fecundidade e
fertilidade - O culto astrol e da terra

12- As raças humanas

13- O vestuário, o linho

Fig. 112 - Sumário da última lição proferida em 1987 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



Fig. 113 – O. da Veiga Ferreira fotografado em Março de 1986 no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, no decurso de uma aula prática da disciplina de Pré-História da Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Como bem sublinha Carlos Fabião, seu antigo aluno, na evoção publicada neste volume, a simplicidade da exposição de conceitos, que desde sempre adoptou para com os seus alunos, jovens recém-entrados na Universidade, não deverá ser confundida com incapacidade de exposição de ideias complexas, ou de falta de actualização dos seus conhecimentos. A comprovar as ímpares qualidades de comunicador de conhecimento, a sua última lição, proferida no final do segundo semestre do ano lectivo de 1986/1987 no anfiteatro da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa teve “casa cheia” (**Fig. 112**).

Porém, a notável empatia assim naturalmente estabelecida com as mais diversas audiências, foi sentida muito



Fig. 114 – O. da Veiga Ferreira numa saída de campo no âmbito da disciplina de Pré-História da Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa ao cromeleque dos Almendres (Évora).

antes, por aqueles que o procuravam naquela que foi por outros designada "Escola dos Serviços Geológicos" onde, às segundas-feiras e sábados de manhã, muitos deram os primeiros passos no campo daquela que viria a ser a sua actividade de todos os dias: sem excepção, ali eram recebidos de maneira acolhedora e despida de quaisquer formalidades, no que era também acompanhado pelo seu Mestre e Amigo, Georges Zbyszewski.

Em 1963, prefaciando a primeira publicação produzida por C. Tavares da Silva, que guiou nos seus primeiros passos arqueológicos, dedicada á fauna malacológica do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal), escreveu: "É assim que entendo que se devem estimular os novos e nunca com práticas derrotistas ou risos de mofa, como tantas vezes tenho observado. Antes pelo contrário, deve-se ajudar e encorajar os novos, venham donde vierem e tenham as habilitações que tiverem. Só assim, ajudando e estimulando, se conseguirá uma plêiade de investigadores e cientistas sérios e capazes de levar por diante a grande tarefa que nos espera ...". Esta acção pedagógica, feita com entusiasmo militante, suportada por um profundo

conhecimento de estações e materiais, constituía aliciente incentivo para os jovens, especialmente para os que foram seu alunos na Universidade Nova de Lisboa, cujas aulas teóricas, amenizava com as aulas práticas dadas no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, nos meandros das centenas de milhar de peças conservadas nas suas inúmeras vitrines, armários e expositores, que conhecia como como mais ninguém. Mas era no campo que se sentia melhor, na companhia dos seus alunos, sempre entusiasmado e tomando a dianteira, numa passada que poucos conseguiam acompanhar (**Fig. 113 a 115**).

Mais tarde, já depois de aposentado, continuou a comparecer assiduamente na Associação de Estudos Arqueológicos e Etnológicos (ex-Centro Piloto de Arqueologia), bem como na então designada Universidade Internacional da Terceira Idade, onde, no âmbito dos seus cursos, efectuava frequentes visitas de campo, sempre muito concorridas (**Fig. 116**).

Importa sublinhar que, nesta última etapa da sua vida, tornou-se também colaborador do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa, por convite do seu amigo Miguel Telles Antunes (ver evocação adiante publicada neste volume); neste âmbito, procedeu, em colaboração, ao reconhecimento de diversas estações pré-históricas, umas de há muito conhecidas (**Fig. 117**), outras inéditas, sempre com a generosidade que o caracterizada.



Fig. 115 – O. da Veiga Ferreira numa saída de campo da disciplina de Pré-História da Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



Fig. 116 – O. da Veiga Ferreira fotografado aquando de uma saída com os seus alunos da então designada “Universidade Internacional da Terceira Idade”, junto ao pequeno cromeleque de Vale d’El Rei (ou das Figueiras, nome adoptado por O. da Veiga Ferreira e colaboradores, em 1977 por desconhecem que, anteriormente, já G. e V. Leisner o tinham publicado).



Fig. 117 – Visita ao Concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge) em 1987. Da esquerda para a direita: O. da Veiga Ferreira, J. L. Cardoso, M. Telles Antunes e G. Zbyszewski.

Fig. 118 – O. da Veiga Ferreira, no decurso da gravação de um dos programas televisivos da série “Do Paleolítico ao Romano”, transmitida na RTP entre 1982 e 1983, fotografado no Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais, para a apresentação de um programa sobre “O campaniforme em Portugal”.



Fig. 119 – O. da Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski, com o signatário, no decurso das escavações efectuadas em Agosto de 1986 no povoado pré-histórico de Leceia.

Foi, porém, a televisão que o tornou conhecido do País inteiro. Ficaram célebres os doze programas da série "Do Paleolítico ao Romano", apresentada na Radiotevisão Portuguesa em 1982 e 1983, e sucessivamente repetida (**Fig. 118**). Ali denunciou, corajosamente, os atentados ao Património Arqueológico, a que assistia diariamente, indignado e comovido, sempre com a frontalidade de todos bem conhecida. Tão grande desassombro era legitimado por quem detinha conhecimento directo dos problemas, evidência reconhecida oficialmente ao convidarem-no para docente do curso de especialização realizado em 1977 pelo Instituto Português do Património Cultural, pouco tempo depois da criação deste Instituto.

Assim se revelavam os pormenores da sua índole: de uma franqueza por vezes rude, ficou, na memória dos que dele se abeiraram, a figura de um Homem livre, disposto a sacrificar-se pelas suas convicções, procurando acima de tudo a verdade científica, desprezando outros interesses e conveniências. Jamais esteve próximo dos sucessivos Poderes: tudo o que conseguiu, deveu-se ao prestígio granjeado pelo seu trabalho. Por isso, as homenagens que lhe foram prestadas em vida ou depois da morte, tiveram sempre origem nos seus discípulos mais próximos, que viam no Mestre um exemplo, tanto no plano moral como no profissional (**Fig. 119**). Manteve junto de si, até ao fim, um conjunto de discípulos, sem esquecer alguns velhos amigos – alguns deles partilhando consigo muitas recordações, como dos congressos em que participou (**Fig. 120**) – como o Eng. B. Sanchez Bueno (**Fig. 121**). É mesmo com alguns dos arqueólogos com quem teve polémicas, como o Dr. Eduardo de Cunha Serrão, lhe reconheceram qualidades, manifestando-lhe afecto (**Fig. 122**).

No ano da sua jubilação académica, muitos dos seus colegas na Universidade, em conjunto com amigos e admiradores mais próximos, quiseram contribuir para um volume de homenagem, prontamente publicado (**Fig. 123**). Mais tarde, a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, efectuou um Congresso que lhe foi dedicado, onde acorreram largas dezenas de participantes, que não quiseram de manifestar o apreço devido ao Mestre (**Fig. 124**). Por outro lado, algumas das muitas Autarquias onde a sua acção, sempre desinteressada, em



Fig. 120 – Conjunto de distintivos de reuniões científicas, nacionais e estrangeiras, em que O. da Veiga Ferreira participou.



Fig. 121 – O Eng. B. Sanchez Bueno, com O. da Veiga Ferreira, no seu local de trabalho, uma acanhada cave por ele mandada abrir no subsolo da sua moradia no Bairro da Encarnação, em Lisboa.

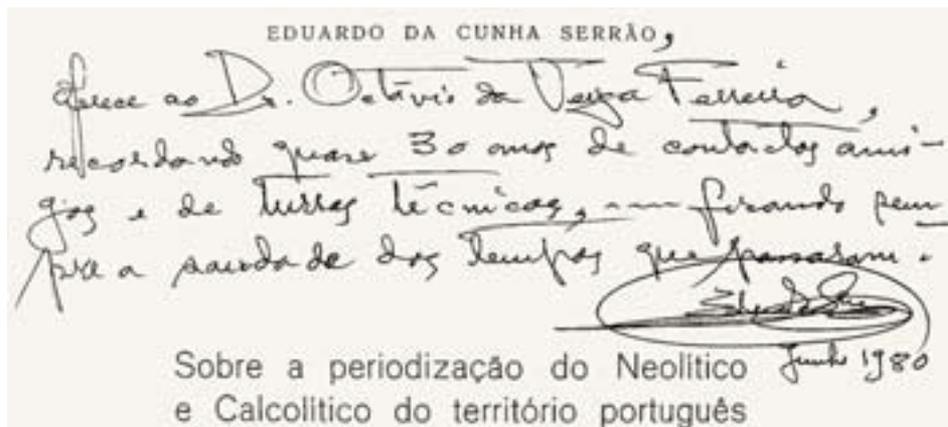
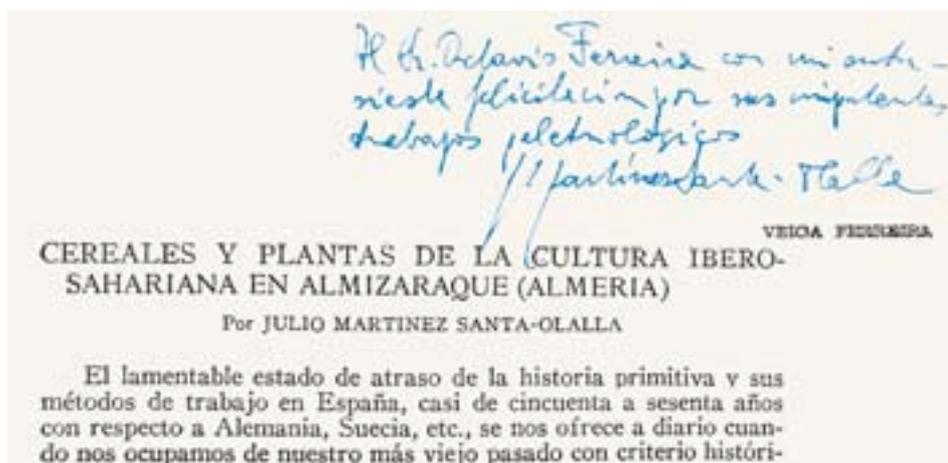


Fig. 122 – Dedicatórias dos eminentes arqueólogos espanhóis, Julio Martínez Santa-Olalla e Pedro Bosch Gimpera apostos em separatas oferecidas a O. da Veiga Ferreira a quem também E. da Cunha Serrão, já perto do fim, rendeu também homenagem, apesar das dissensões que tiveram, décadas atrás.

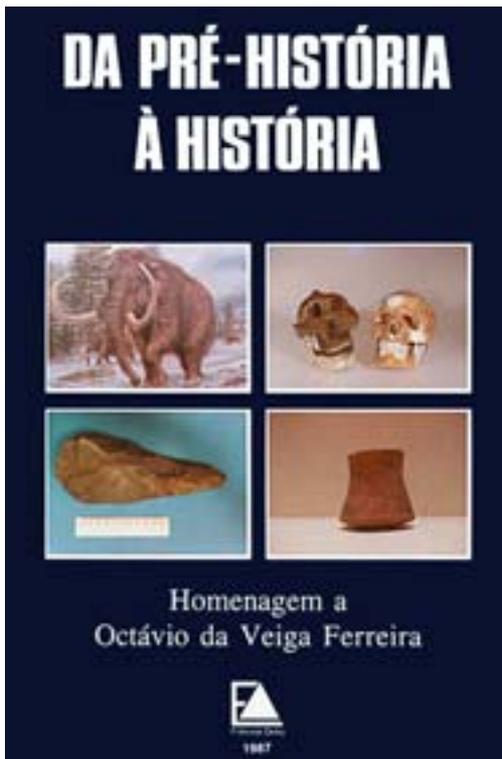


Fig. 123 – Capa do volume de homenagem a O. da Veiga Ferreira, publicado em 1987 pela Editorial Delta.



Fig. 124 – Diploma de participação do signatário no “I Congresso sobre a Evolução do Homem e das Mentalidades – Homenagem a O. da Veiga Ferreira”, realizado em Lisboa, em Dezembro de 1995, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.



Fig. 125 – O. da Veiga Ferreira fotografado pelo signatário no jardim de Rio Maior, junto ao pequeno monumento que ali se erigiu em sua homenagem, no Inverno de 1996.



Fig. 126 – Medalha de Mérito Municipal outorgada em 1992 a O. da Veiga Ferreira pela Câmara Municipal de Cascais.



Fig. 127 – Medalha de Ouro de Mérito Municipal e respectivo Diploma, outorgada a título póstumo a O. da Veiga Ferreira pela Câmara Municipal de Oeiras, em 1997.

Fig. 128 – Medalha da Universidade Autónoma de Lisboa, de Homenagem à Memória de O. da Veiga Ferreira, a 5/12/1998.



Fig. 129 – Capa da brochura dedicada a O. da Veiga Ferreira pela Comissão Municipal de Toponímia da Câmara Municipal de Lisboa, editada aquando da inauguração de uma rua com o seu nome.

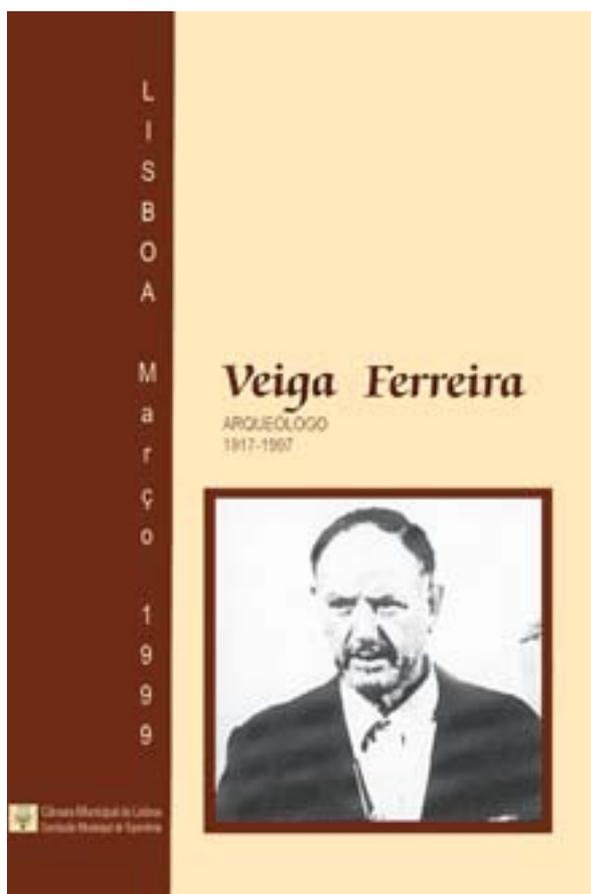


Fig. 130 – Medalha e fita do Grande Oriente Lusitano pertencente a O. da Veiga Ferreira.



Fig. 131 – Fotografia tirada na segunda metade da década de 1950, no quintal da casa de O. da Veiga Ferreira, no Bairro da Encarnação, em Lisboa, com Abel Viana, por certo o seu Mestre mais querido, acompanhado da Mulher e Filhas: Seomara (à esquerda); Ana Maria (à direita) e Maria Luísa (atrás).

prol do conhecimento das terras e do seu património, se destacou, não deixaram de o homenagear em vida, ou já postumamente. Assim, a Câmara Municipal de Rio Maior, erigiu, no jardim municipal, um monumento, simbolizando um cromeleque com menir central, ostentando uma placa com o seu busto (**Fig. 125**) e a Câmara Municipal de Cascais, em reconhecimento pelas investigações arqueológicas por si realizadas na área concelhia, outorgou-lhe a Medalha de Mérito Municipal, em 1992 (**Fig. 126**). A título póstumo, a Câmara Municipal de Oeiras, atribuiu-lhe também, o seu mais alto galardão – a Medalha de Ouro de Mérito Municipal – menos de dois meses volvidos sobre o seu passamento, em reconhecimento pelo labor desenvolvido em prol do património arqueológico oeirense (**Fig. 127**). Também a Universidade Autónoma de Lisboa lhe prestou homenagem póstuma, atribuindo-lhe, em 1998, a Medalha da Universidade (**Fig. 128**). Enfim, a Câmara Municipal de Lisboa, decidiu atribuir, em 1999, o seu nome a uma artéria da cidade (**Fig. 129**).

A terminar, importa referir que foram os superiores princípios, atrás referidos, que cultivou toda a sua vida, de ajuda desinteressada ao próximo, através das possibilidades que estavam ao seu alcance, pondo prodigamente o seu saber à disposição de todos, independentemente das suas convicções, estatuto, ou origem, que justificaram a sua entrada para o Grande Oriente Lusitano (**Fig. 130**), como nos é relatado por Salete Salvado, no seu contributo, que adiante se publica. Ainda que tendo dessa Agremiação apenas um conhecimento profano, o autor destas linhas, pôde, contudo, apreciar o desinteresse com que Veiga Ferreira assumiu esta faceta pouco conhecida da sua vida, a par do amor que dedicou à sua Família de sangue, a sua Mulher, a Senhora D. Maria Luísa, bem como suas filhas, Ana Maria e Seomara, tendo sempre presente o exemplo dos seus dois Mestre, primeiro de Abel Viana, que o orientou nos primeiros passos dados na Arqueologia, na década de 1940, acarinhando e disciplinando a vigorosa vocação que então despontava, depois de Georges Zbyszewski, que o acompanhou até o fim (**Fig. 131**).

Como devedores a Veiga Ferreira, Mestre Querido, foram também esses os superiores princípios que estiveram na origem dos que quiseram participar neste público e perene preito de Homenagem a um Homem simples e bom, que é também uma sentida evocação, já repleta de saudade.

BIBLIOGRAFIA EVOCATIVA DA VIDA E DA OBRA DE O. DA VEIGA FERREIRA

- ANTUNES, M. Telles (1999) – Veiga Ferreira e a Paleontologia em Portugal. *Ciências da Terra (UNL)*. Lisboa. 13, pp. 157-167.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *In Memoriam*. O. da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 7, p. 5-6.
- CARDOSO, L. L. (1997) – O. da Veiga Ferreira. *Al-Madan*, Almada, Série II, 6, pp. 174-175.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *In Memoriam* O. da Veiga Ferreira (1917-1997). *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa, 83, pp. 153-170. Contém a bibliografia de O. da Veiga Ferreira.
- CARDOSO, J. L. (1997) – Octávio da Veiga Ferreira (1917-1997). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid, 54 (2), pp. 5-11.
- CARDOSO, J. L. (1998) – *In Memoriam*. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 16, pp. 7-11.
- LEITÃO, M. (1987) – Professor Octávio da Veiga Ferreira and the Prehistory of Portugal. *Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Lisboa: Editorial Delta, pp. 43-49.

BIBLIOGRAFIA DE O. DA VEIGA FERREIRA (ORGANIZAÇÃO DE JOÃO LUÍS CARDOSO)

Arqueologia

- 1 – A Estação Pré-Histórica do Buço Preto ou Esgravatadoiro. Descrição das Sepulturas encontradas. *Revista do Sindicato dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa I (3). Mar. 1946, pp. 89-95, il.
- 2 – As estações da Idade do Bronze e Visigótica ou Romana (Baixo Império) de Alçaria: (Caldas de Monchique). (De colab. com J. Formosinho). *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa 2 (23), Nov. 1947, pp. 288-302, il.
- 3 – Duas raridades arqueológicas. (I – Um bocado de tecido pré-histórico. II – Navalha de Barbear da Idade do Bronze). (De colab. com A. Viana e J. Formosinho). *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa 2 (24). Dez. 1947, pp. 313-330, il.
- 4 – Restos de Caminhos Romanos nas Caldas de Monchique. (De colab. com A. Viana e J. Formosinho). *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa 3 (29-30). Maio-Junho 1948, pp. 156-166, il.
- 5 – A Estação Pré-histórica do Vale do Carro (Albufeira). (De colab. com L. de Albuquerque e Castro). *Estudos Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, Lisboa 4 (1). 1948, pp. 53-60, il.
- 6 – Conjunto Visigótico de Alçaria (Caldas de Monchique). (De colab. com A. Viana e J. Formosinho). *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa 3 (33-34). Set-Out. 1948, pp. 227-233, il.
- 7 – Duas Moedas Visigóticas inéditas. *Correio do Sul*, Faro, 1949.
- 8 – Arqueologia Mineira. Notícia sobre um pilão de mineiros pré-históricos. (De colab. com L. de Albuquerque e Castro). *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, Porto, 5 (1-2), 1949, pp. 44-48, il.
- 9 – A Arqueologia das Caldas de Monchique e o Campismo. *Revista Campismo*, 3, Lisboa, 1949.

- 10 – Necrópolis de las Caldas de Monchique. Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce en el Algarve. (De colab. com A. Viana e J. Formosinho). *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 22 (77), Octubre-Diciembre 1949, pp. 291-312, il.
- 11 – Arqueologia – Balnearios Romanos em Portugal. *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 1950.
- 12 – Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce del Algarve. Las Necrópolis de las Caldas de Monchique. *Crónica del I Congreso Nacional de Arqueología y del V Congreso Arqueológico del Sudeste* (Almería, 1949), Cartagena, 1950, pp. 88-94, il.
- 13 – Notas arqueológicas de Estremoz e Vila Viçosa. *A Cidade de Évora*. Évora, 7 (21-22), Jan-Jun. 1950, pp. 65-73, il.
- 14 – O arco de alvenaria dos antigos. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa, 6 (61-62). Jan-Fev. 1951, pp. 4-10, il; 6 (63-64), Mar-Abr. 1951, pp. 41-49, il.
- 15 – Antiguidades de Fontalva (Elvas). II – Lucerna Romana. *Revista de Guimarães*, 61 (3-4), 1951, pp. 421-425, il.
- 16 – A estação pré-histórica do Alto Montijo (Sintra). (De colab. com J. Camarate França). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 13 (1-2), 1951, pp. 34-35, il.
- 17 – Os artefactos pré-históricos de calaíte e sua distribuição em Portugal. *Arqueologia e História*, Lisboa, 5, 8ª série, 1951, pp. 83-93.
- 18 – Um instrumento pré-histórico encontrado em Setúbal. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 61 (1-2), Jan-Jun. 1951, pp.134-140; *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa, 7 (79-80). Jul. – Ago. 1952, pp. 122-125, il.
- 19 – Ara votiva da Lousã. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 62 (1-2), Jan-Jun, pp. 192-195.
- 20 – Notícia sobre dois Lagares Antigos. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa, 7 (75-76). Mar-Abr. 1952, pp. 52-57, il.
- 21 – Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos. Monte Molião. (De colab. com J. Formosinho e A. Viana). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 62 (1-2), Jan-Jun. 1952, pp. 133-142.
- 22 – O Monumento pré-histórico de Lousal (Grândola). (De colab. com A. Rodrigues Cavaco). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 33, 1952, pp. 247-255, il.
- 23 – Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigações de 1948 e 1949. (De colab. com A. Viana e J. Formosinho), *13º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Lisboa, 1950), 7ª Secção Ciências Históricas e Filosóficas, Lisboa, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1953, pp. 75-89, il.
- 24 – O capacete céltico do Museu Regional de Lagos (Algarve). (De colab. com J. Formosinho e A. Viana), *13º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Lisboa, 1950), 7ª Secção Ciências Históricas e Filosóficas, Lisboa, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1953, pp. 393-398, il.
- 25 – O monumento pré-histórico de Aqualva (Cacém). *Zephyrus*, Salamanca, 4, 1953, pp. 145-166, il.
- 26 – Algumas notas sobre o bronze mediterrâneo do Museu Regional de Lagos. (De colab. com J. Formosinho e A. Viana). *Zephyrus*, Salamanca 4, 1953, pp. 97-117.
- 27 – Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, Porto 37, (1), 1953, pp. 37-44, il.

- 28 – De lo prerromano à lo árabe en el Museo Regional de Lagos. (De colab. Com J. Formosinho e A. Viana). *Archivo Español de Arqueologia*, Madrid, 26 (1), 1953, pp. 113-138, il.
- 29 – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. (De colab. com J. Formosinho e A. Viana). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14 (1-4). 1953-1954. pp. 66-225, il.
- 30 – Objectos luso – romanos da Serra de Sintra. (De colab. com J. Couto Tavares). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 64 (1-2), Jan.-Jun. 954. pp. 23-30.
- 31 – Objectos da necrópole do Cabeço de Arruda (Torres Vedras). (De colab. com L. Trindade). *Zephyrus*, Salamanca. 5. 1954.
- 32 – Ex-voto pré-romano inédito do Museu Regional de Sintra (De colab. com J. Camarate França). *Revista de Guimarães*. Guimarães, 64 3.4), Jul. – Dez. 1954, pp. 290-297, il.
- 33 – Sobre algumas peças líticas, intencionalmente talhadas, da baixa de Cassanje (Angola). (De colab. com J. Camarate França). *Estudos Coloniais*, Lisboa. 4 (1-3), 1953-1954, pp. 177-183 il.
- 34 – Algumas lavras auríferas romanas. (De colab. com J. Silva Carvalho). *Estudos Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, Lisboa 9 (1-4). 1954. pp. 20-26, il.
- 35 – Minerações romanas de Aljustrel. (De colab. com R. Freire de Andrade e A. Viana). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 35. 1954, pp. 79-92, il.
- 36 – Acerca da cultura da vaso Campaniforme em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15(1-2), 1954. pp. 5-16, il.
- 37 – A arquitectura tumular do Bronze Inicial no Algarve. *Revista do Sindicato Nacional do Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 9 (93), Out. – Dez. 1954, pp. 178-188, il.
- 38 – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze, do ano de 1937 ao de 1940. (De colab. com A. Viana e J. Formosinho). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 15 (1-2). 1954. pp. 17-54, il.
- 39 – Sobre uma lucerna romana de bronze da Mina de Jales. (De colab. com A. Pires Teixeira). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 65 (3-4), Jul. – Dez. 1955, pp. 392-397.
- 40 – A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras). (De colab. com L. Trindade). *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, Porto. 38(3), 1955, pp. 193-212, il.
- 41 – Sur une plaque anthropomorphe en cuivre trouvée dans la mine d'étain de 'Folgadoura'. (De colab. com G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 36, 1955 pp. 49-50, il.
- 42 – La nécropole de Cabeço da Arruda (Torres Vedras). (De colab. com L. Trindade). *Actas do IV Congresso Internacional das Ciências y Proto-históricas* (Madrid, 1954), Zaragoza, 1956, pp. 503-516, il.
- 43 – L'importance do cuivre péninsulaire dans les Ages du Bronze. (De colab. com A. Viana). *Actas do IV Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas* (Madrid, 1954), Zaragoza, 1956, pp. 521-529.
- 44 – Balneários romanos. Plano e técnica de construção. *Revista do Sindicato Nacional do Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa, 11(2), Abr. – Jun. 1956, pp. 4-13. il.
- 45 – Os grandes anfiteatros do Império Romano. *Revista do Sindicato Nacional do Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa, 11(4), Out. – Dez. 1956, pp. 14-20, il.

- 46 – Cerâmica de «tipo argárico» do Museu dos Serviços Geológicos. *Revista de Guimarães*, Guimarães. 66 (3-4). Jul. – Dez. 1956. pp. 445-448
- 47 – Placas de xisto antropomorfas do Museu lapidário ideditano (Idanha-a-Velha). (De colab. com F. de Almeida). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 66 (1-2). Jan. – Jun. 1956, pp. 103-108.
- 48 – Antiguidades de Monsanto da Beira (De colab. com F. de Almeida). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 66 (3-4). Jul. – Dez. 1956, pp. 407-425.
- 49 – Civilizações dos tempos idos — a cultura do vaso Campaniforme. *Portugal Ilustrado*, 50. Lisboa, 1956.
- 50 – Exploração das minas de Aljustrel, pelos romanos. (De colab. com A. Viana e R. Freire de Andrade). *Arquivo de Beja*, Beja. 13 (1-4). Jan. – Dez. 1956, pp. 3-20. il.
- 51 – Antiguidades do Lousal (Grândola). Sepulturas descobertas. (De colab. com A. Rodrigues Cavaco). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto. 15 (3-4), 1955-1957. pp. 190-202, il.
- 52 – Acerca dos monumentos funerários da cultura do vaso Campaniforme em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15(3-4). 1955-1957. pp. 203-218. il.
- 53 – A necrópole céltico-romana de Idanha-a-Velha. (De colab. com F. de Almeida). *23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. (Coimbra, 1956). 7ª Secção. Ciências históricas e filosóficas, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 1957, pp. 5 – 7. il.
- 54 – Acerca dos monumentos dolmênicos da bacia do Vouga. (De colab. com A. Viana e L. de Albuquerque e Castro). *23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. (Coimbra, 1956). 7ª Secção. Ciências históricas e filosóficas, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 1957, pp. 471-481, il.
- 55 – Pinturas e gravuras parietais do Paleolítico Superior. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa. 12 (1), Jan. – Mar. 1957. pp. 5-13, il.
- 56 – Molde de fundição para anéis encontrado no Castro da Senhora da Cola (Ourique). (De colab. com A. Viana e R. Freire de Andrade). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 67 (1-2), 1957, pp. 201-206
- 57 – Tipos de punhal lítico da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 67 (1-2). Jan. – Jun. 1957, pp. 185-191.
- 58 – Antiguidades de Fontalva; neo-eneolítico e romano. (De colab. com A. Viana e A. do Paço). *Zephyrus*, Salamanca. 8, 1957. pp. 111-113.
- 59 – Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. (De colab. com R. Freire de Andrade e A. Viana). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 38 (2). 1957, pp. 409-422, il.
- 60 – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades), (De colab. com L. de Albuquerque e Castro e A. Viana). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 38 (2), 1957, pp. 325-348. il.
- 61 – Nota sobre a estratigrafia dos concheiros de Muge. (De colab. com J. Roche). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 38 (2), 1957, pp. 261-268, il.
- 62 – A gruta pré-histórica da Ponte da Lage (Oeiras). (De colab. com A. Viana e G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 38(2), 1957, pp. 389-402, il.
- 63 – Nótula sobre duas lucernas «bilychnis» achadas em Aljustrel (De colab. com R. Freire de Andrade e A. Viana). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 67(3-4), Jul. – Dez. 1957, pp. 517-520.

- 64 – Apontamentos arqueológicos dos concelhos de Aljustrel e Almodôvar. (De colab. com A. Viana e A. Serralheiro). *23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. (Coimbra, 1956). 7ª Secção. Ciências históricas e filosóficas, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957, pp. 461-470, il.
- 65 – Nota sobre a gruta da Ponte da Lage (Oeiras) e a «tholos» do Monge (Sintra). (De colab. com G. Zbyszewski e A. Viana). *23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. (Coimbra, 1956). 7ª Secção. Ciências históricas e filosóficas, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957, pp. 189-191, il.
- 66 – Necrópole céltico-romana de Aljustrel. (De colab. com R. Freire de Andrade e A. Viana). *23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956), 7ª Secção, Ciências históricas e filosóficas, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 1957. pp. 193-202, il.
- 67 – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). (De colab. com G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 39, 1958, pp. 37-60, il.
- 68 – Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). (De colab. com J. Camarate França). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 39, 1958, pp. 61-86, il.
- 69 – Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. (De colab. com F. de Almeida). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 68(3-4), Jul. – Dez. 1958, pp. 317-322.
- 70 – Antiguidades de Torres Novas. (De colab. com F. de Almeida). *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 31, 1958. pp. 214-217, il.
- 71 – Cementerio romano-visigodo (?) de Idanha-a-Velha. (De colab. com F. de Almeida). *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 31, 1958, pp. 217-222, il.
- 72 – Acerca da presença da “Purpura haemastoma” e “Purpura lapillus” Linné nas estações pré-históricas portuguesas. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 68(3-4). Jul. – Dez. 1958, pp. 377-382.
- 73 – Protecção e conservação do dólmen pintado de Antelas. (De colab. com L. de Albuquerque e Castro). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 243-249, il.
- 74 – Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. (De colab. com A. Viana, G. Zbyszewski, R. Freire de Andrade e A. Serralheiro). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 197-213, il.
- 75 – Os vasos de boca elíptica do Museu de Torres Novas. (De colab. com F. de Almeida). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 231-234, il.
- 76 – Vasos de «tipo Campaniforme» de países longínquos. (De colab. com M. VauItier). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 441-442.
- 77 – Vaso do tipo neolítico do Alto da Toupeira – Lousa. (De colab. com L. de Albuquerque e Castro). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 109-110, il.
- 78 – Os monumentos megalíticos de Trigache de A-da-Beja. (De colab. com V. Leisner). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 187-195, il.
- 79 – Segunda campanha de escavações na Penha Verde (Sintra) (De colab. com G. Zbyszewski). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 401-406, il.
- 80 – Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. (De colab. com F. de Almeida). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 225-230, il.

- 81 – Deux stations pré-historiques des environs de Lisbonne: Vila Pouca et Pinhal da Charneca. (De colab. com J. Roche e G. Zbyszewski). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1. pp. 89-103. il.
- 82 – Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). (De colab. com J. Roche e M. Vaultier). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 111-115. il.
- 83 – Antiguidades de Torres Novas, II Parte: estação pré-histórica das Lapas. (De colab. com F. de Almeida). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 69(3-4). 1959, pp. 501-510.
- 84 – Antigas prospecções arqueológicas realizadas na área de Carnaxide. (De colab. com G. Zbyszewski e A. Viana). *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, Porto, 41(2), 1959. pp. 114-120. il.
- 85 – Algumas considerações sobre os chamados «ídolos almerienses» da península de Lisboa. (De colab. com J. Camarate França). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto. 17 (1-4). 1959. pp. 451-456, il.
- 86 – Inventário das monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 215-224, il.
- 87 – O monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panoias). (De colab. com Abel Viana e Rui Freire de Andrade). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 70(1-2), Jan. – Jun. 1960, pp. 21-50, il.
- 88 – As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louçães. (De colab. com Luís de Albuquerque e Castro). *Conimbriga*, Coimbra. 2-3, 1960-1961, pp. 203-222, il.
- 89 – Acerca da presença de arsénio em instrumentos encontrados em Portugal. *Boletim de Minas*, Lisboa, 12, 1961, pp. 1-5.
- 90 – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. (De colab. com Abel Viana e Rui Freire de Andrade). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 71 (1-2), Jan. – Jun. 1961, pp. 5-12, il.
- 91 – *Les grottes artificielles du Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. (De colab. com Vera Leisner e Georges Zbyszewski). Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal. 1961, 60 + (2) p. il. Memórias dos Serviços Geológicos, n^o8, nova série.
- 92 – A gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). (De colab. com Leonel Trindade e Ricardo Belo). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 45. 1961, pp. 391-418. il.
- 93 – O monumento pré-histórico de Bela Vista (Colares). (De colab. com Olga Alvares Pereira de Mello, V Fortuna. Jean Roche e José Camarate França). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 45. 1961. pp. 237-249. il.
- 94 – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique), (De colab. com Abel Viana e Ruy Freire de Andrade). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 45. 1961. pp. 483-492, il.
- 95 – Monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja. (De colab. com Vera Leisner e A Ribeiro Ferreira). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 45. 1961. pp. 297-337. il.
- 96 – Note préliminaire sur les niveaux du Paléolithique Supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa). (De colab. com Georges Zbyszewski, Jean Roche e José Camarate França). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45. 1961, pp.197-206. il.
- 97 – O Professor Joaquim Fontes e a pré-história portuguesa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 10. 8^a série, 1961. pp. 169-173. il.

- 98 – Sagaie à base pointue trouvée dans le niveau périgordien de la grotte de Salemas. (De colab. com Jean Roche e José Camarate França). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 45. 1961, pp. 207-209. il.
- 99 – Sur l'existence probable d'un niveau solutréen dans les couches de la grotte de Casa da Moura (Cesareda). (De colab. com Jean Roche e José Camarate França). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 45. 1961, pp. 365-370.
- 100 – Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel. (De colab. com Abel Viana e Rui Freire de Andrade). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 71 (3-4), Jul. – Dez. 1961, pp. 247-254. il.
- 101 – Algumas notas histórico – arqueológicas de Oeiras. (De colab.com S. da Veiga Ferreira). *23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Porto, 1956). Secção VII, História e Arqueologia. Porto. Associação Portuguesa para Progresso das Ciências. 1962, pp. 221-228.
- 102 – Les industries paléolithiques des plages quaternaires du Minho (La station de Carreço). (De colab. com Georges Zbyszewski e Henri Breuil, Afonso do Paço, Jean Roche, M. Vaultier e O. Ribeiro). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 46, 1962, pp. 53-131, il.
- 103 – Manifestações de arte no mobiliário funerário do Eneolítico de Portugal. *Revista de Guimarães*, Guimarães. 72 (3-4). Jul. – Dez. 1962. pp. 363-375, il.
- 104 – Paléolithique Supérieur de la grotte de Salemas (Lousa). (De colab. com Georges Zbyszewski, Jean Roche e José Camarate França). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 46, 1962, pp. 187-207, il.
- 105 – Pinturas Rupestres em Portugal. *Engenho*, Lisboa, 17 (1), Jan. – Mar. 1962, pp. 1-14,il.
- 106 – Révision des boutons perforés en V de l'Énéolithique portugais. (De colab. com Jean Roche). *L'Anthropologie*, Paris. 65. 1962, pp. 67-73.
- 107 – O Solutrense em Portugal. *23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Porto, 1962) Secção VII. História e Arqueologia. Porto. Associação Portuguesa para a Progresso das Ciências, 1962, pp. 229-234, il.
- 108 – Acerca das ruínas do *balineum* lusitano-romano das Caldas de Monchique. *Engenho*, Lisboa, 18 (1), Jan. – Mar. 1963. pp. 13-17. il.
- 109 – Algumas descobertas importantes da pré e proto-história portuguesa nos últimos anos. *Revista de Guimarães*, Guimarães. 73 (3-4). Jul. – Dez. 1963, pp. 271-280, il.
- 110 – Lucerna *polimyxo* do Museu de Torres Vedras. (De colab. com Leonel Trindade e Aurélio Ricardo Belo). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 73 (3-4). Jul. – Dez. 1963, pp. 315-316, il.
- 111 – Notícia de algumas estações pré-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, 59-60, 1963, pp. 149-166, il.
- 112 – Primeiras datas de rádio-carbono 14 para a cultura megalítica portuguesa. (De colab. com Vera Leisner). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 73 (3-4), Jul. – Dez. 1963, pp. 358-366. il.
- 113 – Abel Viana (1896-1964). *Revista de Guimarães*, Guimarães.74(1-2), Jan. – Jun. 1964, pp. 172-176.
- 114 – Algumas marcas de oleiro em «terra sigillata» de Vipasca (Aljustrel). (De colab. com Ruy Freire de Andrade). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 74 (3-4). Jul. – Dez. 1964, pp. 317-322, il.
- 115 – Antiguidades da Egitânia. Alguns achados dignos de nota. (De colab. com Fernando de Almeida. *Arqueologia e História*. Lisboa, 11. 8ª série, 1964, pp. 95-101, il.

- 116 – Castro do Zambujal. (De colab. com Afonso do Paço. Vera Leisner. Leonel Trindade e H. Schubart). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, 61-62, 1964. pp. 279-306, il.
- 117 – *A Cultura do vaso Campaniforme no Concelho de Cascais*. Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1964, 11 p., il.
- 118 – Descoberta da fabricação do vidro e seu desenvolvimento até à época romana. *Engenho*, Lisboa, 19 (2), Abr. – Jun., 1964. pp. 83–87. il.
- 119 – Fíbula anular do Alto da Toupeira e sua filiação nas fíbulas anulares hispânicas. *Arquivo de Beja*, Beja, 20-21, 1964, pp. 21-26.
- 120 – Jazidas quaternárias com fauna de vertebrados encontradas em Portugal. *Arqueologia e História*, Lisboa, 11, 8ª série. 1964. pp. 39-53. il.
- 121 – Objectos inéditos lusitano – romanos de Torres Vedras. (De colab. com Leonel Trindade). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, 61-62, 1964, pp. 265-278, il.
- 122 – Sepultura pré-histórica da Serra da Vila (Torres Vedras). (De colab. com Leonel Trindade). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 74(1-2), Jan. – Jun. 1964, pp. 83-89, il.
- 123 – Tesouro pré-histórico de Bonabal (Torres Vedras) (De colab. com Leonel Trindade). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 74 (3-4), Jul. – Dez. 1964, pp. 27 1-280, il.
- 124 – Acerca do vaso piriforme tartéssico de bronze do Museu de Torres Vedras. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, 63-64, 1965, pp. 175-183. il.
- 125 – Acerca dos métodos de escavação e de determinação do radio-carbono 14 em arqueologia. *Arquivo de Beja*, Beja. 22, 1965, pp. 143-148, il.
- 126 – Estatueta de «terra cota» de Comporta, Setúbal. (De colab. com Leonel Ribeiro e Georges Zbyszewski). *Arquivo de Beja*, Beja, 22, 1965, pp. 185-190, il.
- 127 – Fíbula ornamentada de Idanha-a-Velha. (De colab. com Fernando de Almeida). *Arquivo de Beja*, Beja, 22, 1965, pp.161-166, il.
- 128 – Os pendentes de osso canelados do nível 1 da Gruta das Salemas (Ponte de Lousa). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 75 (1-4),1965, pp. 73-81, il.
- 129 – Recordação de uma viagem do Padre Henri Breuil ao abrigo de Vale de Junco (Esperança). *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 9, 1965, pp. 275-277, il.
- 130 – Acerca dos primeiros restos de *Homo neanderthalensis* encontrados no mustierense de Portugal. *Lucerna*, Porto, 5, 1966, pp. 361-375, il.
- 131 – Os artefactos pré-históricos de âmbar e sua distribuição em Portugal. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 76 (1-2), 1966, pp.61-66, il.
- 132 – *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal. 1966, 122 + (1) p. il. Memórias dos Serviços Geológicos, nº 12, nova série.
- 133 – Descoberta das primeiras insculpturas com figuração humana estilizada nos arredores de Idanha-a-Velha. (De colab. com Fernando de Almeida). *Lucerna*, Porto. 5. 1966, pp. 425-433. il.

- 134 – Escultura romana em madeira de Idanha-a-Velha. (De colab. com Fernando de Almeida). *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 39, 1966, pp. 129-131, il.
- 135 – Uma estela de tipo «Pedra Formosa» encontrada no Castro de Fontalva (Elvas). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 76 (3-4) Jul. – Dez. 1966, pp. 359-362. il.
- 136 – A estratigrafia observada no local do «balineum» lusitano-romano da Egitânia. (De colab. com Fernando de Almeida). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 76 (1-2), Jan. – Jun. 1966. pp. 109-116, il.
- 137 – A grande importância dos pólenes no estudo da Pré-história. *Arqueologia e História*, Lisboa, 12, 8ª série. 1966. pp. 189-199.
- 138 – A necrópole de Valdoca (Aljustrel). (De colab. com Ruy Freire de Andrade). *Conimbriga*, Coimbra, 5. 1966, pp. 1-6, il.
- 139 – Algumas considerações sobre as fábricas de conservas de peixe da antiguidade encontradas em Portugal. *Arquivo de Beja*, Beja. 23-24, 1966-1967, pp. 123-134, il.
- 140 – Acerca das peças circulares de pedra com furação central bicónica encontradas no Eneolítico de Portugal. (De colab. com Luis de Albuquerque e Castro). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 159 – 77(1-2), Jan. – Jun. 1967, pp. 103-108. il.
- 141 – Acerca duma «tholos» encontrada em Castro Marim. (De colab. com Georges Zbyszewski). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3ª série. 1. 1967, pp. 11-17, il.
- 142 – Fechos e placas de cinturão hallstáticos encontrados em Portugal. (De colab. com Fernando de Almeida). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3ª série, 1, 1967, pp. 81-95, il.
- 143 – Les fouilles récentes dans les amas coquilliers mésolithiques de Muge (1952-1965). (De colab. com Jean Roche). *O Arqueólogo Português*, Lisboa. 3ª série, 1, 1967, pp. 19-41, il.
- 144 – Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia). (De colab. com Georges Zbyszewski e R. Monteiro). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 77(3-4), Jul. – Dez. 1967, pp. 3-8, il. .
- 145 – Une nouvelle station paléolithique de style micro – lusitanien: le gisement du promontoire de Morro à l'ouest de Sesimbra. (De colab. Georges Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 52, 1967, pp. 109-116, il.
- 146 – Le paléolithique des terrasses du Sorraia à l'est de Benavente. (De colab. com Georges Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 52. 1967, pp. 95-107, il.
- 147 – Um poço lusitano – romano encontrado em Idanha-a-Velha. (De colab. com Fernando de Almeida). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3ª série, 1, 1967, pp. 57-63.
- 148 – O povoado neo-eneolítico das Salemas (Ponte de Lousa). (De colab. com Luís de Albuquerque e Casto). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 77(1-2), Jan. – Jun. 1967, pp. 39-45.
- 149 – La station paléolithique de Tojeira (Cós). (De colab. com Georges Zbyszewski). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3ª série. 1, 1967, pp. 65-79, il.
- 150 – Um vaso lusitano – romano com vidro de chumbo, encontrado no Monte do Farrobo – Rio de Moinhos. (De colab. com Ruy Freire de Andrade). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 77 (1-2), Jan. – Jun. 1967. pp. 107-114, il.
- 151 – Chronologie absolue d'un monument énéolithique du Bas-Alentejo (Portugal) par la méthode du Carbone 14. *C.R. des Séances de l'Académie des Sciences de Paris*. 265, série D, p. 945-946.

- 152 – Acerca do campo fortificado de «Chões» de Alpompe (Santarém). (De colab. com Georges Zbyszewski e Maria Cristina Santos). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 2, 3ª série, 1968, pp. 49-59, il.
- 153 – Algumas notas acerca da pesca na antiguidade. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 2, 3ª série, 1968, pp. 113 – 133, il.
- 154 – Uma bula de ouro encontrada em Portugal. (De colab. com Fernando de Almeida). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 2, 3ª série. 1968, pp. 71-75, il.
- 155 – O colar de conchas de Glysimeris da Lapa do Suão (Bombarral). (De colab. com Jorge Monteiro). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 78(1-2), Jan. – Jun. 1968, pp. 55-60, il.
- 156 – Estatueta de «Fortuna» no Museu de Torres Vedras. (De colab. com Fernando de Almeida e Leonel Trindade). *Arqueologia e História*, Lisboa, 1, 9ª série, 1968, pp. 57-69, il.
- 157 – Estatueta romana de Neptuno encontrada nas Caldas da Rainha (De colab. com Fernando de Almeida e Jorge de Almeida Monteiro). *Arqueologia e História*, Lisboa. 1. 9ª série, 1968. pp. 71-78. il.
- 158 – Uma «fornax» lusitano-romana na Egitânia. (De colab. com Fernando de Almeida). *Arqueologia e História*, Lisboa. 2. 3ª série. 1968, pp. 61-70. il.
- 159 – Uma interessante antigualha do Castro do Cabeço dos Mouros (Idanha-a-Velha). (De colab. com Fernando de Almeida). *O Arqueólogo Português*, Lisboa. 2. 3ª série. 1968. pp. 39-44. il.
- 160 – Molde de fundição encontrado no Castro de S. Bento (Évora) (De colab. com Fernando de Almeida). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 2, 3ª série, 1968, pp. 45-48, il.
- 161 – Necrologia — Tenente-Coronel Manuel Afonso do Paço. 1895 –1968. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 2, 3ª série. 1968, pp. 213-216.
- 162 – *A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato*. (De colab. com Seomara da Veiga Ferreira). Lisboa, Editorial Polis, 1969.
- 163 – Correspondência epistolar entre Martins Sarmiento e Nery Delgado. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3, 3ª série, 1969, pp. 235-259.
- 164 – La station paléolithique da Quinta do Cónego (Cortes. Leiria). (De colab. com G. Zbyszewski). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3. 3ª série, 1969, pp. 8-16.
- 165 – Acerca dos conhecimentos de medicina e de cirurgia na antiguidade. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3, 3ª série, 1969, pp.119-130.
- 166 – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. (De colab. com M. F. dos Santos). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3. 3ª série. 1969, pp. 37-62, il,
- 167 – Nota acerca de um fragmento de um diadema? ou adorno? dourado. *Arqueólogo Português*, Lisboa, 3. 3ª série. 1969, pp. 115-117,il.
- 168 – Dois vasos de paredes finas com ornamentação em brácteas «tipo alcachofra» encontrados em Torre de Ares (Tavira). (De colab. com F. de Almeida). *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, 31-32, 1968-1969. pp. 67-69, il.
- 169 – Uma bela jóia romana encontrada em Setúbal. (De colab. com C. Tavares da Silva). *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, 31-32, 1968-1969. pp. 71-74. il.

- 170 – A fortificação eneolítica da Columbeira – Bombarral. (De colab. com H. Schubart e J. de A. Monteiro). *O Arqueólogo Português*, Lisboa. 3. 3ª série, 1969, pp. 17-36.
- 171 – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casainhos*. (De colab. com Vera Leisner e G. Zbyszewski). Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1969. 100 p. il. Memórias dos Serviços Geológicos, nº 16, nova série.
- 172 – Estação pré-histórica de Pragaes – Alcaria (Porto de Mós). (De colab. com F. de Almeida). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 80(3-4), Jul. – Dez. 1970, pp. 257-262. il.
- 173 – Stratigraphie et faunes des niveaux paléolithiques de la Grotte de Salemas (Ponte de Lousa). (De colab. com J. Roche). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 54, 1970. pp. 263-269, il.
- 174 – A estação com cerâmica cardial da Ponta de Sagres (Algarve). *Arqueologia e História*. Lisboa. 2. 9ª série. 1970. pp. 347-359. il.
- 175 – Maxime Vaultier (1898-1969). *Arqueologia e História*, Lisboa. 2. 9ª série, 1970, pp. 341-345. il.
- 176 – La métallurgie primitive au Portugal pendant l'époque chalcolithique. *VI Cong. Int. de Minería*, Leon, 1. 1970, pp. 99-116.
- 177 – Estatueta lusitana (?) de bronze, de Alferrar (Setúbal). (De colab. com C. T. Silva). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 80 (1-2). Jan. – Jun. 1970, pp. 99-104. il.
- 178 – Colher votiva lusitano-romana? do Museu de Setúbal. (De colab. com C. T. Silva). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 80 (3-4), Jul. – Dez. 1970, pp. 387-390. il.
- 179 – O Povo «Campaniforme» da península de Lisboa. *Olisipo*, Lisboa. 33 (130). Maio – Ago. 1970. pp. 47-53
- 180 – O estudo da fauna quaternária pelas pinturas, gravuras rupestres e escultura. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), Lisboa, 2, 1970, pp. 463-488. il.
- 181 – Inventário de monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz. (De colab. com A. V. Guerra). *Arquivo de Beja*, Beja, 25-27. 1968-1970. pp. 45-56, il.
- 182 – Jazida paleolítica do terraço de Martim Ladrão (Mato de Miranda) (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 4. 3ª série, 1970, pp. 41-52. il.
- 183 – Acerca dos vasos globulares, com asas perfuradas e ornamentação em «falsa folha de acácia». *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), Lisboa. 2, 1970. pp. 227-237. il.
- 184 – O monumento megalítico do Alto da Feteira (Pombal). (De colab. com L. Albuquerque e Castro). *Caesaraugusta*, Zaragoza, 33-34. 1969-70.
- 185 – Estação paleolítica de Chamiço (Mato de Miranda). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 4, 3ª série, 1970, pp. 53-64, il.
- 186 – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 4, 1970, pp. 163-174, il.
- 187 – Grutas artificiais da Quinta das Lapas (Torres Vedras). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, vol. 73-74, 3ª série, 1970, pp. 177-187.
- 188 – Descoberta de uma estação languedocense em Idanha-a-Velha. (De colab. com F. de Almeida). *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), Lisboa, 1, 1970, pp. 233-240, il.

- 189 – Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro) (De colab. com F. Almeida, J. Roche e M. F Santos). *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa, 1. 1970, pp. 271-288.
- 190 – Necrópole púnica? em Sesimbra. (De colab. com R. Monteiro). *Arquivo de Beja*, Beja, 25-27, 1968-1970, pp. 3-15, il.
- 191 – Le Néolithique Ancien au Portugal. (De colab. com J. Guilaine). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Paris. 67. 1970, pp. 304-322, il.
- 192 – Tenente-Coronel Afonso do Paço. Arqueólogo e etnógrafo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), Lisboa, 2, 1970, pp. 7-35.
- 193 – A estratigrafia do povoado pré-histórico de Rotura (Setúbal). Nota preliminar. (De colab. com C. T. Silva). *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), Lisboa, 1970, vol. 2, pp. 201-225, il.
- 194 – Um esconderijo de fundidor encontrado no Castro de S. Bernardo (Moura). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 5,3 série, 1971, pp. 139-144, il.
- 195 – Um vaso com ornamentação em «rosetas», encontrado em Beja. (De colab. com A. V. Guerra e C. Ribeiro). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), Junta Nacional de Educação, Coimbra, 1, 1971, pp. 307-308. il.
- 196 – Acerca dos vasos com «janelas triangulares» do Castro de Cerro Furado (Guadiana). (De colab. com E. C. Ribeiro). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 81(3-4), Jul. – Dez. 1971, pp. 255-260, il.
- 197 – Vaso Campaniforme tipo garrafa bojuda do Museu de Torres Vedras. (De colab. com L. Trindade). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 81(3-4), Jul. – Dez. 1971, pp. 261-264, il.
- 198 – Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho) (De colab. com A. de Castello-Branco). *Boletim do Museu e Biblioteca Condes de Castro Guimarães*, Cascais, 2, 1971, pp. 67-84, il.
- 199 – Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). (De colab. com A. Paço e G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 55, 1971, pp. 23-48, il.
- 200 – Descoberta de fornos lusitano – romanos na região de Marateca (Setúbal). (De colab. com F. de Almeida e G. Zbyszewski). *O Arqueólogo Português*, Lisboa. 5, 3ª série. 1971, pp. 155-166. il.
- 201 – Cerâmica negra do tipo grego encontrada em Portugal. *Arqueologia e História*, Lisboa, 3, 9ª série. 1971. pp. 313-332, il.
- 202 – A necrópole do Bronze Meridional Português da Herdade do Peral (Évora). (De colab. com F. de Almeida). *Madriider Mitteilungen*, Heidelberg, vol. 12, 1971. pp. 115-122, il.
- 203 – Algumas considerações sobre os chamados vasos de largo bordo horizontal ou chapéu invertido e sua distribuição em Portugal. *Arqueologia e História*, Lisboa, 3. 9 série, 1971, pp. 9-20, il.
- 204 – Huesos labrados en el Paleolítico Antiguo y Médio de Portugal. (De colab. com I. Barandiarán) *Arqueologia e História*, Lisboa, 3, 9ª série, 1971, pp. 31-54, il.
- 205 – Estação paleolítica de Ramalhosa (Riachos. Torres Novas). (De colab. com G. Zbyszewski. M. Leitão e C. T. North). *O Arqueólogo Português*, Lisboa. 5. 3ª série, 1971. pp. 7-36, il.

- 206 – A gruta pré-histórica das Alcobertas. (De colab. com M. C. Santos e G. Zbyszewski). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), Junta Nacional de Educação, Coimbra, 1. 1971, pp. 201-225, il. pp. 97-106, il.
- 207 – Inventário das estações da Idade do Ferro nos arredores da Figueira da Foz. (De colab. com A. V. Guerra). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), Junta Nacional de Educação. Coimbra, 1, 1971, pp. 297-303 + 2 Est.
- 208 – O monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). (De colab. com F. Almeida). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), Junta Nacional de Educação. Coimbra, 1. 1971, pp. 163-168, il.
- 209 – Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio (Azóia – Sesimbra). (De colab. com R. Monteiro e G. Zbyszewski). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), Junta Nacional de Educação. Coimbra, 1. 1971. pp. 107-120, il.
- 210 – Notícia de uma falange-idolo gravada do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz. (De colab. com A. V. Guerra). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 81(1-2). Jan. – Jul. 1971, pp. 43-49, il.
- 211 – O nível neolítico da Gruta das Salemas (Ponte de Lousa). (De colab. com L. de Albuquerque e Castro). *Arqueologia e História*. Lisboa. 4. 9ª série, 1972, pp. 399-414, il.
- 212 – Descoberta de uma reprodução de estatueta grega encontrada no Pedrógão Pequeno (Beira Baixa). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 82(3-4). Jul. – Dez. 1972, pp. 221-223, il.
- 213 – Dois vasos raros do Museu do Bombarral. (De colab. com V. Cortes, A. Furtado, A. Maurício e J. A. Monteiro). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 82(3-4), Jul. – Dez. 1972, pp. 231-234, il.
- 214 – Indústrias paleolíticas da região de Santo Estêvão. (De colab. com G. Zbyszewski). *Arqueologia e História*, Lisboa. 4. 9ª série. 1972. pp. 269-287, il.
- 215 – Estação mustierense da Quinta da Rosa (Rio Maior). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North). *Arqueologia e História*, Lisboa. 4, 9ª série. 1972, pp. 483-501.
- 216 – O paleolítico do povoado pré-romano de Chões de Alompé (Santarém). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North). *Arqueologia e História*, Lisboa. 4. 9ª série, 1972, pp. 157-189, il.
- 217 – A importância da estação neolítica de Santa Olaia para o estudo do Neolítico em Portugal. *Arqueologia e História*, Lisboa, 4, 9ª série. 1972, pp. 49-64, il.
- 218 – Descoberta de uma mini-máscara de «terra cota» na estação lusitano-romana do Alto da Cidreira (Cascais). (De colab. com A. de Castello-Branco e G. Cardoso). *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa. 33/35. 1970-1972, pp. 101-104, il.
- 219 – Contribuição para o estudo das indústrias mirenses de Vila Nova de Milfontes. (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 6, 3ª série, 1972, pp. 103-118. il.
- 220 – Acerca das placas de ídolos com mãos encontradas em Portugal e o culto da fecundidade. *Estudios dedicados al Professor Dr. Luis Pericot*. Instituto de Arqueologia y Prehistoria, Universidade de Barcelona, Barcelona, 1973, pp. 233-240, il.
- 221 – *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. (De colab. com G. Gallay, K. Spindler e L. Trindade). Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1973. 170 p. il.

- 222 – Der spatbronzezeitliche kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. (De colab. com Konrad Spindler). *Madriider Mitteilungen*, Heidelberg, 14. 1973, pp. 60-108.
- 223 – Numária lusitana. (De colab. com S. da Veiga Ferreira). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa. 75-78, 1973. pp. 13-, il.
- 224 – A estação paleolítica de Monte Branco (Juromenha). (De colab. com G. Zhyszewski. M. Leitão, C. T. North e H. R. de Sousa) *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972), Lisboa, 1. 1973. pp. 27-60, il.
- 225 – A propósito de um fragmento de crânio com vestígios de trepanação, do Museu Dr. Santos Rocha na Figueira da Foz. (De colab. com A. V. Guerra). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa 1. 1973, pp. 133-141, il.
- 226 – O povoado pré-histórico da Serra de Espargueira (Belas). (De colab. com T. North e M. Leitão). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa. 1972), Lisboa, 1, 1973. pp. 143-157. il.
- 227 – Seconde datation par le C 14 de L'amas coquillier mésolithique de Moita do Sebastião (Muge). (De colab. com J. Roche) *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 56, 1972-1973, pp. 471-474.
- 228 – Jazida paleolítica de Mato de Miranda. (De colab. com G. Zbyszewski. M. Leitão e C. T. North). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 22(2), 1973, pp. 93-105. il.
- 229 – Algumas notas sobre a cultura da vinha na antiguidade. *Estudos Italianos em Portugal*. Lisboa, 36, 1973., pp. 179-186.
- 230 – Contribuição para o conhecimento do Paleolítico da região de Torres Novas. (De colab. com G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 56. 1972-1973. pp. 83-99, il.
- 231 – Acerca das chamadas «gravuras rupestres» de Fratel (Portas de Ródão). *Dólmen*, Lisboa, 1, Maio 1973, pp. 25-30, il.
- 232 – Algumas considerações das chamadas «Vénus» pré-históricas e o culto da fecundidade. *Dólmen*, Lisboa, 1, Maio 1973, pp. 15-16.
- 233 – *Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz*. (De colab. com A. V. Guerra). Câmara Municipal da Figueira da Foz, Figueira da Foz, 1974.
- 234 – Das vorgeschichtliche fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal – Portugal. (De colab. com Konrad Spindler). *Madriider Mitteilungen*, Heidelberg. 15. 1974, pp. 28-57, il.
- 235 – Descoberta de uma figurinha de «Terra Cota» nas escavações da Lapa do Suão (Bombarral). (De colab. com J. A. Monteiro, V. Cortes. A. Furtado e A. Maurício). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), Junta Nacional de Educação, Porto, 1. 1974, pp. 85-90. il.
- 236 – Notícia da descoberta de jóias auríferas no distrito de Portalegre. *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, 37, 1974, pp. 79-82, il.
- 237 – Acerca de dois ídolos oculados de osso da colecção de Maxime Vaultier. (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão, J. Norton e T. North). *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, 37, 1974, pp. 83-88, il.
- 238 – Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos (2.^a parte). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, 79-80, 2^a série, 1973-74.

- 239 – Estações paleolíticas de Bairro e do Casal da Figueira (Caldas da Rainha). (De colab. com G. Zbyszewski). *Arqueologia e História*, Lisboa, 5, 9ª série, 1974, pp. 135-164, il.
- 240 – O paleolítico do litoral do Baixo Alentejo entre a foz do rio Mira e a foz da ribeira de Odeceixe, (De colab. com G. Zbyszewski). *Arqueologia e História*, 5, 9ª série, 1974, pp. 397-418, il.
- 241 – Estação paleolítica do Castelo Velho (Riachos, Torres Novas). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T North). *Arqueologia e História*, 5, 9ª série. 1974, pp. 55-68, il.
- 242 – Nova achega para o conhecimento da joalheria primitiva. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 84, 1974, pp. 125-128. il.
- 243 – Le monument à coupole de l'âge du bronze final de Ia Roça do Casal do Meio (Calhariz). (De colab. com K. Spindler, A. Castelo Branco e G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 57, 1973-1974, pp. 91-154. il.
- 244 – Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros da região de Muge (Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 58, 1974, pp. 191-196. il.
- 245 – A contribuição do «agro setubalense» para o conhecimento da cultura do vaso campaniforme em Portugal. (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão, C. T North e H. R. Sousa). *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 1, 1975, pp. 45-51, il.
- 246 – The megalithic tomb of Pedra Branca. Portugal. Preliminary report. (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão, C. T. North e H. R. de Sousa). *Proceedings of the Prehistoric Society*, London, 41, 1975. pp. 167-178. il.
- 247 – Flauta, Chamariz ou negaça de caça de osso encontrada no Castro de Leceia (Barcarena). (De colab. com J. L. Cardoso). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, 1975, 81. 3ª série. pp. 57-63, il.
- 248 – Acerca dos monumentos de planta quadrada ou rectangular encontrados em Portugal. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, 1975, 81, 3ª série, pp. 49-55, il.
- 249 – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão, C. T. North e H. R. de Sousa). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 59, 1975, pp. 107-192, il.
- 250 – La station de Penha Verde (Sintra). (De colab. com J. Roche). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 59, 1975, pp. 253-264, il.
- 251 – A jazida paleolítica de Montalvo (Montargil). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão, J. Norton e C. T. North). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 59, 1975, pp. 265-283, il.
- 252 – Notas para o estudo da «dama» palmiriana do Museu Nacional de Arqueologia – Lisboa. (De colab. com S. Simões). *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, 38-39. 1975-1976, pp. 247-264, il.
- 253 – Découverte d'un silo préhistorique près de Verdelha dos Ruivos (Vialonga). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão, J. Norton e C T. North). *Madriider Mitteilungen*. Lisboa, 17, 1976, pp. 76-78, il.
- 254 – A Lapa do Suão. Relatório da campanha de escavações de 1970. (De colab. com J. Cortes, A. Furtado, A. S. Maurício e J. A. Monteiro). *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, 83, 3ª série, 1977, pp. 219-237, il.
- 255 – Le monument de Pedras da Granja ou de Pedras Altas dans la Várzea de Sintra. (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão, C. T. North e J. Norton). *Ciências da Terra (U.N.L.)*, Lisboa, 3, 1977, pp. 197-239, il.

- 256 – O espólio arqueológico das grutas da Ribeira dos Crastrós (Caldas da Rainha). (De colab. com C. T. North e M. Leitão). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 61. 1977, pp.5-11, il.
- 257 – Descoberta de insculpturas com a figura humana estilizada na região de Brotas (Mora). O Penedo de Almoimha. (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 61. 1977, pp. 33-41, il.
- 258 – Nouvelles découvertes de cromlechs et de menhirs au Portugal (De colab. com G. Zbyszewski, H. R. Souza, M. Leitão e C. T. North). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 61, 1977, pp. 63-73, il.
- 259 – A estação paleolítica de Monte da Faia (Caia da Urra, Portalegre). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 61. 1977, pp. 89-155, il.
- 260 – Estação paleolítica do Olival do Arneiro (Arruda dos Pizões, Rio Maior), (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 61, 1977, pp. 263-333, il.
- 261 – Subsídio para a carta arqueológica da região egitaniense. *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 4, 1978, pp. 227-241, il.
- 262 – Um acampamento languedocense com indústria mirensa a sul de V. N. de Milfontes. A Pedra de D. Rodrigo, (De colab. com C. Penalva). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 63, 1978, pp. 437- 448, il.
- 263 – La céramique de la culture du vase campaniforme du Portugal. Essai de systhématisation. (De colab. com G. Zbyszewski, J. Norton. M. Leitão e C. T. North). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 63, 1978, pp. 449-520, il.
- 264 – Nota preliminar acerca da gruta neolítica do Lugar do Canto-Valverde (Alcanede). (De colab. com G. Zbyszewski. M. Leitão, C. T. North e J. Norton). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 22, 1978-79, pp. 7-16, il.
- 265 – Breves apontamentos sobre as antas em Portugal. (De colab. com M. Leitão e C. T. North). *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, 40/42, 1977-1979, pp. 119-126, il.
- 266 – Nota sobre uma lasca-núcleo da Lapa da Rainha (Vimeiro). (De colab. com C. Penalva). *Revista de Guimarães*, Guimarães, 89, 1979, pp. 265-273, il.
- 267 – A “Pebble culture” do litoral entre Laredo das Corchas e a Ponte Ruiva (Algarve). Nota preliminar. (De colab. com G. Zbyszewski e C. Penalva). *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 5, 1979. pp. 17-29, il.
- 268 – Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, 3ª série. 83, 1977, pp. 203-218. il; 85, 1979, pp. 163-164, il.
- 269 – Os elementos de adorno do Paleolítico Superior de Portugal. (De colab. com J. Roche). *Arqueologia*, Porto, 2, 1980, pp. 7-11, il.
- 270 – Paleo-anthropologie du Würm au Portugal (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. Penalva), *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 6-7, 1980-81, pp. 7-11,
- 271 – Novas insculpturas pré-históricas descobertas na Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo). (De colab. com S. da Veiga Ferreira, H. F. D. Ferreira e S. Simões). *Gallaecia*, Santiago de Compostela. 1981, 6, pp. 217-227, il.
- 272 – Nouvelles données sur e Néolithique ancien de la station à céramique cardiale de Sagres (Algarve). (De colab. com G. Zbyszewski, C. T. North, M. Leitão e J. Norton). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 67. 1981, pp. 301-311, il.

- 273 – As jóias auríferas da gruta pré-histórica de Verdelha dos Ruivos (Vialonga-Portugal). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão, C. T. North e J. Norton). *Zephyrus*, Salamanca. 32-33. 1981. pp. 113-119. il.
- 274 – *Portugal Pré-histórico – seu enquadramento no Mediterrâneo* (De colab. com M. Leitão). Publicações Europa-América. Lisboa. 1.^a 1980. 2.^a Edição, 1985. 265 p. il.
- 275 – Découverte d'un instrument perforé sur bois de *Cervus elaphus* au Cabeço da Amoreira (Muge). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. Penalva). *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 6–7, 1980-81, pp. 39-45.
- 276 – Ausgrabung eines megalithgräben im Alto Alentejo. (De colab. com Konrad Spindler). *Madriider Mitteilungen*, Mainz, 22. 1981. pp. 36-54, il.
- 277 – Nota prévia sobre a “Pebble Culture” da praia calabriana do Mirouço (Algarve). (De colab com G. Zbyszewski e C. Penalva). *Madriider Mitteilungen*, Mainz. 22. 1981 , pp. 11–18, il.
- 278 – A “Pebble Culture” do nível calabriano da Seixosa (Portugal). Aspectos tipológicas e geológicas. (De colab. com G. Zbyszewski. C. Penalva. M Leitão e C. T. North). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 24, 1981-1982, pp. 127-161, il.
- 279 – *Guia descritivo da sala de Arqueologia do Museu dos Serviços Geológicos*. Serviços Geológicos de Portugal. (2.^a edição). Lisboa, 1982. 32 p.
- 280 – Cavernas com interesse cultural encontradas em Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 68, 1982, pp. 285-298, il.
- 281 – Algumas cartas inéditas de geólogos, arqueólogos e paleoantropólogos o célebres. *Estudos de História de Portugal*, 2, homenagem a A. A. de Oliveira Marques, Editorial Estampa, Lisboa, 1983, pp. 429-438, il.
- 282 – The prehistory burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga – Portugal). (De colab. com M. Leitão, C. T. North. J. Norton e G. Zbyszewski). J. Guilaine, ed. *L'âge du cuivre européen*, Toulouse, C.N.R.S., 1984, pp. 221-239, il.
- 283 – As indústrias paleolíticas da Tapada do Falcão (Caia da Urra – Portalegre). (De colab. com F. McCartney, G Zbyszewski e C. Penalva). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 70(1), 1984, pp. 111-122, il.
- 284 – O mais importante nível de ocupação do caçador Neandertal de Gruta Nova de Columbeira (Bombarral). *Editions recherche sur les civilisations (Homenagem a G. Zbyszewski)*, Paris, 1984, pp. 365-370, il.
- 285 – A “Pebble culture” ou “Pebble industry” — breve síntese da sua descoberta e estudo. *Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. *Lucerna*. Porto, 6. 1984, pp. 17-24. (Também publicado em *Ciência Actual* 1, 1984), il.
- 286 – Uma estatueta madalenense “tipo Laugerie Basse” encontrada em Portugal. (De colab. com Georges Zbyszewski). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 26, 1984-1985, pp. 207-211, il.
- 287 – Acerca dos enigmáticos báculos da Cultura Megalítica do Alentejo. *Arqueologia, Homenagem a Jean Roche*, 1. Porto, 12, 1985. pp. 86-93, il.
- 288 – O Paleolítico do Casal do Conde, Quinta da Cardiga. (De colab com G. Zbyszewski). *Arqueologia, Homenagem a Jean Roche*. II, Porto, 13, 1986, pp. 5-13, il.
- 289 – Nota acerca de uma conta – amuleto encontrada no “tholos” da Tituaría (Mafra). (De colab. com J. L. Cardoso e M. Leitão). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 5, 4.^a série, 1987, pp. 89-99, il.

- 290 – O Paleolítico de Trás do Outeiro-Serrada (Óbidos). (De colab. com G. Zbyszewski e D. Belo). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 5, 4ª série, 1987, pp. 7-20, il.
- 291 – A gruta pré-histórica do Lugar da Canto. Valverde (Alcanede). (De colab. com M. Leitão, C. T. North, J. Norton e G. Zbyszewski). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 5, 4ª série, 1987, pp. 37-65, il.
- 292 – O Paleolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). (De colab. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 8, 1987, pp. 7-27, il.
- 293 – Descoberta de uma nova estação paleolítica na área de Salvaterra de Magos. (De col. com G. Zbyszewski). *Estudos de Homenagem a Mariano Feio*, Lisboa, 1998, pp. 649-663, il.
- 294 – Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). (De colab. com João Luis Cardoso). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa 1, 1990, pp. 5-12, il.
- 295 – A ocupação epipaleolítica da Penha Verde (Sinta). (De colab. com João Luis Cardoso). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 9/10, pp. 7-16, il.
- 296 – A lapa do Bugio. (De colab. com João Luis Cardoso, R. Monteiro, A. V. Pinto Coelho, F. Guerra, F. Bragança Gil e J. Pais) *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 9/10, pp. 89-225, il.
- 297 – Cerâmicas ungladas do povoado calcolítico da Penha Verde (De colab. com J. L. Cardoso e J. R. Carreira). *AI – Madan*, Almada, 2, 2ª série, pp. 35-38, il.
- 298 – O santuário calcolítico da Junta do Correio Mor (Loures). (De colab. com J. L. Cardoso, M. Leitão, J. Norton e C. T. North). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 1995, 5, pp. 97-121, il.
- 299 – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). (De colab. com J. L. Cardoso, M. Leitão, C. T. North, J. Norton, J. Medeiros e P. Fialho de Sonsa) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 1996, 6, pp. 135-193, il.
- 300 – Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. (De colab. com J. L. Cardoso e J. R. Carreira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 1996, 6, pp. 9-26, il.
- 301 – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). (De colab. com J. L. Cardoso e J. R. Carreira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 1996, 6, pp. 195-256, il.
- 302 – Le Paléolithique supérieur au Portugal. (De col. com G. Zbyszewski e M. Leitão). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 1999/2000, 8, pp. 55-82, il.
- 303 – *A Gruta Nova da Columbeira. Bombarral* (Portugal) (De colab. com J. L. Cardoso e L. Raposo). Câmara Municipal do Bombarral. Bombarral, 2002, 142 p, il.

Paleontologia e Geologia

- 304 – Os Pectinídeos do Miocénico do Algarve. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 32, 1951, pp. 153-180, il.
- 305 – Empreintes de pas de dinosauriens dans le Jurassique du Cap Mondego (Portugal). (De colab. com A de Lapparent *et al.*). *C. R. Soc. Geol. de France*, Paris, 14, 1951.

- 306 – Os Pectinídeos do Miocénico da Ilha de Santa Maria (Açores). *Rev. Fac. Ciências de Lisboa*, Lisboa, 2, 1952.
- 307 – Espécies novas de Pectinídeos do Miocénico Português *Bol. Soc. Geol. de Portugal*, Porto, 11, 1953.
- 308 – Os Pectinídeos da Ilha de Santa Maria (Açores). *Açoreana*. Angra do Heroísmo, 1954.
- 309 – Faune malacologique; crustacés et poissons Muge (Moita do Sebastião). *Actas do IV Congresso Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas* (Madrid, 1954), Zaragoza, 1956, pp. 339-346, il.
- 310 – Malacostáceos do Miocénico marinho em Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 35, 1954. pp. 57-78, il.
- 311 – Pectinídeos do Miocénico do Vale do Sado e da Serra da Arrábida. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 35.1954, pp. 155-191, il.
- 312 – Sur la présence du genre *Mecochirus* dans le Crétacé portugais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 36, 1955. pp. 117-121, il
- 313 – A fauna miocénica da Ilha de Santa Maria (Açores). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 36, 1955, pp. 9-44, il.
- 314 – Acerca da posição de *Parapiriniela angolensis* Van STRAELEN nas camadas da lela. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 38. 1957. pp. 465-468, il.
- 315 – Engenheiro Carlos Bento Freire de Andrade 1893-1956. II – Notas biográficas e bibliográficas. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 38, pp. 471- 479, il.
- 316 – Novos restos de *Ictyosauridae* e *Stenopterygidae* encontrados no Lias de Portugal, camadas da lela, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 42, 1958, pp. 175-183, il.
- 317 – Acerca da presença de *Purpura haemastoma* e *Purpura lappilus* nas estações pré-históricas portuguesas. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 68(3/4), Jul. – Dez., 1958, pp. 377-382, il.
- 318 – Descoberta de *Calappa heberti* no Tortoriano de Penedo (Cabo Espichel). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 42, 1958, pp. 203-207, il. pp. 15-25. il.
- 319 – A génese da humanidade. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa, 3, 1958.
- 320 – Nota sobre a presença do género *Pelagosaurus* no Lias de Tomar. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, Porto, 41, 1959.
- 321 – Nova espécie de *Callianassa* no Miocénico da Bacia do Tejo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 45. 1961, pp. 479-482, il.
- 322 – La faune marine des basses plages quaternaires de Praia et de Prainha dans l'île de Santa Maria (Açores). (De colab. com G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 45, 1961.
- 323 – Fauna ictyológica do Cretácico de Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 45, 1961, pp. 251-278, il.
- 324 – Equinídeos do Miocénico de Portugal Continental e Ilhas Adjacentes. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 45, 1961, pp. 529-564, il.

- 325 – Pectinídeos do Miocénico da Bacia do Tejo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 45, 1961, pp. 419-465, il.
- 326 – A erupção do Pico do Sapateiro e a fonte do século XVI da Ribeira Seca (Ilha de São Miguel, Açores). (De colab. com G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 45, 1961, pp. 565-571, il.
- 327 – La géologie des îlots de Formigas au NE de l'île de Santa Maria (De colab., com G. Zbyszewski e C. Torre de Assunção). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 45, 1961, pp. 513-518, il.
- 328 – Afloramentos de calcário miocénico da ilha de Santa Maria (Açores). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 45, pp. 493-501, il.
- 329 – Nota sobre a presença do género *Agassizia* no Miocénico do Algarve. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 46, 1962, pp. 293-295, il.
- 330 – Étude géologique de l'île de Santa Maria (Açores). (De colab. com G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 46, 1962, pp. 209-245, il.
- 331 – La faune miocène de l'île de Santa Maria (Açores). (De colab. com G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 46, 1962, pp. 247-291, il.
- 332 – Nova contribuição para o conhecimento dos malacostáceos do Miocénico marinho de Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 48, 1964-1965, pp. 141-155, il.
- 333 – Découverte de vertébrés fossiles dans le Miocène de la région de Leiria. (De colab. com G. Zbyszewski). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 52, 1967, pp. 5-10, il.
- 334 – Descoberta em Cascais de uma jazida com fauna quaternária *Revista de Guimarães*, 78 (3/4), Jul. – Dez. 1968, pp. 297-302, il.
- 335 – Mamíferos do Miocénico superior do Areeiro da Formiga (Azambuja). (De colab. com G. Zbyszewski e M. Telles Antunes). *Bol. Soc. Port. Ciências Naturais*, Lisboa, 13, 1970-1971.
- 336 – Descoberta de uma jazida quaternária com *Ursus arctos* no lugar de S. Bartolomeu (Lourinhã). (De colab. com A. Furtado et al.). *Cesaraugusta*, Zaragoza, 1974.
- 337 – Os rinocerontes quaternários encontrados em Portugal, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 59, 1975, pp. 15-25, il.
- 338 – Contribution à la connaissance des gisements fossilifères miocènes au Nord du Cap d'Espichel. (De colab. com B. e Y. Kotchetoff). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 59, 1975, pp. 59-106, il.
- 339 – A formação da Terra e a origem da vida. *Ciência Actual*, Lisboa, 2, 1984.
- 340 – Os grandes momentos da história da Terra. *Ciência Actual*, Lisboa, 3, 1984.
- 341 – O que era Lisboa há milhões de anos? *Lisboa – Revista Municipal*. Lisboa, 22, 2 série, 1987, pp. 3-11, il.
- 342 – Les Vertébrés quaternaires portugais à la lueur des études récentes. (De colab. com G. Zbyszewski). *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 35, 1989, pp. 155-162, il.

Colaboração na Enciclopédia Verbo de Cultura

- 343 – Ribatejo, fasc. 184
- 344 – Douro Litoral, fasc. 71
- 345 – Estremadura, fasc. 38
- 346 – Trás-os-Montes, fasc. 204
- 347 – Metalurgia primitiva (de colab. com S. da Veiga Ferreira), fasc. 148
- 348- Lusitânia, fasc. 137.
- 349 – Endovelico, fasc. 76.
- 350 – Eneolítico, fasc. 76.
- 351 – Epigravetense, fasc. 77.

Cartas geológicas de Portugal na escala de 1/50 000 folhas de que foi co-autor

- 352 – Folha 26 C Peniche (1960)
- 353 – Folha 30 A Lourinhã (1960)
- 354 – Folha 26 B Alcobaça (196!)
- 355 – Folha 46 A Castro Verde
- 356 – Folha 30 D Alenquer (1962)
- 357 – Folha 38 B Setúbal (1964)
- 358 – Folha 22 D Marinha Grande (1964)
- 359 – Folha 30 B Bombarral (1965)
- 360 – Folha 22 B Vieira de Leiria (1965)
- 361 – Folha 23 C Leiria (1966)
- 362 – Folha 35 C Santo Isidro de Pegões (1966)
- 363 – Folha 35 A Santo Estêvão (1968)
- 364 – Folha da Ilha de S. Miguel (Açores) (B) (1958)
- 365 – Folha da Ilha de S. Miguel (Açores) (A) (1958)
- 366 – Folha da Ilha de S. Maria (Açores) (1960)
- 367 – Folha da Ilha do Pico (Açores) (A) (1962)
- 368 – Folha da Ilha do Pico (Açores) (B) (1962)
- 369 – Folha da Ilha da Madeira (A) (1974t)
- 370 – Folha da Ilha da Madeira (II) (1974t)
- 371 – Folha 27 C Torres Novas (1969)
- 372 – Folha 27 A Vila Nova de Ourém (1970)

- 373 – Folha 27 C Aguas de Moura (1972)
- 374 – Folha 26 C Peniche (1960)
- 375 – Folha 31 C Coruche (1967)
- 376 – Folha 35 B Mora (1976)
- 377 – Folha 36 A Pavia (1981)
- 378 – Folha 32 A Ponte de Sor (1981)
- 379 – Folha 34 B Loures 34 B (1981)
- 381 – Folha da Ilha Terceira (1980)
- 381 – Folha das Ilhas Desertas (1972)
- 382- Folha 42 D Aljustrel 1984
- 383 – Folha da Ilha do Faial (1959)
- 384 – Folha da Ilha do Corvo (1967)
- 385 – Folha da Ilha das Flores (1968)
- 386 – Folha da Ilha Graciosa (1971)
- 387 – Folha das Ilhas Selvagens (1978)

Colaboração em notícias explicativas da Carta Geológica de Portugal nas escalas de 1/50 000 e 1/25 000

- 388 – Ilha de S. Miguel (B) (1958)
- 389 – Ilha de S. Miguel (A) (1959)
- 390 – Ilha do Faial (1959)
- 391 – 26 C – Peniche (1960) (só arqueologia)
- 392 – 26 D – Caldas da Rainha (1960) (só arqueologia)
- 393 – Ilha de Santa Maria (1961)
- 394 – 3 A – Lourinhã (1961)
- 395 – Ilha do Pico (B) (1963)
- 396 – Ilha do Pico (A) (1963)
- 397 – 34 A – Sintra (1961) (só arqueologia)
- 398 – 1 C – Caminha (1961) (só arqueologia)
- 399 – 26 B – Alcobaça (1963) (só arqueologia)
- 400 – 46 A – Castro Verde (1964) (incluindo arqueologia)
- 401 – 38 B – Setúbal (1965) (incluindo arqueologia)
- 402 – 2 B – Nisa (1965) (só arqueologia)
- 403 – 30 D – Alenquer (1965) (só arqueologia)

404 – 9 A – Póvoa de Varzim (1965) (só arqueologia)
405 – 22 B – Vieira de Leiria (1965) (só arqueologia)
406 – 30 B – Bombarral (1965) (incluindo arqueologia)
407 – 10 C – Peso da Régua (1967) (só arqueologia)
408 – Ilha do Corvo (1967)
409 – 35 C – Santo Isidro de Pegões(1968) (incluindo arqueologia)
410 – 23 C – Leiria (1968) (incluindo arqueologia)
411 – Ilha das Flores (1968)
412 – 31 C – Coruche (1968) (incluindo arqueologia)
413 – 2 A – Dois Portos (1968) (só arqueologia)
414 – 35 A – Santo Estêvão (1969) (incluindo arqueologia)
415 – 14 A – Lamego (1969) (só arqueologia)
416 – 43 B – Moura (1970) (só arqueologia)
417 – 27 C – Torres Novas (1971) (incluindo arqueologia)
418 – 41 A – Monsaraz (1971) (só arqueologia)
419 – Ilha Terceira (1971)
420 – 14 D – Aguiar da Beira (1972) (só arqueologia)
421 – Ilha Graciosa (1972)
422 – 28 D – Castelo de Vide (1973) (só arqueologia)
423 – Ilhas Desertas (1973)
424 – 27 A – Vila Nova de Ourém (1974) (incluindo arqueologia)
425 – 5 B – Ponte da Barca (1975) (só arqueologia)
426 – Ilha da Madeira A e B (1975)
427 – 37 C – Juromenha (1976) (só arqueologia)
428 – 39 A – Aguas de Moura (1976) (incluindo arqueologia)
429 – 29 C – Marvão (1976) (só arqueologia)
430 – 16 A – Aveiro (1976) (só arqueologia)
431 – 23 A – Pombal (1978) (incluindo arqueologia)
432 – 35 B – Mora (1978) (incluindo arqueologia)
433 – 51 B – Vila do Bispo (1978) (só arqueologia)
434 – 30 D – Chouto (incluindo arqueologia)
435 – 2 C – Tourém (1979) (só arqueologia)
436 – Ilhas Selvagens (1979)
437 – 36 A – Pavia (1980) (incluindo arqueologia)

438 - 42 D - Aljustrel (1987) (incluindo arqueologia)
439 - 14 C - Castro Daire (1980) (só arqueologia)
440 - 11 C - Mourão (1980) (só arqueologia)
441 - 19 C - Figueira da Foz (1981) (só arqueologia)
442 - 34 C - Cascais (1981) (só arqueologia)
443 - 28 C - Gavião (1981) (só arqueologia)
444 - 52 B - Albufeira (1981) (só arqueologia)
445 - 44 B - Barrancos (1982) (só arqueologia)
446 - 32 A - Ponte de Sôr (1982) (só arqueologia)
447 - 52 A - Portimão (1983) (só arqueologia)
448 - 39 C - Alcácer do Sal (1983) (só arqueologia)
449 - 6 A - Montalegre (1983) (só arqueologia)
450 - 31 D - Montargil (1984) (só arqueologia)
451 - 42 C - Santiago do Cacém (1985) (só arqueologia)
452 - 53 A - Faro (1985) (só arqueologia)
453 - 53 B - Tavira (1987) (só arqueologia)
454 - 42 D - Aljustrel (1987) (incluindo arqueologia)